

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DEMOGRAFIA**

**Envelhecimento, família e transferências intergeracionais em
Montevideu, Uruguai**

CAROLINA ALONDRA GUIDOTTI GONZALEZ

Fevereiro/ 2010

C1
R484

CAROLINA ALONDRA GUIDOTTI GONZALEZ

**ENVELHECIMENTO, FAMÍLIA E TRANSFERÊNCIAS
INTERGERACIONAIS EM MONTEVIDÉU, URUGUAI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Demografia do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob a
orientação da Profa. Dra. Tirza Aidar

Este exemplar corresponde à redação final
da Dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 26/02/2010.

BANCA

Profa. Dra. Tirza Aidar (Orientadora)

Profa. Dra. Elisabete Dória Bilac

Profa. Dra. Lilia Terezinha Montali

Profa. Dra. Rosana Aparecida Baeninger (suplente)

Profa. Dra. Stella Maria Barbera da Silva Telles (suplente)

FEVEREIRO/2010

201008056

*Al Centro de Estudios de Ciencias
Naturales (CECN) de Uruguay.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Tirza Aidar, minha orientadora, pela sua dedicação, pelo apoio acadêmico e a confiança que depositou em mim.

Aos Professores Roberto do Carmo, José Marcos Pinto da Cunha, Elisabete Bilac, Rosana Baeninger e Maria Coleta de Oliveira por ter me aberto as portas do instituto e me indicado o caminho durante as primeiras etapas desta jornada.

A Lilia Montali e a Elisabete Bilac pelas sugestões apontadas na banca de qualificação.

A equipe de técnicos e pesquisadores das diversas áreas do Núcleo de Estudos de População, especialmente a Raquel Jakob, pelo assessoramento na utilização de ferramentas computacionais.

À CAPES pela concessão da bolsa de Mestrado.

Aos meus pais Alondra e Helios, minha tia Marisol e minha irmã Ethel, que com sua voz distante sempre me apoiaram.

A Oscar, que acompanhou cada passo deste processo.

Aos colegas do curso pelos momentos descontraídos e produtivos que passamos juntos.

A todos meus amigos – os de Uruguai e os do Brasil – pela força e permanente companhia.

RESUMO

Este trabalho delimita o panorama das configurações familiares em que os idosos montevideanos moram e das transferências em que participam, partindo de dados das *Encuestas Continuas de Hogares* do *Instituto Nacional de Estadística del Uruguay*, dos anos 2001 e 2007 e da pesquisa Saúde, Bem-estar e Envelhecimento, realizada pela Organização Pan-americana da Saúde de 2000. O objetivo é investigar em que medida os idosos, beneficiários do sistema de previdência social com alta abrangência (que os coloca numa situação econômica relativamente favorecida em relação aos grupos mais jovens), participam das dinâmicas de redistribuição desses benefícios nos hogares em que vivem com outras gerações. Com esse objetivo é elaborada uma caracterização dos hogares com idosos, considerando as condições de vida destes e as possíveis transferências de recursos e serviços dos quais participam. O estudo parte da hipótese de que a desigualdade sócio-econômica é peça chave para compreender as dinâmicas de transferências dentro e entre os hogares, assim como para delimitar as formas de solidariedade intergeracional nos mesmos.

ABSTRACT

This work outlines the framework of the family configurations in which the elderly population of Montevideo lives and the transfers they are involved. We will use data, obtained in 2001 and 2007, from the survey *Encuesta Continua de Hogares* of the *Instituto Nacional de Estadística del Uruguay* (National Institute of Statistics of Uruguay), and, also, from the survey on Health, Well-Being and Aging by the Pan American Health Organization of year 2000. The main objective is to investigate how older people, which are recipients of a broad social protection system and have an economic situation relatively better than the younger groups, participate of household intergenerational distribution dynamics. In order to achieve this goal, we elaborated a characterization of the elderly's households, considering the life conditions, the resources and service transfers in which they participate. The initial hypotheses is that the socioeconomic inequality is the key for understand the transfer dynamics into, and between the households and for delimiting the types (classes) of intergenerational solidarity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – Envelhecimento, transferências intergeracionais e políticas públicas	5
1.1 - Transição demográfica no Uruguai	5
1.2 - Os estudos sobre transferências intergeracionais.....	9
1.3 - Especificações do caso uruguaio	10
1.4 - As políticas públicas direcionadas à população idosa no Uruguai.....	15
CAPÍTULO 2 – Materiais e métodos	21
2.1 As <i>Encuestas Continuas de Hogares</i>	21
2.2 - Explorando o módulo <i>Uso del tiempo y trabajo no remunerado en el Uruguay</i> da ECH de 2007.....	23
2.3 - Pesquisa Saúde, Bem-estar e Envelhecimento	24
2.4 - Contextualizando os principais conceitos utilizados	25
CAPÍTULO 3 – Caracterização da população idosa de Montevidéu	27
3.1 - A estrutura dos hogares e a presença de idosos.....	27
3.2 - Composição etária dos hogares.....	28
3.3 - Os arranjos domésticos baseados em relações de parentesco.....	30
3.4 - Os hogares com idosos e a condição de chefia	33
3.5 - Sexo e chefia.....	34
3.6 - Os hogares extensos: o caso particular de avôs e netos conviventes	37
3.7 - Características da população idosa	39
3.8 - Os diferenciais por idade.....	42
3.9 - Os diferenciais por sexo.....	47
3.10 - Os diferenciais por situação conjugal.....	49
3.11 - A renda do idoso e a questão da solidariedade intergeracional	50
3.12 - Condição de atividade.....	53
3.13 - Participação da renda do idoso na renda do hogar	57
3.14 - A posse do local de moradia (vivenda)	59
CAPÍTULO 4 - O circuito de transferências internas e externas ao hogar	61
4.1 - Os circuitos de ajuda.....	61

4.3 - Renda, formas de convivência e as transferências intergeracionais	66
4.4 - A Frequência das transferências.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXO A - METODOLOGIA.....	81
As bases de dados utilizadas	81
Da construção das variáveis	81
Sobre a distribuição segundo quartis de renda.....	84
Do cruzamento de dados	85
ANEXO B – TABELAS	87

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 - População de Montevideú segundo grandes grupos etários, 2001 e 2007.....	28
TABELA 2 - Distribuição dos hogares segundo composição. Montevideú, 2001 e 2007.....	28
TABELA 3 - Distribuição (%) dos tipos de arranjos domésticos para hogares com ou sem idosos. Montevideú, anos 2001 e 2007	32
TABELA 4 - Distribuição (%) dos hogares segundo composição e condição de chefia do idoso por configuração doméstica. Montevideú 2001 e 2007	34
TABELA 5 - Distribuição (%) dos hogares segundo configuração doméstica por sexo do chefe e idade (idoso ou não). Montevideú 2001 e 2007	36
TABELA 6 - Distribuição (%) da população idosa segundo configuração doméstica por quartis de renda per capita do hogar. Montevideú, 2001 e 2007.....	40
TABELA 7 - Distribuição (%) da população idosa segundo configuração doméstica por idade e quartis de renda per capita do hogar. Montevideú, 2001 e 2007.....	44
TABELA 8 - Distribuição (%) da população idosa segundo configuração doméstica por idade e grupos de renda do idoso (segundo salários mínimos). Montevideú, 2001.....	46
TABELA 9 - Distribuição (%) da população idosa segundo configuração doméstica por idade e grupos de renda do idoso (segundo salários mínimos). Montevideú, 2007.....	46
TABELA 10 - Distribuição (%) dos idosos segundo situação conjugal por sexo e configuração doméstica. Montevideú, 2007.....	49
TABELA 11 - Distribuição (%) da condição de atividade dos idosos segundo quartis de renda per capita do hogar e sexo do chefe. Montevideú 2001 e 2007	56
TABELA 12 - Razão de renda do chefe idoso em relação à renda per capita do hogar segundo grupos de renda, sexo e tipos de hogar. Montevideú 2007.....	58
TABELA 13 - Distribuição(%) dos hogares segundo condição de propriedade da vivenda por idade do chefe (idoso ou não) e quartis de renda per capita do hogar. Montevideú, 2001 e 2007	59
TABELA 14 - Proporção (%) de idosos que recebem ou fornecem ajuda, por tipo de ajuda e localização da transferência. Montevideú, 2000	62
TABELA 15 - Distribuição (%) dos idosos segundo tipo de ajuda fornecida e recebida no hogar*, por sexo. Montevideú, 2000.....	64

TABELA 16 - Proporção (%) de idosos que declaram fornecer ajuda no hogar* por tipo de ajuda, sexo e configuração doméstica. Montevideú, 2000.....	65
TABELA 17 - Distribuição (%) dos idosos segundo tipo de ajuda que fornecem ou recebem no hogar*, por grupos etários. Montevideú, 2000.....	66
TABELA 18 - Distribuição (%) dos idosos segundo tipo de ajuda fornecida, ou recebida, por tipo de configuração doméstica do hogar. Montevideú, 2000.....	67
TABELA 19 - Distribuição (%) dos idosos segundo local da ajuda fornecida, por grupos de renda do idoso. Montevideú, 2000.....	68
TABELA 20 - Distribuição (%) dos idosos que fornecem ajuda dentro do hogar segundo frequência da ajuda e tipo de configuração doméstica. Montevideú, 2000	68
TABELA 21 - Distribuição (%) dos idosos que fornecem ajuda fora do hogar segundo frequência da ajuda e tipo de configuração doméstica. Montevideú, 2000	69

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Distribuição etária dos componentes dos hogares sem membros idosos. Montevidéu, anos 2001 e 2007	29
GRÁFICO 2 - Distribuição etária dos componentes dos hogares com membros idosos. Montevidéu, anos 2001 e 2007	30
GRÁFICO 3- Distribuição (%) de hogares com chefia idosa e netos conviventes segundo quartis de renda per capita do hogar. Montevidéu, 2001 e 2007.....	37
GRÁFICO 4 - Distribuição (%) de hogares com chefia idosa e pelo menos um neto que não mora com nenhum de seus pais, segundo quartis de renda per capita do hogar. Montevidéu, 2007	39
GRÁFICO 5 - Número de idosos segundo tipo de configuração doméstica e grupo etário. Montevidéu, 2001	43
GRÁFICO 6 - Número de idosos segundo tipo de configuração doméstica e grupo etário. Montevidéu, 2007	43
GRÁFICO 7 - Número de idosos segundo sexo, grupo etário e tipo de configuração doméstica. Montevidéu, 2001	48
GRÁFICO 8 - Número de idosos segundo sexo, grupo etário e tipo de configuração doméstica. Montevidéu, 2007	48
GRÁFICO 9 - Mediana da renda per capita do hogar (\$) segundo idade do chefe e configuração doméstica e grupos de renda per capita do hogar. Montevidéu, 2001	51
GRÁFICO 10 - Mediana da renda per capita do hogar (\$) segundo idade do chefe e configuração doméstica e grupos de renda per capita do hogar. Montevidéu, 2007	52
GRÁFICO 11 - Condição de atividade dos idosos segundo configuração doméstica. Montevidéu, 2001.....	54
GRÁFICO 12 – Condição de atividade dos idosos segundo configuração doméstica. Montevidéu, 2007	54

INTRODUÇÃO

Uruguai é na atualidade um dos países mais envelhecidos da América Latina. Segundo dados censitários a população com 65 anos e mais representava em 2004 13% do total e o índice de envelhecimento indicava que nesse ano residiam no país 56 idosos para cada 100 menores de 15 anos (INE, 2005)¹. Tanto no Uruguai quanto na Argentina a transição demográfica aconteceu cedo em relação ao resto dos países da América Latina. Este processo teve início entre o final do século XIX e começo do XX e atualmente se encontra numa fase muito avançada que se traduz numa estrutura etária bastante envelhecida. Embora a queda da mortalidade e a emigração internacional tenham contribuído para o processo, ainda mais importante foi a lenta e constante queda da fecundidade, que derivou em elevado crescimento relativo da população considerada idosa. Embora seja um processo consolidado há décadas, as tendências dos últimos anos e as projeções para o futuro indicam que a sociedade uruguaia continua e continuará envelhecendo (BUCHELI; FORTEZA; ROSSI, 2006).

Segundo projeções populacionais elaboradas pelo CELADE², no ano de 2010 os idosos são cerca de 470 mil, 13,9% dos 3.373.912 habitantes do Uruguai, e representarão 21% da população em 2050, aproximadamente 125 idosos para cada 100 crianças ou jovens menores de 15 anos.

O envelhecimento da população acarreta mudanças nas famílias, que também envelhecem. Esse processo pode ser medido através do aumento das famílias com idosos e pela maior verticalização das mesmas, isto é, pela coexistência de várias gerações ao interior delas.

Nesse contexto, estudos sobre transferências intergeracionais com participação da população idosa é de extrema relevância. Grande parte da literatura uruguaia que trata essa temática provém da área de economia e privilegia o estudo dos fluxos de transferências econômicas (públicas e privadas). Alguns destes trabalhos constatarem que os idosos recebem mais transferências do que fornecem³.

O presente trabalho tem com questão central explorar outras faces do fenômeno, através da análise da participação ativa dos idosos em transferências intergeracionais no interior e entre os *hogares* onde residem. Usando como apoio os estudos realizados por CAMARANO (2001; 2004) para o caso brasileiro, partimos da hipótese que coloca os idosos uruguaianos como importantes provedores de recursos econômicos, de cuidados e serviços dentro das unidades domésticas das quais são membros, especialmente entre aquelas de recursos mais limitados.

¹ O índice de envelhecimento é calculado como o quociente entre a população de mais de 64 anos e a população menor de 15 anos.

² *Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía* (CELADE/CEPAL) www.eclac.org/celade/proyecciones-consultado-em-08/02/2010.

³ Vide por exemplo: Furtado, M. 2005.

As unidades domésticas que colocaremos sob análise serão denominadas com o termo em espanhol “hogares”. Embora possa parecer que a palavra “domicílio” seja mais adequada, o conceito de “hogar” utilizado nas pesquisas do Instituto Nacional de Estatística Uruguaio tem um significado diferente da definição de “domicílio” da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O conceito de hogar se refere a uma ou várias pessoas que moram em baixo de um mesmo teto e que compartilham os gastos para alimentação. Ou seja, a dependência de um mesmo fundo para a alimentação constitui o fator discriminante principal (INE, 2006), diferentemente da definição de domicílio no caso brasileiro que considera características do espaço de coabitação como peça fundamental⁴. O conceito de hogar é relativamente semelhante à definição de “Unidade de Consumo” com a qual trabalha a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE, com a diferença que esta faz distinção entre unidades de consumo primárias e secundárias⁵, enquanto a *Encuesta Continua de Hogares* (ECH) não a faz.

Assim, o termo hogar é utilizado neste trabalho considerando que a relação entre seus membros inclui jogos de poder e fluxos de recursos, atendendo também à dimensão estratégica: a capacidade de procurar bem-estar ou a solução de determinados problemas dos seus membros por meio de modificações na distribuição interna de poderes e na sua estrutura.

Com esta perspectiva, a pesquisa busca identificar qual é o papel dos idosos, beneficiários do sistema de previdência social com alta abrangência (que os coloca numa situação econômica relativamente favorecida em relação aos grupos mais jovens), nas dinâmicas de distribuição de recursos no interior dos hogares em que convivem com outras gerações. Para isto é elaborada uma caracterização dos hogares com idosos, considerando indicadores sobre condições de vida e estudando as características das transferências de recursos nas quais eles participam. A leitura dessas características se encontra sob a hipótese que coloca as desigualdades sócio-econômicas

⁴ Domicílio é definido como “o local de moradia estruturalmente separado e independente, constituído por um ou mais cômodos. A separação fica caracterizada quando o local de moradia é limitado por paredes, muros, cercas, etc., coberto por um teto, e permite que seus moradores se isolem, arcando com parte ou todas as suas despesas de alimentação ou moradia. A independência fica caracterizada quando o local de moradia tem acesso direto, permitindo que seus moradores possam entrar e sair sem passar por local de moradia de outras pessoas” (IBGE, 2004:1).

⁵ A Unidade de Consumo “compreende um único morador ou conjunto de moradores que compartilham da mesma fonte de alimentação, isto é, utilizam um mesmo estoque de alimentos e/ou realizam um conjunto de despesas alimentares comuns. Nos casos onde não existia estoque de alimentos nem despesas alimentares comuns a identificação ocorreu através das despesas com moradia. O número de Unidades de Consumo do domicílio foi estabelecido pelo número de fontes de alimentação independentes existentes, ou através das despesas com moradia ocorridas de forma compartilhada ou individualizada. Classificou-se a Unidade de Consumo como única quando todos os moradores do domicílio compartilhavam suas principais refeições no domicílio, sendo os alimentos provenientes de um mesmo estoque ou quando compartilhavam as despesas de moradia. Nas situações da existência de mais de uma Unidade de Consumo, uma foi classificada como principal e as demais como secundárias. A principal foi aquela a qual pertencia o responsável pelas despesas de moradia (aluguel, prestação do imóvel) e/ou serviços e taxas da moradia (água, luz, condomínio e outros), as demais foram classificadas como secundárias. Nos casos das unidades de consumo compartilharem igualmente estas despesas, a principal foi aquela indicada pelos moradores do domicílio” (IBGE, 2003:2).

como chave para compreender as dinâmicas de distribuição de recursos em e entre os hogares, assim como para delimitar as formas de solidariedade intergeracional nos mesmos.

As análises empíricas, de caráter exploratório e descritivo, utilizam dados da *Encuesta Continua de Hogares* (ECH) e da Pesquisa Saúde, Bem-estar e Envelhecimento (SABE). O alcance da caracterização atende aos hogares de Montevidéu, que apresenta a maior concentração demográfica do país (41% da população total em 2004), com população muito envelhecida, baixas taxas de fecundidade e natalidade e tendências migratórias que levam a reforçar esse processo (INE, 2005).

O primeiro capítulo descreve rapidamente a situação do envelhecimento da população uruguaia, no marco da transição demográfica na América Latina e apresenta os conceitos que orientam a pesquisa, buscando oferecer um panorama do estado da arte dos estudos sobre transferências intergeracionais no Uruguai. Complementando esse quadro, é apresentada uma discussão sobre alguns enfoques político-teóricos na literatura acadêmica internacional, com o objetivo de mostrar que as mudanças de paradigmas em relação à compreensão do processo de envelhecimento populacional estão atreladas a posicionamentos políticos (que podem se encontrar de forma explícita ou não), que vão além das implicações sociais e demográficas do fenômeno.

O segundo capítulo tem como objetivo apresentar e discutir as fontes, métodos e medidas utilizadas na análise, colaborando com a construção do objeto de estudo iniciada no primeiro capítulo.

No terceiro capítulo é apresentado um panorama das condições de vida do idoso, sob a perspectiva do hogar, com base nas ECH de 2001 e 2007. São sistematizadas informações sobre os hogares com idosos, sua estrutura e configurações domésticas baseadas em relações de parentesco. As informações são organizadas considerando os diferenciais de rendimentos dos hogares, assim como os diferenciais por sexo, idade e situação conjugal dos idosos.

Buscando aprofundar a análise, no quarto capítulo são exploradas as informações fornecidas pela pesquisa SABE de 2000, que incorpora questões objetivas sobre transferências de recursos materiais e de serviços, nas quais participa a população idosa. Por último, se discute os principais resultados alcançados na pesquisa, a potencialidade e limitações das informações disponíveis e métodos de análise utilizados. Assim, sob uma perspectiva demográfica, este trabalho busca contribuir para a construção de conhecimento sobre o processo de envelhecimento populacional na América Latina, suas especificidades e implicações.

CAPÍTULO 1 – Envelhecimento, transferências intergeracionais e políticas públicas

Este capítulo cumpre quatro funções fundamentais: descrever o processo de envelhecimento da população uruguaia no marco da transição demográfica no país e na América Latina; oferecer um esboço do estado da arte dos estudos sobre transferências intergeracionais que envolvem população idosa na literatura internacional e na produção uruguaia; apresentar algumas características do estado de bem-estar uruguaio e das políticas públicas destinadas à população idosa e demarcar os principais conceitos que guiaram a pesquisa. Para a construção da revisão aqui apresentada, considerou-se que o comportamento das variáveis demográficas não somente determina, mas responde a parâmetros econômicos, sociais, políticos e culturais.

1.1 - Transição demográfica no Uruguai

O envelhecimento demográfico é definido como o incremento sustentado da proporção das pessoas idosas em relação ao total da população, o que resulta numa alteração progressiva do perfil etário desta (CHESNAIS 1990). Esse processo desenvolve-se dentro do contexto da experiência de transição demográfica, entendida como a passagem de um regime demográfico de equilíbrio, com altos níveis de mortalidade e fecundidade, a uma nova fase de equilíbrio com baixas mortalidade e fecundidade. Embora a mortalidade e a fecundidade sejam em geral os fatores mais relevantes deste processo, no Uruguai os movimentos migratórios tiveram um papel importante nas transformações da sua população pouco numerosa⁶ (SOLARI, 1987). Esse país é atualmente o mais envelhecido da América Latina (HUENCHUAN; PAREDES, 2006).

O processo de transição demográfica no Uruguai começou a se manifestar de maneira precoce em relação aos países não desenvolvidos, sendo pioneiro entre os países do sul do continente. Já nos últimos anos do século XIX começaram a se produzir mudanças nos níveis da mortalidade: a taxa bruta caiu de 20 mortes por 1000 habitantes em 1880 para 14 ao finalizar o século (PELEGRINO, 2003). A esperança de vida ao nascer (uma medida mais adequada para a comparação de níveis de mortalidade, pois não é afetada pelas mudanças da estrutura etária, como é a taxa bruta) aumentou aproximadamente oito anos entre o período 1880-1885 e o ano

⁶ A população do país registrada nos censos populacionais era de 2.595.510 pessoas em 1963; 2.955.241 em 1985 e 3.163.763 em 2004, segundo estimativas sócio-demográficas do INE.

1908, passando de 42 a 50 anos (DAMONTE, 1994). A redução da mortalidade – e o conseguinte aumento da esperança de vida ao nascer – nesta fase do processo transicional tendeu a se concentrar na diminuição da mortalidade das crianças, produzindo um leve rejuvenescimento da população.

Como assinala PELLEGRINO (2003), não existe consenso na literatura sobre os fatores mais importantes que impulsionaram a forte queda da mortalidade nos países não desenvolvidos: alguns autores advogam pela ideia de que as intervenções públicas promoveram melhorias sanitárias, assim como introduziram avanços na área da saúde; outra linha de pensamento privilegiava a influência do crescimento econômico e a elevação do nível de vida. Segundo a autora, o caso uruguaio se constitui num exemplo que corrobora ambas as hipóteses, já que os dois processos foram observados no país entre finais do século XIX e começo do XX. Porém a autora assinala que a pesquisa sobre o tema é ainda incipiente, mas aponta:

Las políticas orientadas a fortalecer la salud pública, que tienen lugar desde fines del siglo XIX y se consolidan e incrementan con el Uruguay batllista⁷, así como las políticas generales orientadas a la consolidación del Estado Bienestar, tuvieron como resultado una sociedad con mayores niveles de acceso a la educación y a la salud. Por otra parte, la situación de país productor de alimentos y la disponibilidad de carne como componente importante de la alimentación cotidiana, permitió una alimentación básica con un alto ingrediente proteico accesible para la mayoría de la población (PELLEGRINO, 2003:16).

Embora a diminuição da mortalidade tenha sido cronologicamente a grande primeira mudança observada na América Latina e no Caribe dentro do contexto transicional, a queda drástica nos níveis de fecundidade – que aconteceu na maior parte dos países por volta dos anos sessenta – repercutiu de maneira mais contundente na mudança da estrutura etária da população, ecoando posteriormente no processo de envelhecimento populacional. Como assinalam VILLA e RIVANDEIRA (2003:5):

Dado que la fecundidad es la principal fuerza remodeladora de la estructura etaria de la población, sus alteraciones provocarán un impacto sobre el envejecimiento que será mayor y más directo que los cambios de la mortalidad. Na segunda metade do século XX a fecundidade de América Latina e o Caribe era de 6 filhos por mulher⁸, sendo que mais da metade dos países da região apresentavam níveis de fecundidade superiores a esse valor.

⁷ Além das diferentes periodizações feitas pelos distintos enfoques que se referem ao período Batllista, o mesmo pode ser enquadrado, de forma geral, entre o ano 1903 – quando começa o primeiro governo de Jose Batlle y Ordóñez – e 1930, quando se produz uma mudança na política econômica do país e mingua o desempenho reformista do Estado. Para uma caracterização mais detalhada vide: YAFFÉ, J., 2000.

⁸ Estamos nos referindo á Taxa de Fecundidade Total, TFT (chamada *Tasa Global de Fecundidad* em espanhol). Representa o número médio de filhos nascidos vivos, tidos por uma mulher ao final do seu período reprodutivo, na população residente em determinado espaço geográfico, no ano considerado. É construído em função das Taxas Específicas de Fecundidade da população feminina em idade fértil. É uma medida não influenciada pelas mudanças na estrutura etária da população.

No Uruguai a ausência de censos populacionais entre 1908 e 1963 e a limitação de outras fontes disponíveis nesse período, dificultam o acesso ao conhecimento preciso do início da prática de controle deliberado do tamanho da prole (PELLEGRINO, 2003). As estimativas feitas por POLLERO (1994) indicam que a fecundidade na primeira década do século XX era ainda alta, atingindo seis filhos por mulher. Entre 1908 e 1963 a taxa de fecundidade caiu pela metade, chegando a níveis consideravelmente mais baixos que a média latino-americana. Segundo estimativas do *Centro Latino-Americano y Caribeño de Demografía* (CELADE) em 1950 a Taxa de Fecundidade Total em Uruguai era de 2,7 filhos por mulher, similar às taxas na França e Japão no mesmo período (CHAKIEL, 2000). Os efeitos da crise econômica, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, o aumento nos anos de estudo das mulheres, assim como a generalização da utilização de métodos anticoncepcionais eficientes, são assinalados como fatores que interligados, colaboraram nesse decréscimo (PELLEGRINO, 2003).

Como assinalado, outro fator que influenciou o processo de transição demográfica foi a migração. No Uruguai, assim como na Argentina, a migração massiva dos finais do século XIX e começos do século XX teve um impacto fundamental no processo de envelhecimento populacional. A expressiva imigração de europeus significou uma modificação na estrutura de idades da população. A chegada dessa população jovem – principalmente homens em idade de trabalhar – teve um efeito indireto sobre o envelhecimento: reforçou o processo de transição da fecundidade, mediante a introdução de pautas culturais fortemente europeias. Diretamente, a adição flutuante de efetivos de idade adulta na população ainda pouco numerosa, assim como a cessação dessa imigração após a segunda metade do século XX, desembocou anos depois, em ciclos de envelhecimento da população (VILLA E RIVANDEIRA, 2003). Além disso, a forte emigração que se produz a partir de meados dos anos 60 contribuiu profundamente para a aceleração do processo. SOLARI (1987) denominou tal fenômeno de envelhecimento “perverso”, pelo fato de estar influenciado não só pela baixa fecundidade da população, mas agravado pela emigração que reduziu drasticamente os grupos jovens da população em idade ativa. Segundo dados do *Instituto Nacional de Estadística* do Uruguai a população entre 30 e 35 anos teve um crescimento negativo⁹ de 1,06 % no período intercensitário de 1963 a 1985, enquanto a população total cresceu apenas 0,62 % no mesmo período (INE, 2002). Estimativas feitas a partir dos censos demográficos mostram que o saldo migratório negativo produzido entre 1963 e 1985 atingiu um volume próximo a 310.000 pessoas, o que corresponde a um 11% da população uruguaia no período (PELLEGRINO 2003). A esse respeito, CHESNAIS afirma:

⁹ A taxa anual média de crescimento intercensitário indica a intensidade anual de crescimento da população em determinado período.

Este caso [o uruguayo] tiene de especial el hecho que la migración, con saldo positivo en las dos post guerras, contribuyó en forma importante a acentuar el peso de los grupos de edades adultas y avanzadas, como consecuencia de esta población migrante. Asimismo la gran emigración que afectó a este país en la década de 1970 produjo un descenso en el peso relativo de la población en edades activas y, conjuntamente con el descenso de la fecundidad, disminuyó también la proporción de población en edades jóvenes, observándose como consecuencia, un aumento de la población de 60 años y mas que se proyecta hasta el final del periodo (CHESNAIS, 1990:117).

Dessa forma, o descenso da fecundidade contribuiu a uma desaceleração do crescimento vegetativo, o que unido ao saldo migratório¹⁰ negativo levou a uma taxa de crescimento anual de 0,56 % no período 1975-1985 (INE, 2002). Mais recentemente, no final do século XX até o momento atual, a emigração tem retomado um ritmo muito significativo¹¹ e a fecundidade atinge valores de aproximadamente 2,01 filhos por mulher (INE, 2009). Essa configuração faz com que o país não apresente, nem tenha apresentado no passado recente, uma relação de dependência demográfica favorável¹², como acontece no caso dos demais países da América Latina e Caribe, decorrente dos processos particulares de transição (CHAKIEL, 2000).

Como ressalta ZAVALA DE COSÍO (1995), a riqueza do esforço empreendido na construção da teoria da transição demográfica reside em sua capacidade de explicar as dinâmicas demográficas à luz das suas inter-relações com as estruturas das sociedades, onde cada uma das variáveis populacionais determina e responde a parâmetros econômicos, sociais e culturais. Dessa forma, as dinâmicas demográficas de cada sociedade podem ser consideradas enquanto sistemas de reprodução, os quais variam segundo os contextos históricos e espaciais em que acontecem. Assim, para compreender a particularidade da transição uruguiaia é necessário olhar para uma série de fatores que interagiram com os processos apontados anteriormente. Nesse sentido PELEGRINO (2003) faz uma rica caracterização dos parâmetros sócio-econômicos e culturais que contribuíram para a peculiaridade da transição do país:

La consolidación de la actividad económica basada fundamentalmente en la ganadería extensiva, cuya producción se dirigió muy tempranamente al comercio exportador, explica, en gran medida, algunas de sus características demográficas. La ganadería no generó una alta demanda de mano de obra; al mismo tiempo, obstaculizó el desarrollo de un sector campesino con producción de subsistencia, el tipo de población rural que suele ser depositaria de altos niveles de reproducción. Por otra parte, como ha demostrado SUZANA PRATES [(1976)], al contrario de lo que sucede con la agricultura, la producción ganadera orientada a la exportación no estimuló el crecimiento de núcleos urbanos intermedios y en cambio se consolidó el crecimiento de la ciudad capital, principal puerto exportador.

¹⁰ Saldo migratório mede a diferença entre o número de pessoas que entraram e o número de pessoas que saíram de determinada localidade durante o período intercensitário.

¹¹ Sobre características desta emigração vide: PELEGRINO E KOOLHAAS, 2008.

¹² A relação de dependência é um indicador de dependência econômica potencial, mede a população em idades teoricamente inativas (0 a 14 e 65 e mais anos) em relação com a população em idades teoricamente ativas (15 a 64 anos).

La temprana concentración de la población en la capital y en algunos centros urbanos, propició la adopción de pautas de comportamiento reproductivo de tipo "moderno" entre la población de las ciudades. A su vez, la inserción en el sistema económico internacional contribuyó a la difusión de sistemas de valores propios de las sociedades industrializadas. Las élites dominantes, fuertemente europeizadas en lo ideológico, promovieron transformaciones de repercusión en el destino de la sociedad; el ejemplo más importante en este sentido fue la reforma que impulsó la generalización de un sistema educativo laico, gratuito y obligatorio para ambos sexos. Esta medida redundó en una temprana elevación del alcance de la alfabetización, que afectó tanto a la población masculina como femenina. La transición demográfica "precoz" no fue ajena a la incorporación de una racionalidad de tipo moderno-occidental en una sociedad que, aunque logró un desarrollo incipiente de la industria, siguió siendo agro-exportadora (PELEGRINO, 2003:10).

Embora a situação uruguaia tenha sido atípica na região pela precocidade da transição e a prematuridade do processo de envelhecimento – apresentando indicadores demográficos com níveis próximos aos mostrados por países europeus – as tendências recentes acercam cada vez mais a situação do Uruguai ao contexto regional, principalmente por conta do processo de envelhecimento acelerado que experimentam os países da região.

1.2 - Os estudos sobre transferências intergeracionais

As transferências de apoio que envolvem várias gerações podem ser analisadas desde um enfoque micro ou macroeconômico. Como assinalam SAAD (1999) e TELLES (2003) as trocas intergeracionais podem ser observadas no setor público, considerando trajetórias de pessoas que pertencem a diferentes coortes sem considerar suas ligações interpessoais, ou no âmbito privado da família onde as gerações são consideradas através de laços de parentesco.

Embora grande parte da literatura internacional que versa sobre as transferências se insira no primeiro grupo, outros vários trabalhos centram sua atenção nas transferências monetárias que ocorrem entre familiares, especialmente de filhos adultos para pais idosos. Algumas teorias têm surgido para explicar a motivação dessas transferências, como a “teoria do altruísmo”, que tem como principais expoentes BECKER (1981); a “teoria do intercâmbio” (LILLIARD; WILLIS 1997; BERHEIM; SHLEIFER; SUMMERS, 1985), a do “risco e seguridade” (KOTLIKOFF; SPIVAK, 1981). Como sugerem SLOAN *et al.* (2002), grande parte desses trabalhos tem indicado motivos baseando-se na renda do receptor das transferências.

Outra teoria relevante no estudo das transferências intergeracionais é a da “reciprocidade” (também chamada de “teoria do intercâmbio social”), que surge principalmente da literatura sociológica e é utilizada em vários trabalhos recentes como marco conceitual. Ressalta a reciprocidade das relações de ajuda que envolvem os idosos e seus familiares, os quais podem

desempenhar o papel tanto de receptores como de provedores dentro do processo de interação social (SAAD, 2004). Tem como principais expoentes LEE (1985) e ANTONUCCI (1990).

Dentro da literatura que privilegia um enfoque macroeconômico das transferências cabe destacar os trabalhos de PRESTON (1984) e THOMSOM (1989). O foco principal desses estudos é a distribuição desigual das transferências públicas entre as gerações. O trabalho de PRESTON (1984) assinala que a expansão do sistema de seguridade social nos Estados Unidos tem reduzido a pobreza entre os idosos em detrimento da assistência às crianças. Assinala que as variáveis demográficas têm desempenhado uma função importante na determinação da situação relativa dos dependentes, favorecendo a população idosa, que conta, por exemplo, com maior poder político para assegurar seus benefícios (TURRA; QUEIROZ, 2006).

Tal perspectiva, trabalhada por diversos autores que sugerem a existência de um conflito entre gerações, suscitou varias críticas e a conformação de uma literatura com um enfoque oposto. Destacam-se dentro dessa linha o trabalho de ATTIAS DONFUT e ARBER (2000), que leva em consideração tanto as transferências públicas como as privadas, assim como as suas interações. Os autores colocam as relações intergeracionais numa perspectiva centrada no suporte recíproco, o qual é chamado de 'contrato geracional'. Além disso, estendem o estudo das iniquidades, incorporando as questões de gênero na sua análise, dimensionando-as, conjuntamente dentro da problemática mais geral de iniquidades sociais.

No campo da Demografia gerou-se outra linha que critica o enfoque que versa sobre transferências públicas para idosos no cenário do acentuado envelhecimento populacional. GEE e GUTMAN (2000) e GEE (2002) consideram que o olhar alarmista com que esse fenômeno é abordado decorre das implicações político-ideológicas que estão atreladas – implícita ou explicitamente – às análises demográficas, e associam tais enfoques com o desenvolvimento da agenda neoliberal e a retração da provisão pública de serviços sociais e de saúde.

1.3 - Especificações do caso uruguaio

Estudar o envelhecimento no Uruguai e aprofundar sobre alguma das suas múltiplas dimensões significa ingressar num campo relativamente pouco explorado e que demanda atenção, especialmente se é considerada a proporção de idosos que habitam no país. Ao ter sido paulatino o processo de envelhecimento populacional e simultâneo à incorporação de uma estrutura abrangente em termos de seguridade social no país, o fenômeno não foi percebido como uma questão de iminente centralidade.

Os estudos sócio-demográficos sobre envelhecimento e população idosa são atualmente escassos na produção acadêmica uruguaia, especialmente no que se refere à abordagem desde a perspectiva de família. SOLARI em 1957 escreveu um trabalho pioneiro versando sobre o ainda incipiente processo de envelhecimento da população uruguaia e trinta anos depois publicou um segundo artigo tratando a mesma temática (SOLARI, 1957; 1987). Mais recentemente PAREDES (2004, 2008a, 2008b) tem realizado estudos que tratam especificamente da questão de transferências intergeracionais numa perspectiva sócio-demográfica.

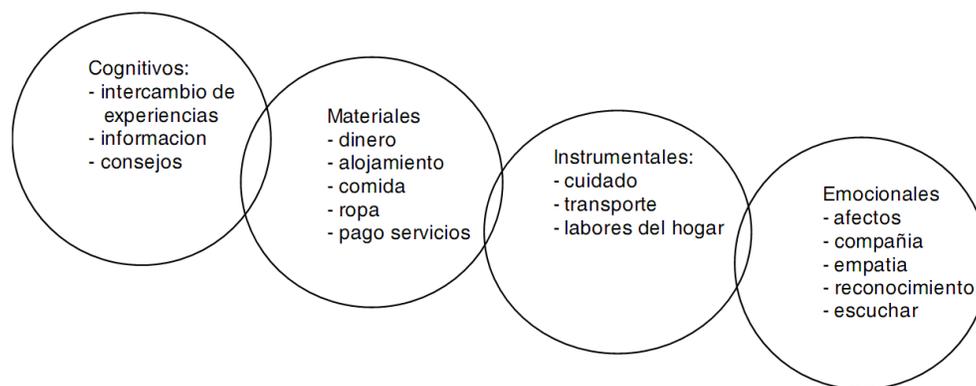
As abordagens referentes a transferências intergeracionais que envolvem idosos provem majoritariamente da área de economia, onde é privilegiado um olhar macro-social, que analisa os grandes fluxos de recursos provenientes dos setores público e privado para os diferentes grupos de idade¹³.

O trabalho aqui proposto pretende focar o fenômeno desde outra perspectiva: estudando as transferências outorgadas e recebidas pelos idosos à luz da composição dos hogares em que moram, os tipos de arranjos domésticos dos mesmos e suas características sócio-econômicas.

Como transferências serão considerados os fluxos de intercâmbio e circulação de recursos, ações e informação, seguindo a tipologia definida por GUZMAN, HENCHUAN e MONTES DE OCA (2003) em base a KHAN e ANTONUCCI (1980). De acordo com a definição dos autores, tais transferências operam nas redes sociais e se constituem em apoio social quando implicam ajuda, afeto e afirmação. São consideradas quatro categorias de transferências ou apoios: materiais, instrumentais, emocionais e cognitivos, os quais são mostrados na Figura I. Os apoios materiais implicam fluxos de recursos monetários ou não monetários, como dinheiro, remessas, presentes, comida, etc. Os apoios instrumentais se referem à ajuda nas tarefas domésticas, transporte, cuidado e acompanhamento. Os emocionais são expressos por via de carinho, confiança, empatia e da preocupação pelo outro. Podem assumir a forma de visitas periódicas, transmissão física de afeto, entre outras. Os apoios cognitivos se referem basicamente ao intercâmbio de experiências, transmissão de informação, que podem assumir a forma de conselhos que permitem o entendimento de uma determinada situação, entre outros.

¹³ Vide: BUCHELI, CENI E GONZÁLEZ, (2007a) BUCHELI, CENI E GONZÁLEZ, (2007b) ; FURTADO, M., 2005.

FIGURA 1- Tipos de apoio ou transferências



Fonte: GUZMAN; HENCHUAN; MONTES DE OCA, 2003:49.

A hipótese que sustenta a presente pesquisa coloca os idosos uruguaios como importantes provedores de apoio dentro do hogar (nos referindo especialmente a apoio do tipo material e instrumental), e sugere que o mesmo depende, em grande medida, do nível de renda do hogar, sendo mais significativo entre os hogares mais carentes. Isso significa que as expressões de solidariedade intergeracional dentro e entre hogares vão se encontrar mediadas pelas características sócio-econômicas dos mesmos.

Além disso, considera-se a existência de diferenças nos tipos de apoio outorgados e recebidos por esta população segundo o tipo de configuração doméstica do hogar, assim como da idade e sexo das pessoas que participem dos mesmos. É importante esclarecer que a leitura da interação dessas variáveis não tem um sentido determinístico, mas sim são analisadas estudando suas influências mutuas.

Essa perspectiva retoma o olhar com que CAMARANO E PASINATO (2002) estudam como a população idosa brasileira lidera uma mudança que implica uma alteração no papel das mulheres de idade avançada: migram da posição de dependentes no *domicilio* para uma posição de provedoras, o que configura circuitos de transferências bidirecionais entre membros de diferentes gerações. A melhora nas condições de vida dessas mulheres (promovida principalmente pelos benefícios da previdência social) repercute nas suas famílias, que se encontram em melhores condições econômicas que as chefiadas por pessoas não idosas. Na redistribuição de recursos no nível familiar estaria sendo fechado um mecanismo circular que permite que os benefícios do sistema de previdência recebido pelas gerações idosas – e financiado pelas gerações em idade ativa que trabalham – retorne para gerações jovens e adultas (ATTIAS-DONFUT; ARBER, 2000).

Alguns elementos ajudam a pensar na importância do apoio econômico dos idosos no âmbito doméstico, frente à possível mediação de circuitos de solidariedade intergeracional. Entre eles podemos assinalar que a cobertura da previdência social no Uruguai urbano é relativamente elevada, atingindo o 78,3% da população de 60 anos ou mais em 2005, valor próximo ao brasileiro no mesmo ano (76,8%) segundo dados da CELADE (2009). Embora existam problemas relacionados à qualidade da cobertura da previdência¹⁴, o 4,8% das pessoas de 60 anos e mais se encontravam abaixo da linha de extrema pobreza e indigência no Uruguai, sendo essa a menor porcentagem dentre os países da América Latina. Por outro lado, segundo dados da mesma fonte, os hogares com idosos apresentavam no mesmo ano, níveis de pobreza menores que o resto dos hogares (CELADE, 2009).

Cabe assinalar que, embora a família seja considerada em muitas análises como âmbito privilegiado para o estudo das transferências intergeracionais, devido principalmente a questões metodológicas, trabalharemos com a definição de hogar. Explicaremos brevemente essa escolha, introduzindo primeiro a relevância da utilização do conceito de família, pois essa definição colabora com nossa construção analítica de hogar.

Dentre dos motivos que guiam a utilização do conceito de família no estudo das transferências, PAREDES (2008b) aponta o fato de esta ser o âmbito socialmente definido para a reprodução da espécie; a relativa clareza com que podem ser vislumbrados na sua dinâmica os níveis de conflito ou consenso intergeracional e a suposta fluidez que poderiam adquirir as transferências no marco de relações que hipoteticamente estão baseadas na confiança e no afeto. A escolha da família como instituição privilegiada para o estudo das transferências intergeracionais decorre também do fato de esta intermediar as relações entre os indivíduos e o mercado, assim como entre esses e o Estado, distribuindo benefícios entre seus membros (CAMARANO; PASINATO, 2002). Segundo essa visão se configura, dentro e ao redor dela, circuitos de solidariedade intergeracional conectados entre si. Circuitos que são mediados pela negociação e o conflito. Isso remete ao conceito de família da forma que THERBORN o utiliza: como instituição na qual existe um “...equilíbrio entre o padrão de direitos e obrigações, de um lado, e a distribuição de recursos de poder entre os membros de outro.” (THERBORN, 2006:6). Nessa concepção os processos que modificam esse equilíbrio de direitos, obrigações, poderes e dependências, implicam de alguma forma uma mudança institucional.

Contudo, como não existe consenso entre os estudiosos da área na forma como devem ser definidas e medidas as unidades familiares, considera-se a necessidade de uma definição mais operacional. Como tratado por DAY (1989), as tendências demográficas das últimas décadas têm

¹⁴ Segundo dados da mesma fonte, a média de renda mensal por trabalho é superior ao oferecido pela Seguridade Social. Expressado como múltiplo do valor da linha de pobreza, em Uruguai a média salarial era de 4,4 em 2002 e de 3,6 em 2005 enquanto a média de aposentadoria e pensões era de 3,3 e 2,8 respectivamente (CELADE, 2009).

contribuído para que as definições de parentesco fiquem ainda mais complexas. Um domicílio formado por um casal de pessoas divorciadas ou separadas e com filhos da união anterior é um dos exemplos que a autora traz para ilustrar a superposição de relações que podem dificultar imputação de pertença dos membros da família, definida convencionalmente por laços de consanguinidade e casamento.

Examinando la literatura especializada sobre el tema se tiene la impresión de que no es muy difícil identificar un vasto conjunto de rasgos estructurales y funcionales característicos de la familia, que harían de la misma una institución única de la sociedad. Pero al mismo tiempo, también se tiene la impresión que los rasgos destacados no configuran un conjunto de conceptos con significado unívoco, no distinguen claramente entre lo sustantivo y lo accidental, ni entre lo genérico y lo específico (FILGUEIRA,C.; FUENTES, 1996:12)

Embora a maior parte dos hogares montevideanos esteja conformada por pessoas que têm entre si laços de parentesco¹⁵, atendendo aos enfoques de BILAC (2003) e GOLDANI (1984), para evitar equívocos em relação à ideia de família utilizaremos como uma das unidades principais da análise (junto à de pessoa) a conceituação mais recortada e operativa de hogar, que corresponde à definição utilizada pelo *Instituto Nacional de Estadística* de Uruguai (INE), incorporando à mesma as características já nomeadas, atribuídas muitas vezes ao conceito de família:

...es la persona o grupo de personas que habitan bajo un mismo techo y que al menos para su alimentación, dependen de un fondo común. Estas personas suelen efectuar la unificación de sus ingresos, mediante la constitución de un presupuesto común, y establecer el uso compartido de bienes durables o no durables. Por lo general, este grupo está integrado por un conjunto de personas vinculadas entre sí por lazos familiares, pero no es necesario que sean parientes para cumplir con la definición de hogar. También puede estar constituido por una sola persona (INE, 2006:25).

Assim, ao referirmos às relações dos idosos com familiares ou amigos e que não conformam uma mesma unidade doméstica, essas serão identificadas como relações entre hogares, que podem ou não estarem envolvendo laços de parentesco.

O hogar será concebido em relação aos jogos de poder e fluxos de transferências e como espaço de reprodução da vida social, intermediando entre o contexto produtivo e reprodutivo (PARDO; PIERI, 2008). Para isso será tomado em conta o acesso a serviços, tais como a propriedade do local de residência e o tipo de inserção dos idosos no mercado de trabalho, colocando esses fatores em relação com as características da configuração do hogar.

Ao adicionar à definição de hogar uma dimensão estratégica – a capacidade de procura de certo bem-estar ou a solução de problemas enfrentados por seus membros mediante

¹⁵ Só o 3% dos hogares de Montevideú são conformados por alguma pessoa que não tem laço de parentesco com o chefe do domicílio (Vide Tabela 3).

modificações na sua distribuição interna de poderes e na sua estrutura¹⁶ – se faz relevante o conhecimento acerca dos papéis que são desempenhados dentro dele. Assim a análise recorre à distinção dos hogares nos quais os idosos cumprem o papel de chefia, daqueles onde outra pessoa a exerce. De acordo com a definição do INE (2007), chefe é aquela pessoa reconhecida como tal pelos demais membros do hogar. Em termos gerais a condição de chefe costuma se associar a importância do aporte econômico desse membro para o hogar. Em termos de imaginário, a chefia tem sido vinculada à existência de um provedor único da renda doméstica: o pai de família. Esse imaginário corresponde ao modelo de domicílio composto por um casal com filhos (denominado também família nuclear com filhos) dentro do qual o papel da mulher-esposa se desenvolve no âmbito privado e o papel do homem- chefe na esfera pública. Entretanto, as percepções sobre esses papéis e sobre a instituição têm mudado, acompanhando as transformações efetivas observadas nos hogares e na família durante as últimas décadas, fazendo com que esse modelo – conhecido como “breadwinner” – não seja aplicável para o Uruguai há várias décadas (FILGUEIRA, C.; FUENTES, 1996). Quem é considerado chefe nem sempre é aquela pessoa que realiza o maior aporte de renda do hogar: muitas vezes a participação em assuntos domésticos ou no cuidado de outros membros é chave para a definição desse papel. Por exemplo, condições de saúde precárias nas idades avançadas podem erodir as bases da liderança doméstica. A distribuição de poderes em termos de relações de gênero e geração estará configurando essa hierarquização.

1.4 - As políticas públicas direcionadas à população idosa no Uruguai

Com a finalidade de caracterizar aos regimes de bem-estar latino-americanos FILGUEIRA, F. (1999) tem gerado uma tipologia de estados sociais. Uruguai é colocado, juntamente com a Argentina e o Chile, no grupo chamado de “Universalismo Estratificado”. Estes países, com um desenvolvimento pioneiro dos seus sistemas de bem estar, se caracterizam por proteger a maior parte da população através de mecanismos de seguridade social, do serviço de saúde, e mediante a extensão da educação primária e inicial secundária para toda a população. Este grupo, o mais contíguo ao modelo conservador de ESPING-ANDERSEN, apresenta alto grau de “desmercantilização” e de estratificação dos benefícios (DEL VALLE, 2009). A respeito disso FILGUEIRA destaca:

¹⁶ Para nos referir a essas estratégias utilizaremos o termo “estratégias familiares”. Para uma descrição detalhada sobre as diferenças entre esse conceito e o de “estratégias de supervivência” vide: ACOSTA, F. 2003.

La otra característica central de estos sistemas la constituye una fuerte estratificación de beneficios, condiciones de acceso, y rango de protección en materia de seguro social y en similar medida en salud. Los trabajadores del estado y los profesionales, servicios urbanos y trabajadores fabriles urbanos accedieron en ese orden a protecciones y beneficios, y también en ese orden estratificaron calidad y acceso. Los autoempleados, el sector informal, desempleados crónicos, y trabajadores rurales lo hicieron más tardíamente y con peor suerte en materia de acceso y beneficios. En otras palabras, los grados de decomodificación, se encuentran directamente estratificados en estos países. Sin embargo, y este punto, es importante anotar, la estratificación de los servicios sociales amortiguó, no reforzó, la pauta de estratificación social (FILGUEIRA, F. 1999:11)

A categorização de ESPING-ANDERSEN distingue três tipos de regimes de bem-estar para os países industrializados: o liberal ou residual, que associa um alto grau de mercantilização, com “residualismo” público e papel marginal da família; o conservador ou corporativo, que associa um alto grau de “familiarismo” com um papel marginal do mercado e o Estado representando papel subsidiário; o socialdemocrata que associa uma forte criação de instituições públicas com nível alto de “desfamiliarização” e “desmercantilização”. Segundo esta categorização o modo de solidariedade fundamental no regime conservador é através do parentesco e das corporações, e o lugar central de solidariedade está na família (DEL VALLE, 2009).

No período post-reformas (datado entre os anos 1980-2000) mesmo os países com maior vocação universalista em seus programas sociais têm reorientado suas matrizes de bem-estar (FILGUEIRA, 2001: apud DEL VALLE, 2008). No caso uruguaio este movimento seguiu as linhas de modelos dos regimes de bem-estar corporativos da Europa continental. (KATZMAN, 2008).

Más allá de la tradición de bienestar uruguayo, en los 90’ se llevaron a cabo una serie de reformas sociales estratégicas que modificaron en varios casos la orientación, los formatos de gestión y la provisión de un conjunto de prestaciones sociales. De cualquier forma, el país estuvo lejos de adoptar una pauta radical u ortodoxa de revisión de su sistema de protección, por lo que su modelo de acción ha sido calificado de moderado y/o gradual en comparación con el adoptado en otras naciones latinoamericanas (MIDAGLIA, 2009:153).

A passagem para um governo de caráter progressista a partir de 2004, que significou a ascensão pela primeira vez na história do país de um partido ‘não tradicional’, mostra sinais de modificações na orientação das políticas públicas (MIDAGLIA, 2009). Deve ser assinalado que esse marco de mudanças atravessa o período de estudo deste trabalho (2001-2007), embora tenham sido implementadas de forma gradual durante o mesmo.

Nesse marco, apresentaremos brevemente os organismos encarregados de manter programas e promover políticas dirigidas à população idosa em Uruguai, apontando algumas dessas mudanças.

Banco de Previsión Social (BPS)

O BPS é o organismo encarregado de promover, coordenar, e administrar os serviços estatais de seguridade social. É o organismo que tem maior ingerência na área, vinculando-se a trabalhadores ativos e empresas através das cotizações e aos aposentados e pensionistas através de benefícios (HUENCHUAN, PAREDES, 2006). Em 1995 o sistema de seguridade social foi reformado, substituindo-se um esquema caracterizado pelo monopólio do estado para outro de natureza mista, que combina um sistema de solidariedade (ou de compartilhamento intergeracional) próprio do sistema anterior (ainda a cargo do BPS) e um novo sistema de capitalização individual que é administrado por agentes privados (administradoras de fundo de poupança) (BUSQUETS, 2002). O novo sistema incluiu trabalhadores que tinham menos de quarenta anos no momento da implementação da reforma (1996) pelo que a maior parte dos hoje idosos ainda encontra-se amparada na legislação antiga (HUENCHUAN, PAREDES, 2006).

Em julho de 2009 foi implementada uma lei que flexibilizou o acesso à aposentadoria comum, reduzindo de trinta e cinco a trinta os anos de serviço requeridos para se aposentar, conservando o limite de, no mínimo, sessenta anos de idade. Mas também a nova legislação contabiliza um ano de trabalho para as mulheres por cada filho e diminui a idade de aposentadoria por idade avançada segundo os anos trabalhados¹⁷. Foram mantidos os benefícios de pensão por velhice, que consideram a população de setenta anos e mais de baixos recursos, as pensões por invalidez (inclui pessoas com poucos recursos de todas as idades com deficiências comuns ou severas), e as pensões por sobrevivência (destinadas a viúvas ou filhos menores de vinte e um anos de idade perante falecimento de um afiliado ativo ou passivo)¹⁸.

O Quadro I (tomado de FERREIRA-COIMBRA; FORTEZA, 2004) sintetiza os principais benefícios outorgados pelo Sistema de Seguridade Social a diferentes grupos populacionais, incluindo os benefícios do BPS e do MSP. Embora ocorressem algumas mudanças durante o período de estudo (2000- 2007) o panorama geral retratado pelo quadro não mudou substantivamente no período.

Ministério de Salud Pública (MSP)

O MSP é o organismo responsável pela regulação e organização do setor da saúde (tanto público como privado), assim como de desenvolver programas preventivos e administrar

¹⁷ Fonte: www.bps.gub.uy

¹⁸ Decreto-lei N° 18.395 implementado em 2009. Disponível em <http://www.parlamento.gub.uy>

serviços assistenciais e, desde dezembro de 2007, é o encarregado de organizar e controlar a criação e o funcionamento do *Sistema Nacional Integrado de Salud*. No marco do Ministério são reguladas e controladas as residências de idosos e sob a sua égide funciona um hospital destinado à atenção da população idosa¹⁹.

Além disso, foi aprovado em 2004 e está sendo implementado o *Programa Nacional del Adulto Mayor* (PRONAM), que se baseia em um modelo integral de atenção à saúde²⁰.

Além dos organismos mencionados, no nível nacional o *Ministerio de Desarrollo Social* (criado em 2005²¹) tem implementado o *Programa Nacional de Atención a la Emergencia Social* (PANES), focado à atenção de populações marginais. Como assinalam HUENCHUAN e PAREDES (2006), 74% da população incluída no programa é menor de 30 anos, e só um 1% corresponde à população de 70 e mais anos de idade.

Intendencia Municipal de Montevideo

No nível local, o governo municipal de Montevideu (IMM) tem implementado uma série de políticas orientadas principalmente ao fortalecimento da integração da população idosa, através de programas de participação social, programas que visam à formação de líderes comunitários, programas de hogares diurnos, de educação e saúde, organização de passeios e excursões, descontos em espaços de recreação e atividades físicas e recreativas²².

Este panorama resumido permite ver, por um lado, um crescente interesse governamental na implementação de políticas orientadas à melhoria da qualidade de vida da população idosa. Por outro lado, deixa explícita a ênfase de ação tradicionalmente focalizada na seguridade social, nos cuidados de saúde curativos e em algumas atividades de recreação, sendo descuidados outros aspectos de desenvolvimento individual da população idosa (HUENCHUAN, PAREDES, 2006).

Dito isso, vale destacar que a produção de conhecimento na área de envelhecimento e transferências tem dupla justificativa: por um lado, fornece ferramentas que podem servir para orientação de políticas públicas dirigidas aos idosos do Uruguai, habilitando uma melhora na efetividade das mesmas. Por outro lado, permitiria a observância, por parte dos demais países da região que tem iniciado um acelerado processo de envelhecimento, das trajetórias e sentidos das questões de debate, provenientes das experiências do país mais envelhecido da região.

¹⁹ Fonte: www.msp.gub.uy

²⁰ Lei N° 18.211

²¹ Lei N° 17.866

²² Fonte: www.montevideo.gub.uy

QUADRO 1 - Sistema de proteção social em Uruguai segundo funções

Función	Programas o Beneficios
Vejez	Pensión a la vejez Contribuciones a hogares de ancianos Contribuciones a asociaciones de jubilados y pensionistas Programa de vivienda para pasivos Programa de turismo social Centros de atención a adultos mayores Comedores para adultos mayores Programas de salud pública
Supervivencia	Pensiones
Invalidez	Pensión por invalidez Centros de atención a discapacitados
Accidentes y enfermedades profesionales	Subsidio por enfermedad Subsidio por accidentes de trabajo
Familia/ Niñez	Asignación familiar Subsidio por maternidad Programas de Salud Pública Comedores y merenderos para niños Centros de atención materno-infantiles Programas alimentarios-nutricionales del MSP
Atención de salud	Programas alimentario-nutricionales del MSP Programa de inmunizaciones Centros de atención médica del MSP Programas de prevención de enfermedades Programas de salud pública
Desempleo	Seguro por desempleo Programas de empleo Programas de capacitación y reinserción laboral
Pobreza y exclusión social	Programas de salud y educación Programas de vivienda Programas de becas Programas de capacitación

Fonte: (FERREIRA-COIMBRA, FORTEZA, 2004: 49)

CAPÍTULO 2 – Materiais e métodos

Embora a informação fornecida pelos órgãos oficiais uruguaios de coleta de dados populacionais (Censos, *Encuestas de Hogares* e Estatísticas Vitais) seja de boa qualidade e atinja altos níveis de cobertura, esta é insuficiente para responder algumas questões em relação aos novos desafios populacionais. Quanto à produção de conhecimento na área das transferências entre gerações o potencial dessas fontes de informação é ainda mais limitado.

Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar e discutir a adequação das fontes disponíveis aos objetivos da nossa pesquisa, apresentando o resultado das avaliações que foram feitas com três delas: as *Encuestas Contínuas de Hogares* do *Instituto Nacional de Estadística*; a Pesquisa Saúde Bem-estar e Envelhecimento da Organização Pan-americana da Saúde e o Módulo da *Encuesta Continua de Hogares 2007, Uso del tiempo y trabajo no remunerado en el Uruguay*.

2.1 As *Encuestas Contínuas de Hogares*

A *Encuesta Contínua de Hogares* (ECH) é realizada pelo *Instituto Nacional de Estadística* do Uruguai sem interrupções desde o ano 1968, e segue modelo denominado “modelo Atlântida” desenhado pelo Bureau of Census dos Estados Unidos da América. Como seu nome indica, é uma pesquisa de caráter contínuo, que levanta informação durante os 365 dias do ano. A partir de 1998 a informação passou a ser representativa da totalidade do departamento de Montevideu e da sua área de influência, assim como das localidades do interior do país com mais de 5.000 habitantes. Entre os anos 1998 e 2005 o marco amostral foi baseado em cadastros por zona censitária do *VII Censo de Población, III de Hogares y V de Viviendas de maio de 1996*. Desde 2006 a amostra se baseia na contagem populacional realizada em 2004²³, a cobertura passa a atingir todas as *zonas censales*²⁴ de Montevideu e sua Área Metropolitana e as localidades menores e áreas rurais do interior do país. Assim, a amostra oferece estimativas das variáveis básicas sobre uma base anual no nível departamental para o país todo, e em uma base

²³ Denominada Censo de Población, Hogares y Viviendas Fase I.

²⁴ Na divisão estatística do território a “*zona censal*” é definida como a menor área identificável: quarteirões ou áreas delimitadas por limites naturais ou artificiais. São as unidades amostrais primárias sempre e quando contenham um número de vivendas particulares de entre 18 e 160. (INE, 2006).

mensal para os grandes domínios: Montevideu, Grande Montevideu (Montevideu e Área Metropolitana) e interior. As unidades de análise da pesquisa são os hogares particulares e as pessoas que neles residem (INE 2006).

As temáticas abordadas tradicionalmente pela ECH estão relacionadas à renda, educação e participação na força laboral das pessoas, assim como recolhe características dos hogares, das vivendas e do acesso aos serviços básicos. No ano 2006 – dez anos após do censo *VII Censo General de Población, III de Hogares y V de Viviendas* – decidiu-se substituir a ECH pela *Encuesta Nacional Ampliada de Hogares* (ENHA), que contava com uma amostra maior e três módulos específicos que ampliavam as temáticas abordadas pela ECH dos anos anteriores. Essa substituição se justificou pela postergação do censo demográfico para o ano 2010 (INE 2008). Na ECH de 2007 a cobertura e o marco amostral permanecem os mesmos que na ENHA, embora o tamanho da amostra seja menor²⁵. Essa edição foi acompanhada por um módulo que levanta informações relativas ao uso do tempo e ao trabalho não remunerado.

As unidades de análise são os hogares particulares (ficam excluídos os hogares coletivos) e as pessoas que neles residem.

Tanto a ECH como a ENHA permitem elaborar um panorama recente das configurações domésticas em que os idosos moram, visualizar características básicas dessa população no nível do hogar ou das pessoas (sexo, idade, escolaridade, participação na força de trabalho, renda, acesso a serviços básicos, etc.). Estas informações são utilizadas neste trabalho principalmente para contextualizar a dinâmica das transferências que envolvem idosos, assim como em vistas à construção de indicadores que medem a participação da renda do idoso na renda total do hogar.

A decisão de trabalhar com as ECH dos anos 2001 e 2007 para Montevideu, baseia-se em três motivos principais: a sua comparabilidade²⁶, o interesse de criar um panorama para situar os resultados da pesquisa SABE de 2000 e que a geração de informações fossem de relativa atualidade. Buscou-se observar possíveis mudanças e tendências experimentadas entre 2001 e 2007 e gerar um panorama atualizado, o mais compatível possível com a pesquisa SABE (cujo único levantamento em Uruguai foi feito no departamento de Montevideu entre 1999 e 2000, ao contrário de outras capitais que tiveram uma segunda edição).

²⁵ Na ENHA 2006, o tamanho da amostra alcançou 87.228 vivendas, o que abrange aproximadamente 259.000 pessoas. Na ECH 2007 a amostra alcançou 50.000 vivendas (INE 2007).

²⁶ Salvando algumas perguntas adicionais que foram incluídas para 2007, os dados são comparáveis entre si e foram levantados através do mesmo questionário, que começou a ser utilizado a partir de 2001

2.2 - Explorando o módulo *Uso del tiempo y trabajo no remunerado en el Uruguay* da ECH de 2007

A ECH de 2007 conta com um módulo específico que coleta informação sobre trabalho não remunerado, cujo nome é *Módulo Uso del tiempo y trabajo no remunerado en el Uruguay* (MUT), realizado no marco do projeto Uso do tempo e trabalho não remunerado das mulheres no Brasil e nos países do Cone Sul 2006-2007. O módulo teve como principal finalidade proporcionar informações sobre a participação dos maiores de 14 anos nas atividades e trabalhos não remunerados, estabelecendo relações entre o tempo dedicado ao trabalho remunerado e não remunerado. Outro objetivo do módulo é a elaboração de indicadores úteis para subsidiar a tomada de decisões em matéria de políticas públicas de gênero (INE, 2008).

Para avaliar a adequação das informações provenientes deste módulo para os objetivos de nossa pesquisa, foi feita uma análise exploratória da mesma, através da geração de estatísticas descritivas que priorizaram o conhecimento das transferências à luz das diferenças de gênero, renda e configurações domésticas dos idosos.

A pesquisa conta com vários quesitos acerca das transferências intergeracionais – não só no que diz respeito às transferências ao interior do hogar, como também às transferências entre hogares –, podendo se criar indicadores de transferências de cuidados e serviços. É possível identificar quem no hogar se encarrega das tarefas domésticas (limpeza da vivenda, preparação de alimentos), quem faz as compras, quem cuida das crianças ou das pessoas dependentes no hogar e mede quanto tempo dedicam a essas atividades. Também permite conhecer as transferências recebidas pelo hogar por causas específicas: cuidado de crianças, dependentes o doentes; assim como a colaboração gratuita dos membros do hogar em outros hogares.

No Módulo foi utilizado o mesmo marco amostral da ECH 2007, com amostra representativa para o país todo, Montevideu e Interior. O módulo levantou informação de 4.200 hogares mediante entrevista pessoal. Para responder o questionário foi selecionado entre os membros do hogar de 14 anos e mais um informante que se definisse como o principal responsável pelas tarefas, respondendo sobre si mesmo e sobre os restantes membros. Assim, a base dispõe de informações sobre 11.494 pessoas (INE, 2007).

Entretanto, a principal limitação desta base de dados para o estudo das transferências que envolvem idosos é a quantidade de casos coletados. Pelo fato da população idosa (de 65 anos e mais) representar 13,4 % da população do país em 2007²⁷, o levantamento não fornece casos suficientes para generalizar grande parte dos resultados que poderiam ser obtidos e, pela mesma

²⁷ Projeções do Instituto Nacional de Estadística, 2004

razão, não permite trabalhar conjuntamente com variáveis de muitas categorias. Desta forma, como não é possível generalizar conclusões para os hogares com população idosa, quando é considerada a dimensão das configurações domésticas, os resultados não foram apresentados.

2.3 - Pesquisa Saúde, Bem-estar e Envelhecimento

A SABE foi desenhada para cobrir as principais zonas urbanas de sete países da América Latina e o Caribe: Buenos Aires (Argentina), Bridgetown (Barbados), São Paulo (Brasil), A Havana (Cuba), Montevideu (Uruguai), Santiago (Chile) e México DF. As pesquisas foram realizadas de forma simultânea nos anos 1999 e 2000, sendo transversais e comparáveis entre sim.

A pesquisa inclui questões sobre características básicas demográficas e do hogar, auto-avaliação das condições de saúde, medidas antropométricas, de deficiência, de depressão, do estado cognitivo, de acesso e uso de serviços de saúde, transferências familiares e institucionais, força de trabalho e aposentadoria.

As amostras, de caráter probabilístico, foram obtidas a partir do método de Amostragem por Conglomerados Polietápica com Estratificação das Unidades Primárias de Amostragem, tendo por base as atualizações mais recentes de estruturas censitárias ou de pesquisas domiciliares de cada país. No caso uruguaio foi utilizado o marco da ECH do ano 1998; foi entrevistado um idoso por hogar, utilizando-se sobre-amostragem para os idosos de 80 e mais anos (PALLONI; PELÁEZ, 2002).

O universo de estudo é a população de 60 e mais anos de idade que reside em hogares particulares. Foram entrevistados em Montevideu 1.444 pessoas nessa faixa etária.

A pesquisa SABE permite identificar se as pessoas entrevistadas participam de transferências dentro do hogar (outorgando ou recebendo ajuda) e permite conhecer o tipo de transferência, assim como a frequência da mesma. Além disso, podem ser identificadas as transferências entre hogares, já que levanta informação sobre intercâmbio de ajudas com familiares (filhos, irmãos, outros) e não familiares (amigos) não membros do hogar ao qual pertence o idoso. Permite reconstruir, desta forma, a rede de parentesco do idoso no hogar, já que coleta informação sobre o parentesco dos membros do hogar em relação ao chefe e também ao idoso, caso este não seja o chefe.

São duas as limitações identificadas para esse estudo. A primeira diz respeito ao tamanho da amostra que não é o suficientemente grande para trabalhar conjuntamente diversas variáveis de muitas categorias e extrair conclusões robustas. A segunda se refere às informações sobre

rendimento, pois embora existam quesitos referentes à renda do idoso, estes apresentam um contingente alto de não-respostas e de respostas não confiáveis (BALSA, ROSSI TRIUNFO, 2009), e a pesquisa não recolhe informações acerca da renda do hogar. Assim, ao utilizar as variáveis sobre renda, a proporção de casos com informações ignoradas são explicitados nas tabelas em que aparecem.

Maior detalhamento sobre as fontes de dados e construção dos indicadores utilizados estão disponíveis no Anexo Metodológico.

2.4 - Contextualizando os principais conceitos utilizados

Definidas as bases utilizadas, se faz necessário realizar algumas apreciações em relação a dois dos conceitos de fundamental importância na análise.

Como já dito, o conceito de família transcende ao conceito de domicílio ou “hogar”, entendidos como unidade doméstica. Essa apreciação é relevante, já que o conhecimento sobre as redes que são formadas entre hogares é chave na identificação de redes de transferências intergeracionais, embora existam dificuldades metodológicas na sua captação. As pesquisas de hogares que foram realizadas no Uruguai não dispõem de informações que permitam identificar de forma direta redes de transferências externas ao hogar, além do que a contribuição para o conhecimento das transferências que envolvem a população idosa que ocorrem no interior dos hogares é ainda bastante limitada. Como mencionado, a pesquisa SABE aborda questões sobre relações familiares, através de relações de parentesco externas aos hogares dos idosos, as quais serão chamadas como “inter- hogares” para compatibilizar a análise das duas bases.

Uma questão subjacente da própria definição de hogar refere à proximidade dos hogares nos quais existem transferências, dado que o conceito encobre duas situações que se produzem com relativa frequência, especialmente em bairros carentes de Montevideo: a construção de unidades de vivenda relativamente independentes dentro de um mesmo terreno, que são considerados hogares distintos ao se tratar de vivendas diferentes (embora possa se tratar de pessoas diretamente aparentadas e com um cotidiano comum); ou dois ou mais hogares morando na mesma vivenda e sem compartilhar os gastos da alimentação, mas onde podem existir fluxos de intercâmbio de cuidados e serviços importantes (JELIN, 1997). Por não dispor de informação mais detalhada, esses casos não são identificáveis além da indicação de residência no mesmo bairro.

Por último devemos assinalar que vão ser utilizados os termos terceira idade, velhice, pessoas idosas, nos referindo de modo geral aos indivíduos, ou à população por eles composta,

com 65 anos ou mais. Esses termos serão aqui utilizados em um sentido amplo, sem as possíveis conotações que possam ter (como ser referências pejorativas ou segregacionistas)²⁸.

Enquanto a lei que fixa a política geral sobre velhice no Uruguai²⁹ considera idosas as pessoas de 65 e mais anos, a Organização Mundial da Saúde faz uma distinção entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Nos primeiros é considerada idosa a população de 65 e mais, enquanto nos segundos a de 60 e mais. Sem desconhecer as discussões acerca das limitações de considerar uma idade cronológica para demarcar o conjunto de população idosa³⁰, utilizaremos essa delimitação por questões operacionais.

²⁸ CAMARANO assinala a complexidade da demarcação de idades biológicas limites na definição desta categoria e indica três obstáculos principais: “O primeiro diz respeito à homogeneidade entre indivíduos, no espaço e no tempo; o segundo, à suposição de que características biológicas existem de forma independente de características culturais; e o terceiro à finalidade social do conceito de idoso. É extremamente difícil superar simultaneamente esses três obstáculos mas isso não quer dizer que não devam ser considerados quando se debate acerca de idosos”. (CAMARANO,1999, p.3) Ver também: RIESCO VAZQUEZ, 1993.

²⁹ Lei Nº 17.066

³⁰ Acerca de essa discussão ver: PEREZ DIAZ, 1998; ALEXANDRE FERNANDES, 2001.

CAPÍTULO 3 – Caracterização da população idosa de Montevideu

Este capítulo tem como objetivo apresentar resultados obtidos através da análise das bases de dados das *Encuestas Continuas de Hogares* dos anos 2001 e 2007, para o departamento de Montevideu. Por um lado, a análise serve de marco para contextualizar as características da população idosa e a condição desta dentro dos hogares e, por outro, permite a construção de alguns indicadores que sugerem a existência de circuitos de transferências no interior dos hogares.

3.1 - A estrutura dos hogares e a presença de idosos

Como mencionado anteriormente, é entendido como envelhecimento da população a mudança produzida na estrutura etária, na qual o contingente de pessoas consideradas idosas aumenta seu peso relativo. Segundo dados do *Instituto Nacional de Estadística* (INE), o Uruguai contava em 2001 com uma população de três milhões e trezentos e oito mil habitantes no ano 2001, e de três milhões e trezentos e vinte quatro mil em 2007³¹. Segundo dados da mesma fonte, os idosos representavam em 2001 o 13,1% da população, e o 13,4% em 2007.

A esperança de vida ao nascer para ambos os sexos estimava-se em 74,9 anos em 2001 e 75,9 anos em 2007, sendo de 71,2 anos para os homens e 78,8 para mulheres no primeiro ano, e de 72,3 para homens e 79,6 para as mulheres no segundo. O departamento de Montevideu apresenta uma esperança levemente menor, de 74,7 anos para ambos os sexos em 2001 e de 75,1 em 2007³². A esperança de vida aos 65 anos calculada para a população do país, com base nos dados do Censo de 2004, era de 17 anos para ambos os sexos, sendo de 14,7 anos para homens e de 17,4 anos para as mulheres³³.

Comparado com o país, o departamento de Montevideu conta com uma estrutura de idades particularmente envelhecida, sendo em 2006 o departamento com maior proporção de idosos, terceiro após os departamentos Lavalleja e Colonia (PAREDES, 2008a). A proporção de pessoas de 65 e mais anos no ano 2001 era 14,7% da população, e o 15% em 2007, segundo dados do INE. Na Tabela 1 são mostrados os percentuais populacionais correspondentes a três grandes grupos de idade, juntamente com os totais da população em números absolutos.

³¹ Dados calculados em base a projeções do *Instituto Nacional de Estadística*, INE, Revisão 2005.

³² Idem.

³³ Dados do INE, Tábuas abreviadas de mortalidade.

TABELA 1 - População de Montevideu segundo grandes grupos etários, 2001 e 2007

FAIXA ETARIA	2001		2007	
	n	%	n	%
0 a 14	297.153	21,6	274.475	20,4
15 a 64	876.300	63,7	867.147	64,6
65 e mais	203.000	14,7	200.852	15,0
TOTAL	1.376.452	100,0	1.342.474	100,0

FONTE: INE (Revisão 2005). Elaboração da autora

Os dados indicam que embora no período 2001-2007 a proporção de idosos na população tenha apresentado um pequeno aumento, houve uma diminuição da população total do departamento, assim como da população idosa em números absolutos³⁴. Diminuíram também no período os hogares compostos por algum idoso: isso tanto tem a ver com a proporção de idosos da população quanto às modificações produzidas na composição dos mesmos, como veremos mais adiante.

TABELA 2 - Distribuição dos hogares segundo composição. Montevideu, 2001 e 2007

HOGARES	2001		2007	
	n	%	n	%
Sem idosos	254.532	63,1	291.287	66,5
Com idosos	149.094	36,9	146.736	33,5
TOTAL	403.626	100	438.023	100

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora

3.2 - Composição etária dos hogares

Uma forma de visualizar a distribuição, segundo a idade, dos moradores dos hogares com ou sem idosos, é através das pirâmides etárias. Estas são apresentadas nos Gráficos 1 e 2, onde são comparadas as estruturas etárias para os hogares montevideanos, nos anos 2001 e 2007.

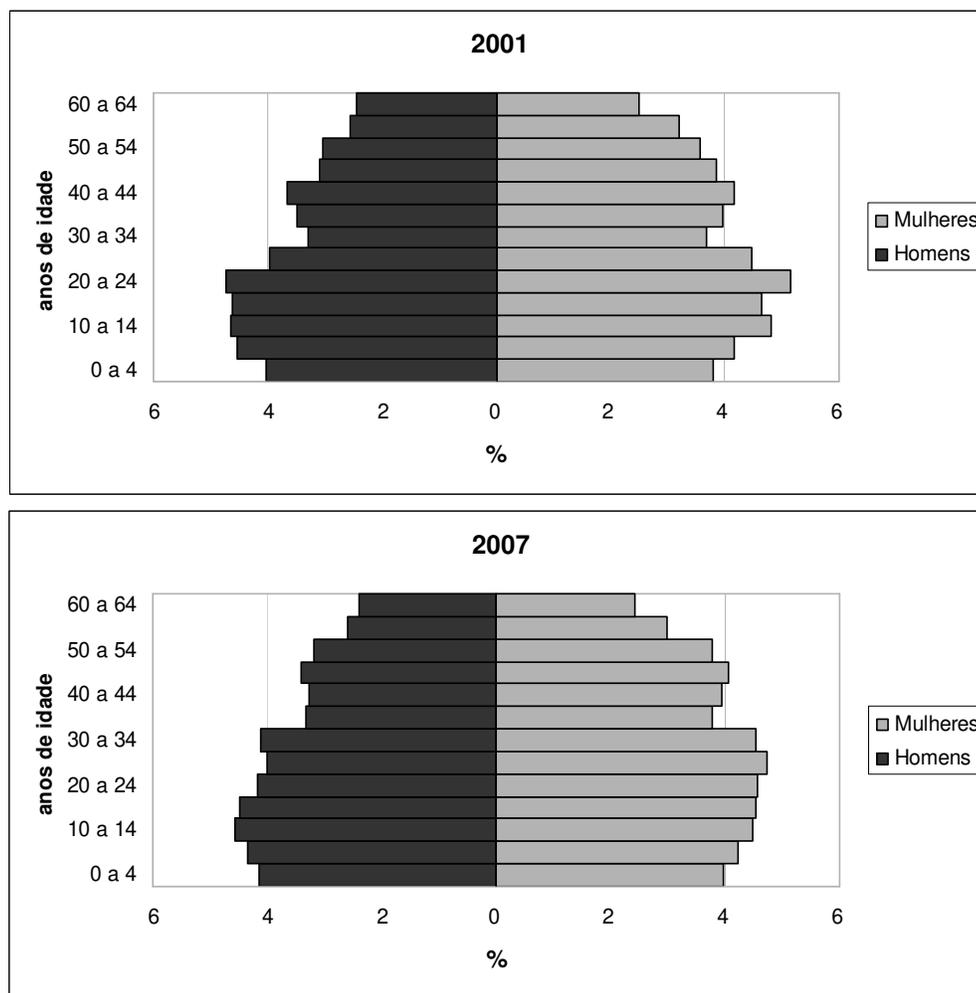
As pirâmides evidenciam uma estrutura mais envelhecida nos hogares com membros idosos. Esta característica acentua-se em 2007, refletindo o aumento da longevidade – especialmente a partir do grupo etário de 75 anos e mais – tanto para a população de homens quanto para a de mulheres. Vê-se também que o aumento na proporção de idosos foi bem mais significativo entre as mulheres, devido à sobre mortalidade masculina nas idades avançadas.

Por outro lado, manifesta-se uma diminuição relativa de componentes jovens nas famílias com idosos para os grupos desde os 5 anos em diante e para ambos sexos. Dado que a diminuição do grupo de 0 a 29 anos acontece também nas famílias sem membros idosos, pode se

³⁴ Essa diminuição pode-se associar à migração interna e internacional.

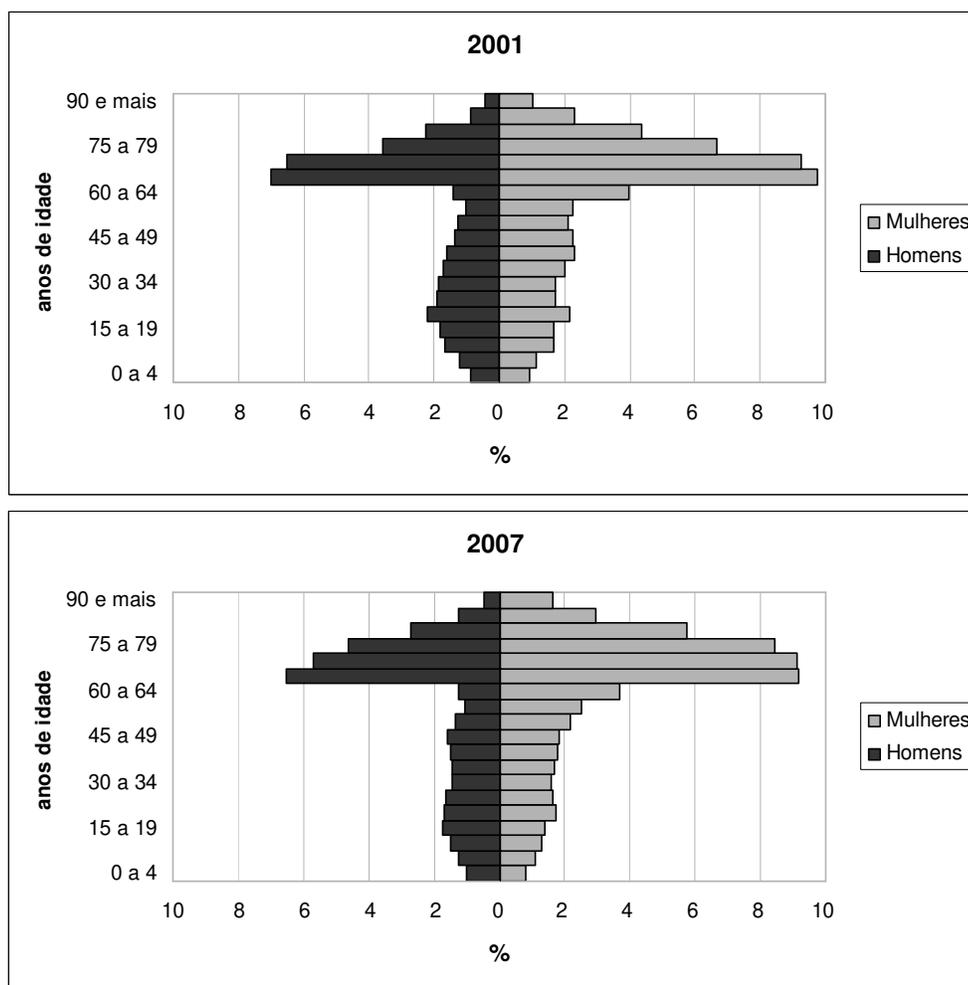
supor que isso esteja principalmente associado à queda da fecundidade e ao aumento da emigração (Gráfico 1). Já o fato da proporção dos componentes menores de 5 anos dos hogares com idosos permanecer quase inalterada pode estar relacionado com a tendência de incorporação de membros de diferentes gerações ao hogar, como é o caso de netos que convivem com os seus avôs idosos (Gráfico 2). Essa questão será abordada com maior detalhe nas seções seguintes.

GRÁFICO 1 - Distribuição etária dos componentes dos hogares sem membros idosos. Montevideú, anos 2001 e 2007



FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora

GRÁFICO 2 - Distribuição etária dos componentes dos hogares com membros idosos. Montevideú, anos 2001 e 2007



FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora

3.3 - Os arranjos domésticos baseados em relações de parentesco

Assim como a estrutura etária da população, também os arranjos familiares e as configurações domésticas se modificam conforme dinâmica demográfica e fatores econômicos e sócio-culturais. Entre as modificações demográficas mais substantivas que repercutiram na esfera da família nas últimas décadas, se encontra o aumento na esperança de vida, a mudança na estrutura de idades e o envelhecimento relativo da população (FILGUEIRA, C.; FUENTES 1996). Além disso, devem ser destacadas as drásticas transformações ocorridas na formação e dissolução das uniões e a nomeada ‘revolução dos divórcios’³⁵, simultaneamente às mudanças

³⁵ Embora existam registro dessas mudanças desde a década do 70 foi na segunda metade da década do 80 que o processo foi mais marcado (CABELLA, 2007).

nas relações de gênero, que têm impactado na fisionomia da família uruguaia (CABELLA, 2007; FILGUEIRA, C.; FUENTES, 1996). O crescimento da participação feminina no mercado laboral é também considerado um fator determinante nesse marco de transformações, pois foi central na quebra do modelo familiar onde o homem era o único provedor (breadwinner).

Em decorrência desses processos, a composição dos hogares montevidéanos – a composição etária, as configurações domésticas e as relações estabelecidas no seu interior – refletem e processam essas mudanças.

Para melhor identificar tais mudanças, foi gerada uma categorização dos hogares, que utiliza uma tipologia elaborada pelo *Instituto Nacional de Estadística*. Cada tipo de hogar é definido da seguinte forma:

- **Hogar unipessoal:** É o hogar particular integrado por só uma pessoa.
- **Hogar nuclear com filhos:** É o hogar particular integrado por um ou ambos os cônjuges e filhos.
- **Hogar nuclear sem filhos:** É o hogar particular integrado por ambos os cônjuges sem filhos.
- **Hogar extenso:** Corresponde a um hogar nuclear mais outros parentes, ou uma pessoa com outros parentes.
- **Hogar composto:** Corresponde ao hogar nuclear ou ao hogar extenso mais outra ou outras pessoas cuja relação com o chefe do hogar não é de parentesco. Essa categoria inclui os hogares que contam com empregado doméstico em sua composição

Essa categorização foi considerada ideal para a análise, em primeiro lugar porque permite abranger a totalidade dos hogares, e ao mesmo tempo considerar as especificidades em termos de relações de parentesco. Ao longo deste trabalho foram realizadas subdivisões para alguns dos tipos aqui expostos, ganhando a análise maior especificidade. Em alguns casos não foram considerados os hogares compostos, pois representam uma parcela pequena dos hogares com idosos, e apresentam alto grau de variabilidade do número de componentes e relações de parentesco.

Na Tabela 3 é utilizada essa categorização para o total de hogares do departamento, distinguindo aqueles com e sem pessoas idosas.

TABELA 3 - Distribuição (%) dos tipos de arranjos domésticos para hogares com ou sem idosos. Montevideú, anos 2001 e 2007

CONFIGURAÇÃO DOMESTICA	Total dos hogares		Hogares sem idosos		Hogares com idosos	
	2001	2007	2001	2007	2001	2007
Unipessoal	17,8	23,3	12,3	17,5	27,1	34,9
Nuclear sem filhos	16,2	17,2	11,8	14,0	23,7	23,5
Nuclear com filhos	45,7	43,4	61,2	56,3	19,3	17,9
Extensa	17,7	13,5	12,3	9,8	27,0	20,8
Composta	2,6	2,6	2,4	2,5	2,9	2,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora

NOTA: A distribuição em números absolutos é apresentada na Tabela 1 do Anexo B.

Há vários anos a composição dos hogares uruguaios transita pelo caminho de mudanças apontado acima. Nesse trajeto os arranjos domésticos ganham diversidade em detrimento da família nuclear com filhos, que vai perdendo peso proporcional no total das configurações dos hogares (FILGUEIRA, C.; FUENTES, 1996). Embora essa configuração siga sendo predominante entre os arranjos da população montevideana, os hogares unipessoais e nucleares sem filhos têm aumentado sua proporção entre 2001 e 2007. O aumento dos hogares unipessoais está influenciado em parte pelo comportamento dos idosos, embora tenham sido os hogares unipessoais de pessoas menores de 65 anos os que cresceram mais rapidamente (vide Tabela 3).

A proporção de hogares extensos também diminui e, dentre estes, aqueles compostos por idosos foram os que apresentaram uma diminuição mais expressiva. O aumento das configurações nucleares sem filhos foi significativo somente nos hogares sem idosos, pois esse tipo de arranjo diminui nos hogares com idosos.

Desses dados se desprende que os hogares com membros idosos apresentam uma estrutura diferenciada de aqueles sem idosos. Essa diferença pode ser observada tanto na predominância de certos arranjos sobre outros, assim como na intensidade e na direção das mudanças que ocorreram no período em estudo.

Os hogares unipessoais são predominantes dentre os hogares com idosos (Tabela 3 e Tabela 2 do Anexo B). Estes representavam 27% dos arranjos em 2001 e passaram a representar o 35% em 2007. Se considerados conjuntamente com aqueles hogares onde os idosos moram com o cônjuge (nuclear sem filhos), estes estariam representando mais da metade dos hogares com população idosa. Conjuntamente, considerando a queda substantiva dos arranjos extensos em 2007, temos que uma quarta parte dos hogares com idosos tratava-se de arranjos que

incluíam outros parentes³⁶ ou algum não parente, sendo que esses arranjos representavam somente um 13% dos hogares sem idosos.

Para entender melhor essas diferenças, introduziremos aqui o conceito de ciclo de vida, que têm funcionado como um importante princípio organizador na literatura que provem da área sócio-demográfica que estuda a família. Este parte de uma perspectiva dinâmica, que envolve o tempo biológico-individual e o tempo histórico-social (OLIVEIRA, 1982). Alude à serie de etapas pelas quais tipicamente³⁷ as famílias atravessam: começa com a formação e união de um casal, continua com o aumento do hogar ao nascerem os filhos. Com a saída dos filhos o hogar tende a ser conformado de novo pelas duas pessoas que o constituíam na origem. Essa é conhecida como a etapa do ninho vazio. Quando uma dessas pessoas morre, o ciclo de vida familiar chega ao final (SWEET, 1977). Dado que esta perspectiva não consegue dar conta completamente das mudanças que ocorreram nas famílias e nas vidas individuais nas últimas décadas, o conceito de “curso de vida” tornou-se central neste tipo de estudos (ELDER, 1987). Porém, o “ciclo de vida” continua sendo provedor de algumas categorias úteis para a análise, nos ajudando a compreender a distribuição diferencial entre hogares sem idosos, onde os arranjos de tipo nuclear são predominantes, assim como a maior proporção entre os hogares com idosos dos arranjos unipessoais e extensos.

3.4 - Os hogares com idosos e a condição de chefia

Um indicador que proporciona boa aproximação para conhecer a estrutura dos hogares com idosos é o tamanho médio do hogar. Este indicador se expressa como o quociente entre a soma de todos os membros dos hogares com idosos e o total dos mesmos. Em 2007 o tamanho médio dos hogares com membros idosos era de 2,2 pessoas, enquanto que nos hogares sem idosos o tamanho médio era de 3,0. Efetuado o cálculo do indicador em hogares com chefia idosa, encontramos que este desce a 2,0 pessoas, ao mesmo tempo que o tamanho médio dos hogares nos quais moravam idosos não chefes era de 3,7 pessoas.³⁸

Para conhecer diferenciais associados à condição de chefia entre a população idosa foi elaborada a Tabela 4.

³⁶ Referimo-nos aos hogares extensos, onde existe pelo menos um parente do chefe que não é cônjuge, pai ou filho, do mesmo, e que pode incluir irmãos, netos, tios, etc.

³⁷ No sentido típico ideal weberiano.

³⁸ Cabe assinalar que em termos proporcionais, o último grupo é muito menor que o primeiro.

TABELA 4 - Distribuição (%) dos hogares segundo composição e condição de chefia do idoso por configuração doméstica. Montevideu 2001 e 2007

HOGARES COM IDOSOS n=149.094	2001				
	Nuclear sem filhos	Nuclear com filhos	Extensa	Composta	TOTAL
Chefe idoso - Sem outros membros idosos	20,2	61,1	31,9	38,0	58,3
Chefe idoso e outros membros idosos	72,8	22,7	24,8	30,0	27,2
Chefe não idoso e membros idosos	7,0	16,2	43,4	32,1	14,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
HOGARES COM IDOSOS n=146.736	2007				
	Nuclear sem filhos	Nuclear com filhos	Extensa	Composta	TOTAL
Chefe idoso - Sem outros membros idosos	21,6	57,6	31,3	43,6	53,1
Chefe idoso e outros membros idosos	71,7	24,4	26,8	33,1	29,9
Chefe não idoso e membros idosos	6,7	18,0	41,9	23,2	17,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora.

Na Tabela pode se observar que as elevadas taxas de chefia se encontram relacionadas ao fato de que, como assinalado, praticamente a metade da população idosa mora sozinha ou junto ao cônjuge (no geral também idoso). Isto produz uma redução no cálculo do número médio de pessoas por hogar quando a chefia é exercida por um idoso.

É relevante assinalar que na maior parte dos hogares com idosos estes se encontram exercendo papel de chefes: 83% em 2001 e 86% em 2007. Essa variação está relacionada com o aumento da taxa de chefia da população idosa, calculada como o quociente entre o número de chefes idosos e o número total de idosos, multiplicado por 100. Esta taxa apresenta variação de 63% de idosos chefes em 2001, para 66% em 2007.

Analisando os dados contidos na Tabela 4 observa-se que os hogares nucleares sem filhos estão conformados majoritariamente por casais de idosos. Pensando em termos da perspectiva do ciclo de vida da família isto indica a chegada dos hogares a uma etapa tardia: a do ninho vazio, na que os filhos deixam de formar parte do hogar para conformar novos arranjos.

3.5 - Sexo e chefia

Homens e mulheres envelhecem de formas diferentes. As diferenças de gênero marcam a trajetória de vida das pessoas e estas têm expressões particulares durante a fase de envelhecimento. Níveis de participação no mercado de trabalho, grau de escolaridade atingido, tendências na nupcialidade, perfis de mortalidade e morbidade, participação em redes sociais e outros muitos fatores, expressam as relações de gênero e são permeados pelas mesmas, e isso desemboca em processos de envelhecimento diferenciados entre homens e mulheres.

Quando se considera a população idosa de forma agregada, é preciso levar em conta a tendência à feminização do envelhecimento, devido à sobremortalidade masculina, que se torna mais acentuada nas idades mais avançadas. Quanto mais envelhecida é uma população, maior é a porcentagem de mulheres entre os idosos. Segundo dados da ECH 2007 a razão de sexo era de 84 homens por cada 100 mulheres na população de Montevideu. Entre a população de 65 anos e mais esse índice era de 62 homens por cada 100 mulheres em 2001 e de 57 em 2007.

No mesmo sentido, nos hogares com chefes idosos a proporção de mulheres exercendo o papel de chefia é maior que na população de outras faixas de idade. Além disso, a chefia idosa nos hogares monteviduanos tendeu a se feminizar no período 2001 – 2007: a taxa de chefia feminina passou de 46% a 55%, enquanto a taxa de chefia masculina passou de 89% em 2001 a 86% em 2007. Esse aumento na proporção de chefia feminina, que reflete os diferenciais na mortalidade, pode indicar também mudanças nas relações de gênero ou mesmo na percepção e declaração de quem é considerado chefe do hogar.

No que se refere aos idosos não chefes do hogar (e onde a chefia é exercida por um membro não idoso), 83% em 2001 e 79% em 2007 são mulheres. Assim como a taxa de chefia masculina elevada, esses valores refletem padrões culturais de atribuição de hierarquias no interior do hogar, onde o homem tem mais chances de ser considerado chefe, sem importar a sua idade. Nessa atribuição de papéis sociais, corresponde à mulher, embora idosa, o cuidado das outras pessoas do hogar (GOLDANI, 1999). Devido a sua permanência no emprego ou à posse do benefício previdenciário, homens idosos mantêm o papel tradicional de chefe e provedor da família, enquanto as mulheres idosas tendem a se manter no seu papel tradicional de cuidadoras, mesmo que acumulem, em certos casos, o papel de provedoras (CAMARANO, 2003). Essa distribuição é refletida nos tipos de transferências que são fornecidas no âmbito doméstico, mostradas em detalhe no Capítulo 4. De qualquer forma, é importante chamar a atenção para o fato de que em 2007 houve uma diminuição da taxa de chefia masculina.

Condições díspares entre homens e mulheres na participação no hogar e no desempenho do papel de chefia também poderiam ser expressão de variações nas condições de saúde. Como assinala SAAD (2003), a maior longevidade feminina faz com que as idosas experimentem maior probabilidade de apresentar alguma dificuldade em atividades funcionais (tais como caminhar na casa, tomar banho, se vestir, comer e utilizar o banheiro) ou instrumentais (tais como preparar a comida, cuidar do próprio dinheiro, fazer as compras, tomar os medicamentos e limpar a casa), em comparação com os homens³⁹. Estudos para o caso brasileiro mostraram que a

³⁹ Como assinalado pelo autor, isso pode decorrer, pelo menos em parte, do fato de que as mulheres tendem a informar com maior fidelidade sua condição de saúde. Vide SAAD, 2003.

incapacidade física é associada à residência da mulher na casa dos filhos (ANDRADE; DE VOS, 2002 apud CAMARANO, 2004).

Como se deduz da Tabela 5 e do aumento das configurações unipessoais (vide Tabela 3), a tendência ao aumento da chefia feminina é em parte decorrência do incremento na proporção de hogares de mulheres sozinhas. Quando a taxa de chefia feminina é calculada para os arranjos de convivência pluripessoais esta se reduz de 46% a 27% em 2001 e de 55% a 31% em 2007, enquanto a taxa de chefia masculina quase não varia⁴⁰.

O aumento dos hogares unipessoais de mulheres idosas tem a ver, entre outros fatores, com a sobremortalidade masculina, que se associa à condição de viúva (no caso de mulheres que estiveram casadas)⁴¹ e ao aumento das taxas de divórcio e separação. Também a existência de uma alta percentagem de hogares com configuração monoparental⁴² com chefia feminina (FILGUEIRA, C.; FUENTES, 1996; CABELLA, 2007), quando vinculado à emancipação dos filhos – tendência, essa última que se acentua conforme aumenta a idade – acrescenta a probabilidade de esse tipo de configuração.

Encontramo-nos frente a uma distribuição de hierarquias patriarcal, onde a percentagem de chefas mulheres em arranjos constituídos por um casal é muito baixa – especialmente entre os hogares com idosos – mas que apresenta tímidos sinais de mudança nos últimos anos (vide Tabela 5).

TABELA 5 - Distribuição (%) dos hogares segundo configuração doméstica por sexo do chefe e idade (idoso ou não). Montevidéu 2001 e 2007

CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2001				
	Chefe idoso		Chefe menor de 65 anos		Total
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Unipessoal	20,6	79,4	41,3	58,7	100
Nuclear sem filhos	95,0	5,0	87,2	12,8	100
Nuclear com filhos	63,1	36,9	74,4	25,6	100
Extensa	49,9	50,1	63,7	36,3	100
Composta	44,1	55,9	50,2	49,8	100
TOTAL	54,5	45,5	69,8	30,2	100
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2007				
	Chefe idoso		Chefe menor de 65 anos		Total
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Unipessoal	20,0	80,0	49,7	50,3	100
Nuclear sem filhos	90,8	9,2	77,2	22,8	100
Nuclear com filhos	51,3	48,7	67,6	32,4	100
Extensa	44,7	55,3	55,0	45,0	100
Composta	39,5	60,5	55,5	44,5	100
TOTAL	47,4	52,6	64,1	35,9	100

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora

⁴⁰ A taxa de chefia masculina para hogares pluripessoais passou de 88 a 84 entre 2001 e 2007.

⁴¹ O re-casamento de homens viúvos é muito mais frequente que o re-casamento de mulheres na mesma condição. Vide CABELLA, 2006.

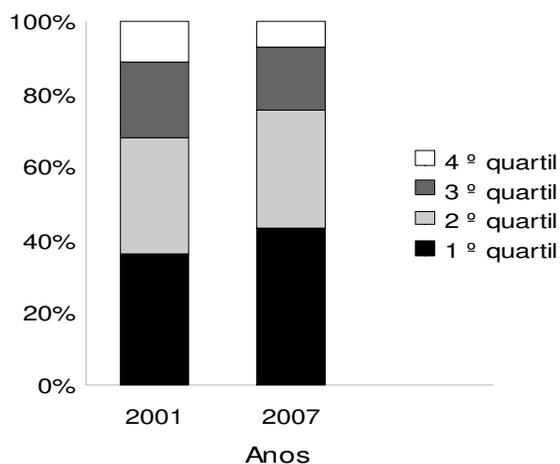
⁴² É considerada configuração nuclear monoparental aquela composta por filhos em convivência com só um de seus progenitores.

3.6 - Os hogares extensos: o caso particular de avôs e netos conviventes

O aumento no número de idosos na população, junto com o aumento na esperança de vida, faz possível a coexistência de várias gerações na mesma família, o que pode se traduzir na maior convivência de várias gerações no mesmo hogar. Isto produz mudanças nas relações entre gerações e nas estratégias que estas desenvolvem para sobreviver (PÉREZ et al., 2006).

Em 2007 o número de hogares estendidos com chefia idosa nos quais conviviam netos e avôs era aproximadamente 11.730: isto representa duas terceiras partes dos hogares estendidos de Montevideú com chefia idosa. Porém, esse padrão não se produz de forma similar entre hogares com níveis de renda diferentes. No Gráfico 3 mostra-se a porcentagem de hogares com avôs e netos conviventes para cada nível de renda, como função da renda per capita dos hogares⁴³. Mais de 40% dos hogares em que ocorre a convivência entre avôs e netos corresponde a hogares do quartil de renda mais baixo (primeiro quartil). Quando a renda aumenta, a proporção de hogares que apresentam tal convivência é menor. Pode se pensar nesse tipo de convivência como fator de proteção econômica para a criança, pelo fato dos idosos contarem em média com maiores rendas que a população jovem. Isto pode ser visto também como estratégia familiar perante situações econômicas desfavoráveis.

GRÁFICO 3- Distribuição (%) de hogares com chefia idosa e netos conviventes segundo quartis de renda per capita do hogar. Montevideú, 2001 e 2007



FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora
N 2001=15.428 (expandido) N 2007 = 11.727 (expandido)

⁴³ Em 2007 no primeiro quartil se encontram os hogares com renda per capita inferior (equivalentes a aproximadamente 1,3 Salários Mínimos Nacionais do Uruguai, ou menos), no segundo aqueles entre 1,4 e 2,3 SMN; no terceiro aqueles entre 2,4 e 4 SMN, e no quarto aqueles com mais de 4,1 SMN. Em 2001 no primeiro quartil se encontram aqueles hogares com renda per capita menor a 2,4 SMN, no segundo aqueles entre 2,5 e 4; no terceiro aqueles entre 4,1 e 6,8 e no quarto de mais de 6,9 SMN. Para uma melhor descrição desta categorização vide o anexo metodológico.

Pensando na distribuição de recursos no interior dos hogares, alguns autores utilizam a hipótese de BECKER, que assume a existência de laços de afeto “deber moral u obligación, que lleva a proporcionar ayuda em momentos de necesidad” (PÉREZ et al., 2006:4). Nesta perspectiva, define-se como um chefe altruísta aquele que maximiza a utilidade dos recursos quando assume sua distribuição entre os membros da família. No caso considerado, sob essa hipótese as crianças, filhos menores e netos, membros mais vulneráveis, seriam privilegiados na utilização dos recursos para investimento em educação e saúde, sem que haja expectativa de reciprocidade imediata (PÉREZ et al., 2006).

GUZMÁN e HENCHUAN (2007) assinalam que nas pesquisas do Banco Mundial tem sido demonstrado que quando os idosos exercem o controle sobre a sua renda aumenta a probabilidade dos gastos serem destinados a cobrir as necessidades do hogar, como a escola e saúde dos netos. Porém, como foi indicado por outros autores⁴⁴, empiricamente é muito difícil distinguir em que proporção as transferências são promovidas por sentimentos altruístas e em que proporção são decorrentes de contratos implícitos estabelecidos entre os componentes do hogar. Dessa forma, o modelo de existência de dinâmicas de trocas no interior do hogar, baseado na teoria da “troca social” desenvolvida por ANTONUCCI e LEE (apud SAAD, 1999), parece ter maior alcance explicativo desses fenômenos. O fluxo de trocas de serviços no hogar pode significar que os avôs se ocupam em maior proporção do cuidado dos netos, seja durante o tempo em que os pais estão fora do hogar, ou nos casos em que os pais não moram no mesmo. No caso de Montevideú, do total de hogares com netos e avôs conviventes em 2007, em 41% dos casos os pais do menor (ou menores) não faziam parte do hogar. Essa distribuição também está mediada pelos diferencias de renda, sendo que o 77% desses hogares correspondem aos dois quartis de renda mais baixa (Gráfico 4).

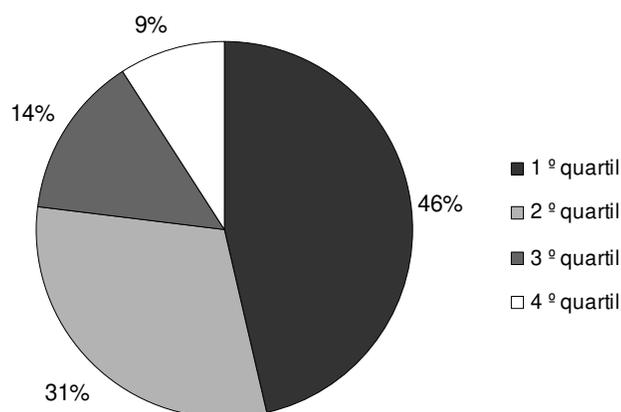
Ao mesmo tempo, o fato de 60% dos hogares em que os netos não moram com os seus pais terem chefia feminina indicaria que o componente de troca de serviços reflete um padrão de valores tradicionais, segundo o qual a responsabilidade pelo cuidado dos dependentes recai fundamentalmente na mulher.

Por outro lado, é necessário pensar na contribuição em termos de cuidados e serviços fornecida dos filhos e netos para com o idoso. Segundo a hipótese de LILLIARD e WILLIS (1997), os pais e avôs valorizam mais a atenção e o cuidado que provêm dos filhos e netos que aqueles obtidos no mercado, já que os primeiros são, em geral, mais profícuos e incorporam relações afetivas. A transferência de recursos das gerações mais velhas para as mais jovens dependeria da flexibilidade da substituição, de forma que os primeiros pagariam mais pelos serviços na medida em que não se encontrem serviços substitutos no mercado (LILLARD;

⁴⁴ A respeito de essa discussão ver Saad, 1999

WILLIS, 1997). De alguma maneira, esta hipótese pode dar conta das diferenças desses acordos de convivência entre os grupos de renda, na medida em que os idosos com maior poder aquisitivo poderiam ter acesso a serviços de melhor qualidade no mercado, que possam se constituir como substitutos dos outorgados pela família. Como exemplo, destaca-se os serviços de companhia, a assistência de saúde e a possibilidade de acesso a recreação.

GRÁFICO 4 - Distribuição (%) de hogares com chefia idosa e pelo menos um neto que não mora com nenhum de seus pais, segundo quartis de renda per capita do hogar. Montevideú, 2007



FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora N = 4.704(expandido)

3.7 - Características da população idosa

A situação dos idosos no hogar reflete o efeito acumulado de eventos sócio-econômicos, demográficos e de saúde que ocorreram durante o curso da vida do indivíduo.

O tamanho da prole, a mortalidade diferencial, o celibato, a viuvez, as separações, os recasamentos e as migrações, vão conformando, ao longo do tempo, distintos tipos de arranjos familiares e domésticos, os quais com o passar da idade adquirem características específicas, que podem colocar o idoso, do ponto de vista emocional e material, em situação de segurança ou de vulnerabilidade (BERQUÓ, 1996, p.25).

O propósito desta secção é mostrar um amplo panorama da situação dos idosos no hogar e tenta esboçar algumas hipóteses que dêem conta de certos processos que levam esse grupo populacional a viver majoritariamente em alguns tipos de configurações domésticas. A pergunta chave na qual se guia a análise a seguir supõe a existência de uma variedade de condições de

vida que possam estar mais ou menos próximas a se constituírem em situações de vulnerabilidade⁴⁵.

A distribuição dos idosos segundo tipos de arranjos domésticos mudou ao longo do período 2001-2007. Maior porcentagem de idosos moram sós e menor porcentagem em hogares estendidos. Seguindo a tendência do total da população a proporção de idosos morando em hogares nucleares – arranjo que concentra aproximadamente a metade da população idosa – permaneceu quase inalterada. Porém, essa distribuição mostra maior complexidade ao ser estudada à luz das diferenças na renda dos hogares em que esses idosos moram. Na Tabela 6 são mostradas as porcentagens que representam os diferentes tipos de hogar, distribuídos segundo quartis de renda per capita.

TABELA 6 - Distribuição (%) da população idosa segundo configuração doméstica por quartis de renda per capita do hogar. Montevideú, 2001 e 2007

CONFIGURACIÓN DOMÉSTICA	2001				
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	TOTAL
Unipessoal	8,5	16,5	20,8	32,6	20,5
Nuclear sem filhos	23,1	33,1	34,7	28,7	30,7
Nuclear com filhos	20,5	17,6	19,2	16,5	18,2
Extensa	44,5	30,7	23,0	17,1	27,4
Composta	3,4	2,1	2,4	5,0	3,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CONFIGURACIÓN DOMÉSTICA	2007				
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	TOTAL
Unipessoal	16,1	22,1	30,2	36,5	27,1
Nuclear sem filhos	20,6	33,8	33,2	33,9	31,6
Nuclear com filhos	18,1	17,4	16,8	16,1	17,0
Extensa	39,6	23,8	18,1	10,2	21,3
Composta	5,6	2,9	1,7	3,2	3,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboración da autora.

A tabela ilustra que existem diferenciais importantes entre os arranjos domésticos segundo o nível de renda do hogar: nos quartis mais baixos a maior proporção de idosos mora em hogares estendidos e nucleares e para os quartis mais altos essa população se concentra nos

⁴⁵ Vulnerabilidade é aqui entendida no sentido definido por FILGUEIRA E PERI: “Se trata de una noción básicamente dinámica, que examina las condiciones y los factores de riesgo que pueden conducir a la condición de pobre. Indisolublemente asociada a esta perspectiva está la noción de activos y recursos de los hogares y de las personas como una forma de “capital” que pueden movilizar para su desempeño social”. Vulnerabilidad social es entendida como “la escasa capacidad de respuesta individual o grupal ante riesgos y contingencia y también como la predisposición a la caída del nivel de bienestar, derivada de una configuración de atributos negativa lograr retornos materiales y simbólicos. Por extensión, se puede afirmar que es también una predisposición negativa para la superación de condiciones adversas. Así, ciertas categorías sociales, como la determinada por la condición ocupacional, la pertenencia a determinados grupos étnicos, género o edades y sus combinaciones señalarán diversos tipos y grados de predisposición.(...)Además la noción de vulnerabilidad alude al riesgo en relación o frente a algo en la medida en que se entiende como propensión”(FILGUEIRA; PERI, 2004: 21).

arranjos unipessoais e nucleares sem filhos. A tendência entre 2001 e 2007 é a acentuação desses diferenciais.

Quais outros fatores podem explicar esse diferencial? Sendo a situação econômica (medida em renda per capita do hogar) chave para explicar os diferenciais nos arranjos de convivência dos idosos, podemos pensar num conjunto de outros fatores que incidem na conformação de hogares e que interagem com os determinantes econômicos. Os diferenciais de fecundidade entre grupos sócio-econômicos e a capacidade diferenciada das novas gerações, em relação aos seus antecessores, de se estabelecer em hogares independentes, associadas à perspectiva do ciclo de vida familiar, permitem realizar um esboço dos processos que desembocam nesses diferenciais. Sobre isso ARRIAGADA (2004:13) aponta:

La menor incidencia de pobreza e indigencia se encuentra en hogares unipersonales y en los nucleares sin hijos, que corresponden a parejas que recién inician el ciclo de vida familiar y a las parejas mayores cuyos hijos han constituido sus propios hogares, en ambos casos sin hijos que dependan económicamente de sus padres.

Por outro lado a taxa de fecundidade mantém níveis muito baixos na população de estratos sócio-econômicos mais altos⁴⁶, devido a padrões sociais, culturais e econômicos específicos⁴⁷ (FILGUEIRA, F. 1999). Isto faz com que sejam mais frequentes os arranjos domésticos sem filhos e unipessoais no quartil de renda mais alta, seja por se tratar de casais que não tiveram filhos ou casais com um número reduzido de filhos, já emancipados.

A emancipação dos jovens do hogar (seja no caso em que estes formem um novo casal, saiam por motivos laborais ou de estudo, migrem, ou decidam viver de forma independente) encontra um obstáculo incontornável: falta de recursos financeiros. O alto custo de aluguéis e compra de imóveis faz com que morar com os pais (ou com outras pessoas, familiares ou não), seja uma forma de enfrentar essas dificuldades. Isso não ocorre tão marcadamente nos hogares onde a renda per capita é maior e também maior a possibilidade de acesso a esses recursos. Assim, entre os jovens de setores médios e altos de Montevideu tem-se evidenciado uma tendência a se estabelecer em residências independentes das gerações predecessoras, seja como etapa de convivência pré-nupcial ou como uma etapa independente do processo matrimonial (JELIN, 1997).

Por outro lado, foi relevado num estudo da CEPAL em 1996, relacionado com as condições habitacionais dos jovens emancipados de 15 a 29 anos, que um terço dos casais que não moravam com os seus pais ocupavam vivendas que eram propriedade de algum dos pais ou

⁴⁶ No trabalho o autor mostra como o diferencial da fecundidade aumenta o peso da reprodução biológica nos estratos mais baixos, reforçando a permanência da infantilização da pobreza no país.

⁴⁷ Cabe apontar, entre vários fatores: começo tardio da vida reprodutiva associado ao maior investimento em anos de educação e ao ingresso tardio ao mercado laboral, maior acesso a métodos anticoncepcionais modernos, etc.

de outros familiares e amigos (FILGUEIRA, F., 1999). O efeito das últimas crises pelas quais o país atravessou tem derivado num acesso mais difícil à compra ou aluguel de bens imobiliários para amplos setores da população. Para enfrentar essa situação é frequente encontrar terrenos compartilhados em bairros carentes, habitados em unidades da vivenda relativamente independentes (JELIN, 1997). Os habitantes dessas diferentes unidades em muitos casos funcionam como um único hogar, quando existe um fundo comum de alimentação.

Esses fatores podem explicar não só o crescimento da proporção de idosos de maior renda morando sós, como também dizem respeito à perda de peso relativo em 2007 da configuração nuclear sem filhos entre os hogares de menor renda, associada ao maior peso dos nucleares com filhos, mas, sobretudo, aos hogares estendidos.

El hogar extendido sí es un tipo de arreglo que presenta una relación evidente con la pobreza, constituyendo la segunda categoría en importancia al interior de los hogares que se encuentran bajo la línea, luego de las familias conformadas por pareja e hijos; asimismo es el tipo de hogar que presenta mayor incidencia de la pobreza (44%). Este es un rasgo que Uruguay comparte con el conjunto de los países de América Latina, donde existe una larga tradición académica que analiza la conformación de hogares extendidos como estrategia para crear economías de escala y enfrentar las repetidas crisis económicas” (CABELLA, 2007:13)

3.8 - Os diferenciais por idade

Uma variável importante para a análise é a idade, já que intervém, direta ou indiretamente, no processo de transformação dos arranjos domésticos. Nesta parte vão ser consideradas as configurações dos hogares onde os idosos moram como função da faixa de idade à qual pertençam.

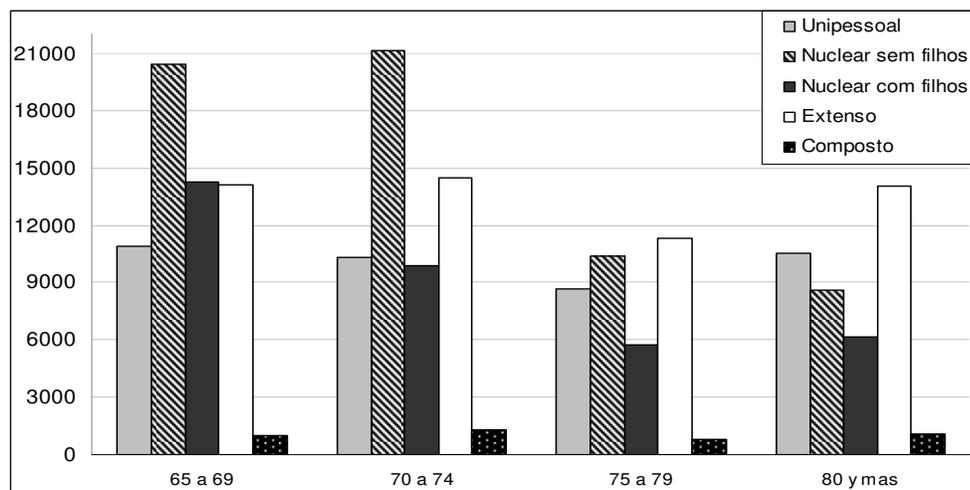
Para facilitar a análise, a população idosa foi dividida em quatro grandes grupos. Dois critérios básicos guiaram essa divisão. Foi considerada a distribuição por faixas quinquenais de idade, considerando-se o grupo de 80 anos como aberto. Dessa forma, em 2007 cada grupo representava aproximadamente um quarto da população⁴⁸. O segundo critério está focado em distinguir perfis de saúde, partindo do princípio que, em média – especialmente entre os grupos extremos – existirão diferenciais nas condições de saúde que possam representar, associados a outros fatores, aumento na probabilidade de se constituir em situações de vulnerabilidade.

Analizando a distribuição da população idosa segundo tipo de configuração do hogar (vide Gráficos 5 e 6) pode se observar que as mudanças ocorridas entre 2001 e 2007 – aumento

⁴⁸ Segundo dados do INE 27% dos idosos de Montevidéu em 2007 tinham entre 65 e 69 anos; 25% entre 70 e 74; 22% entre 75 e 79 e 26% 80 e mais anos.

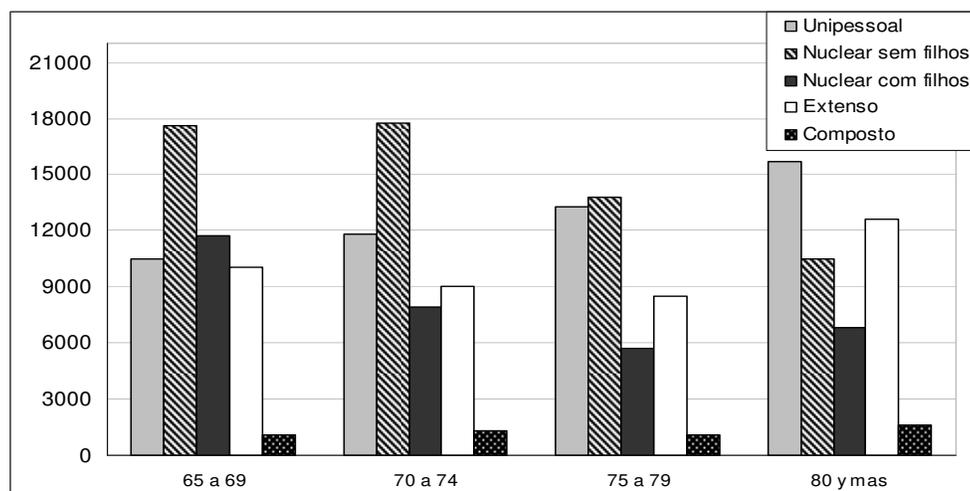
da proporção de idosos morando sós e diminuição da proporção daqueles que moram em hogares estendidos – não aconteceram de forma semelhante para os diferentes grupos etários.

GRÁFICO 5 - Número de idosos segundo tipo de configuração doméstica e grupo etário. Montevideú, 2001



FONTE: ECH 2001. Elaboração da autora.

GRÁFICO 6 - Número de idosos segundo tipo de configuração doméstica e grupo etário. Montevideú, 2007



FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

Os Gráficos permitem observar que, tanto em 2001 como em 2007, grande parte da população menor de 75 anos se concentra em hogares nucleares sem filhos. Mas a proporção de idosos de 75 anos e mais que morava só cresceu consideravelmente no período. Todavia, os hogares extensos eram os que concentravam a maior proporção de idosos de 80 anos e mais no

primeiro ano, mas em 2007 os unipessoais passaram a ser o arranjo mais significativo entre essa população (vide tabela 3 do Anexo B).

Ou seja, em 2007 à medida que aumenta a idade, aumenta a quantidade e a proporção de idosos morando sós, ao mesmo tempo que é menor o peso proporcional daqueles que moram em arranjos estendidos, em comparação a 2001. Mais uma vez podemos retornar à pergunta inicial do capítulo: significa isto um aumento da vulnerabilidade para os idosos? Para tentar aprofundar nessa questão é analisada essa distribuição à luz de diferenciais na renda per capita do hogar. Variações significativas foram encontradas nessa tendência (Tabela 7).

TABELA 7 - Distribuição (%) da população idosa segundo configuração doméstica por idade e quartis de renda per capita do hogar. Montevidéu, 2001 e 2007

CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2001							
	1º QUARTIL				2º QUARTIL			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	7,5	9,5	8,3	8,6	14,5	13,8	17,1	23,0
Nuclear sem filhos	23,6	26,5	16,6	21,9	35,8	40,0	28,0	23,4
Nuclear com filhos	25,6	16,6	20,1	17,7	21,7	18,6	13,6	13,5
Extensa	39,7	43,9	52,6	47,9	26,5	25,6	38,5	37,4
Composta	3,5	3,6	2,4	3,8	1,5	2,0	2,8	2,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2001							
	3º QUARTIL				4º QUARTIL			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	16,9	17,1	22,7	29,6	30,3	30,6	37,5	33,8
Nuclear sem filhos	41,2	40,8	30,8	20,6	29,5	35,6	30,0	18,0
Nuclear com filhos	23,7	18,3	18,5	14,7	22,9	14,4	11,3	15,0
Extensa	17,4	21,1	25,1	31,4	12,6	15,5	16,3	26,0
Composta	0,8	2,7	2,9	3,7	4,7	3,9	4,9	7,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2007							
	1º QUARTIL				2º QUARTIL			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	14,2	14,3	19,5	18,7	16,3	20,2	24,9	27,9
Nuclear sem filhos	23,3	25,2	17,4	12,0	34,5	39,8	36,6	23,7
Nuclear com filhos	19,9	19,0	15,7	15,7	23,4	16,7	14,8	14,1
Extensa	38,6	35,9	40,6	46,2	23,3	20,5	21,0	30,5
Composta	4,0	5,6	6,7	7,4	2,4	2,8	2,7	3,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2007							
	3º QUARTIL				4º QUARTIL			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	24,8	29,1	32,5	34,1	26,4	33,4	43,4	42,5
Nuclear sem filhos	35,9	39,4	34,9	23,9	42,2	39,4	33,9	22,2
Nuclear com filhos	23,8	16,3	13,0	14,3	24,3	14,8	11,2	13,9
Extensa	13,9	13,7	17,8	25,8	5,8	9,6	9,7	15,2
Composta	1,5	1,5	1,8	1,9	1,4	2,8	1,7	6,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora.

A distribuição em números absolutos é apresentada na Tabela 4 do Anexo B.

Em primeiro lugar, chama a atenção que para os hogares do primeiro quartil de renda a distribuição por idades difere bastante da analisada para o total da população idosa. Nesse grupo de renda a proporção de idosos morando sós é menor que para os outros grupos e aumenta pouco

com a idade (crescendo somente para o grupo de 70 a 75 anos e diminuindo para o grupo de 80 anos e mais). A configuração predominante – seja qual for a idade – são os hogares estendidos sem que se apresente uma perda de peso relativo no período 2001-2007.

Para entender essa distribuição diferencial por níveis de renda, é preciso pensar na direção e mecanismo de troca de cuidados e serviços intergeracionais. Isto sugere que em situações econômicas mais desfavoráveis e quando a idade do idoso é mais avançada, este se encontra majoritariamente morando com outras pessoas que podem ser provedores de cuidados e serviços. No entanto, como será visto na seção seguinte, a contribuição financeira que o idoso realiza ao hogar pode ser significativa. Inversamente, quando o nível de renda é mais alto o idoso encontra-se majoritariamente morando sozinho.

Evitando cair numa leitura unidirecional da associação entre as variáveis, faz-se necessário rever que, por ter os hogares estendidos maior número de membros e crianças, sua renda per capita tende a ser menor, por isso a proporção elevada desse tipo de hogar cairia na categoria de menor renda. Por essa razão, a Tabela 7 foi recalculada em função de grupos de renda recebida pelos idosos, (segundo salários mínimos nacionais mensais), obtendo-se a Tabelas 8 e 9. Apesar da distribuição ter mudado em relação à anterior, pode se ver que o padrão de distribuição dos hogares unipessoais dos grupos extremos não se modifica.

Na Tabela 9 observa-se que, em 2007, dos idosos de 80 anos e mais localizados no grupo de renda pessoal mais baixa, 31% mora em hogares estendidos, enquanto que no grupo mais alto, somente 13,7% mora nesse tipo de configuração e 36% mora sozinho.

Tais resultados suscitam uma pergunta: a maior renda indica aumento de autonomia somente, ou também reflete certo abandono na medida em que as condições econômicas são suficientes para possibilitar essa situação?

Para responder a essas questões são necessários estudos qualitativos que explorem as percepções dos idosos em termos de vínculos e relações sociais e familiares, segundo sua situação no hogar. É preciso pensar em necessidades específicas da população idosa em termos de acesso a serviços e infra-estrutura que lhes permita se desenvolver no cotidiano. Há pouco tempo essas questões permaneciam fora da agenda pública; atualmente o *Ministerio de Salud Pública* através do *Programa Nacional del Adulto Mayor* está dirigindo esforços para a implementação de melhorias sanitárias, sociais, ambientais e habitacionais, para a geração de espaços de participação e para a proteção dos direitos da população idosa. Entretanto, ainda são muitas as necessidades que são supridas, ou se espera que seja, pela família, grupos comunitários e iniciativas particulares. A regulação desses mecanismos por parte do estado mediante legislação e implementação de políticas sociais é fundamental nesse processo.

TABELA 8 - Distribuição (%) da população idosa segundo configuração doméstica por idade e grupos de renda do idoso (segundo salários mínimos). Montevidéu, 2001

CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	< 2 SM			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	12,8	13,9	18,2	21,7
Nuclear sem filhos	36,6	36,8	24,8	18,6
Nuclear com filhos	22,5	17,4	16,9	15,9
Extensa	26,0	29,1	37,3	40,2
Composta	2,1	2,8	2,9	3,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2 ≤ SM ≤ 5			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	28,7	26,3	32,5	34,7
Nuclear sem filhos	27,2	37,0	30,1	23,7
Nuclear com filhos	23,7	15,7	13,1	13,1
Extensa	19,2	19,4	21,6	24,6
Composta	1,1	1,6	2,8	3,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	SM > 5			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	21,0	21,3	26,5	26,8
Nuclear sem filhos	30,4	37,0	40,8	30,6
Nuclear com filhos	28,3	20,3	12,0	13,0
Extensa	15,6	15,8	12,2	17,6
Composta	4,7	5,7	8,5	11,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2001. Elaboração da autora.

TABELA 9 - Distribuição (%) da população idosa segundo configuração doméstica por idade e grupos de renda do idoso (segundo salários mínimos). Montevidéu, 2007

CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	< 2 SM			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	17,7	20,4	24,7	28,3
Nuclear sem filhos	34,2	38,7	33,6	20,0
Nuclear com filhos	21,1	16,1	15,2	16,0
Extensa	24,6	21,2	23,7	31,1
Composta	2,5	3,6	2,9	4,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2 ≤ SM ≤ 5			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	24,2	28,7	36,6	37,5
Nuclear sem filhos	34,3	32,3	28,2	20,1
Nuclear com filhos	21,7	18,2	13,5	12,7
Extensa	18,1	18,0	19,0	26,3
Composta	1,8	2,8	2,7	3,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	SM > 5			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	22,2	28,8	37,9	35,9
Nuclear sem filhos	35,9	42,0	38,3	32,2
Nuclear com filhos	31,3	14,5	8,8	13,0
Extensa	8,2	13,6	12,3	13,7
Composta	2,5	1,0	2,6	5,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

Resumindo, pode se afirmar que à medida que aumenta a idade, para os idosos com menor renda (pessoal e per capita do hogar) aumenta a proporção dos que moram em hogares estendidos. Para os quartis mais elevados, à medida que avança a idade, encontramos que é maior o peso relativo daqueles idosos morando sozinhos. Nesse marco, a hipótese da importância da troca bidirecional de bens e serviços dentro dos hogares de menor renda vê-se reforçada.

3.9 - Os diferenciais por sexo

Como já foi apontado, na velhice as diferenças entre homens e mulheres não tendem a se diluir, pelo contrário, à medida que avança a idade torna-se mais visível a acumulação de desigualdades vivenciadas durante o curso da vida das pessoas. O Gráfico 7 ilustra os diferenciais na composição de tipos de arranjos domésticos para homens e mulheres idosos de diferentes grupos etários.

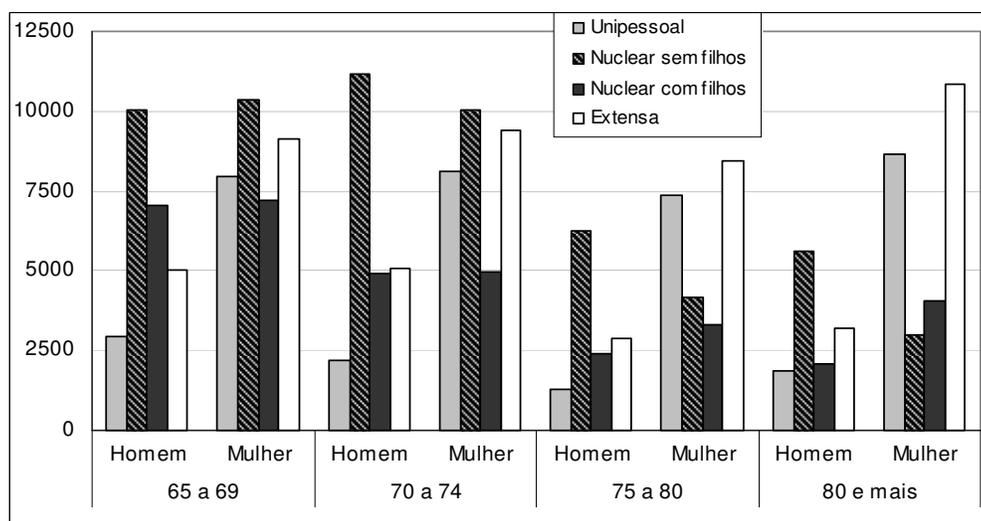
Nos Gráficos 7 e 8 pode-se observar que em qualquer das faixas de idade os homens moram majoritariamente em arranjos nucleares sem filhos. Na faixa de 80 anos e mais, apenas 17% mora só. Para as mulheres, pelo contrário, a distribuição varia com a idade. Para aquelas entre 65 e 69 anos a maioria (30%) morava em hogares nucleares sem filhos, enquanto que para o grupo de 75 anos e mais a maior proporção ocorre em hogares unipessoais (40%). Para as mulheres de 80 anos e mais, os arranjos predominantes são os unipessoais, mas os hogares estendidos também adquirem maior peso relativo que nas outras faixas etárias.

Assim, com o aumento da idade da mulher os arranjos nucleares sem filhos perdem peso relativo, o que pode ser explicado pela sobrevivência masculina associada ao aumento da viuvez, como será mostrado na seção seguinte. Porém, para o grupo de mulheres de maior idade o peso dos arranjos nucleares com filhos não é tão baixo como no grupo imediatamente anterior. Isto parece indicar uma dupla tendência: por um lado as mulheres apresentam maior probabilidade de morar sozinhas devido a eventos característicos do ciclo de vida familiar, mas por outro parece existir uma tendência à incorporação das mulheres de idade mais avançada ao hogar dos filhos ou de outros familiares, ou o inverso, a incorporação dos filhos no hogar materno.

Não obstante, dado que essa distribuição tinha maior força em 2001, poderia se esboçar a hipótese de que esses diferenciais sejam decorrência de diferenças entre coortes de mulheres – enquadradas em configurações caracterizadas por contextos e costumes diferentes – e não necessariamente de mudanças que ocorram para as pessoas de cada grupo na medida em que

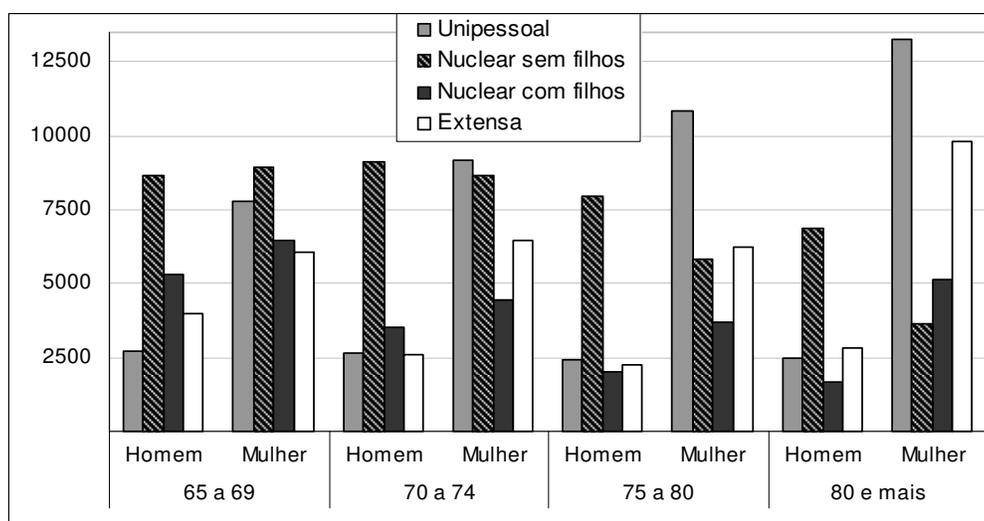
avança a sua idade. Contar com histórias de vida que reconstruam as trajetórias familiares ou pesquisas que acompanhem os mesmos indivíduos e que sejam orientadas ao estudo das configurações domésticas poderia ser de grande valia para o maior conhecimento dos fenômenos em questão.

GRÁFICO 7 - Número de idosos segundo sexo, grupo etário e tipo de configuração doméstica. Montevidéu, 2001



FONTE: ECH 2001. Elaboração da autora.

GRÁFICO 8 - Número de idosos segundo sexo, grupo etário e tipo de configuração doméstica. Montevidéu, 2007



FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

3.10 - Os diferenciais por situação conjugal

Já anteriormente apontamos a situação conjugal como um fator relevante para conhecer a forma em que os hogares estão constituídos. Na população de idade avançada o estado conjugal de homens e mulheres tende a mostrar diferenças acentuadas, existindo grandes contingentes de mulheres em situação de viuvez e de homens casados. Isto explica em grande medida a tendência geral ao aumento dos hogares unipessoais e nucleares monoparentais entre a população idosa de sexo feminino. A Tabela 10 mostra que em 2007 cerca da metade das mulheres idosas residentes em Montevideu era viúva, enquanto que quase três quartos dos homens idosos eram casados ou moravam com o cônjuge.

Esse diferencial deve-se à maior longevidade das mulheres, assim como a normas sociais e culturais que levam a que nas uniões efetuadas as mulheres sejam um pouco mais jovens que seus companheiros⁴⁹. Por outro lado, o recasamento após viuvez ou dissociação de uniões é mais frequente entre os homens idosos que entre mulheres do mesmo grupo de idade, existindo assim maiores proporções de mulheres solteiras, divorciadas ou separadas, que de homens (BERQUÓ, 1996).

TABELA 10 - Distribuição (%) dos idosos segundo situação conjugal por sexo e configuração doméstica. Montevideu, 2007⁵⁰

SITUAÇÃO CONJUGAL	UNIPESSOAL		NUCLEAR COM FILHOS		EXTENSA		TOTAL	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Casado no convivente	16,8	3,8	1,4	3,0	3,6	2,7	3,8	2,6
Casado em convivencia ou união	0,0	0,1	84,5	29,1	60,2	16,7	74,0	31,7
Divorciado ou separado de união livre	24,9	13,8	2,2	10,5	5,7	8,9	5,3	9,0
Solteiro	18,1	12,0	1,0	2,7	10,3	11,4	5,1	7,9
Viuvo	40,2	70,3	10,8	54,8	20,2	60,2	11,8	48,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

NOTA: Nos hogares nucleares sem filhos o 100% é de casados ou em união livre.

Analisando a distribuição da situação conjugal de homens e mulheres idosos segundo a configuração do hogar em que moram, nota-se que a proporção de mulheres viúvas predomina qualquer seja o arranjo doméstico. Assim vemos que, enquanto a percentagem de mulheres viúvas em hogares unipessoais é de 70%, 40% dos homens se encontra na mesma condição e 17% declara-se casado apesar de não compartilhar o hogar com a esposa, podendo-se tratar de

⁴⁹ A diferença média de idade entre noivos passou de 5, 4 anos em 1907 a 3 anos em 2000 (INE, 2002).

⁵⁰ A ECH de 2001 não permite construir a variável “situação conjugal” da forma aqui exposta, por esse motivo esses dados não são apresentados.

separações. Complementarmente observa-se que a alta taxa de viuvez feminina traduz-se numa elevada percentagem de mulheres em hogares nucleares monoparentais.

3.11 - A renda do idoso e a questão da solidariedade intergeracional

Um dos desafios propostos no presente trabalho é construir alguns indicadores que nos permitam conhecer em que medida e em quais situações o idoso tem uma participação significativa na renda do hogar. Com esse propósito, se propõe esboçar, em primeiro lugar, algumas das características que apresentam os idosos em relação a sua situação de atividade e ao nível de renda. Posteriormente, é considerado o peso da renda do idoso em relação à renda per capita do hogar, tentando vislumbrar se existem diferenciais segundo níveis de renda e tipos de arranjos domésticos.

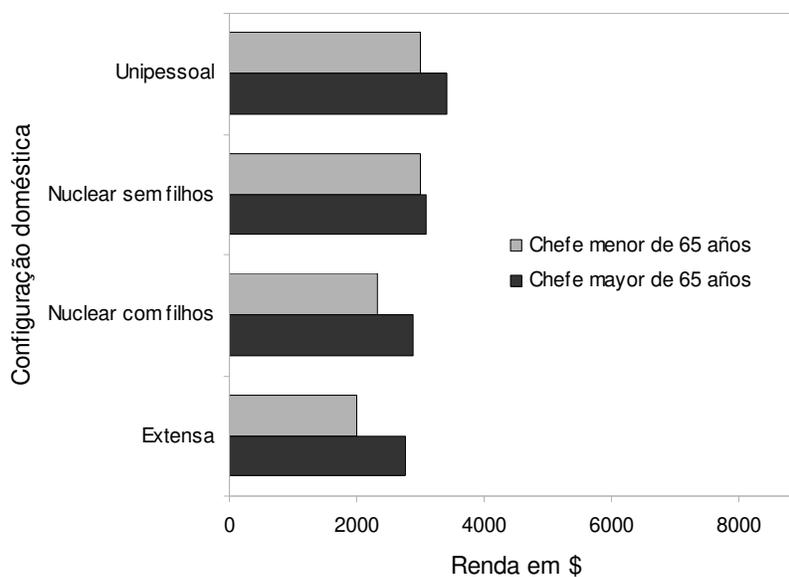
Cabe fazer uma apreciação com o que tem sido trabalhado até agora. A análise dos dados sobre configurações domésticas revelou que os hogares com idosos representavam em 2007 34% dos hogares montevidéanos. 35% desses hogares eram compostos por uma única pessoa, o que significaria que, segundo as estimativas realizadas a partir dos dados da ECH de 2007, aproximadamente 95.500 hogares montevidéanos estariam compostos por pessoas de 65 anos e mais convivendo com outras pessoas. Partindo desta ideia, é possível apreciar que 23% dos hogares com idosos são compostos por um casal de idade avançada e que, portanto, o número de hogares onde efetivamente se produzem trocas intergeracionais se reduz a algo em torno de 60.900: aproximadamente 14% dos hogares montevidéanos, ou menos⁵¹. Essa redução do universo onde as trocas podem ser observadas, não invalida a intenção deste trabalho, mas sim permite dimensionar mais adequadamente seu alcance.

Uma forma de medir a participação do idoso no total da renda doméstica é através da mediana da renda per capita do hogar, comparando os valores assumidos nos hogares com chefia idosa e nos hogares com chefia exercida por um menor de 65 anos. Essa confrontação se apresenta nos Gráficos 9 e 10, no qual se distinguem os hogares segundo tipos de configuração doméstica. Visando captar melhor as variações segundo grupos de renda per capita dos hogares foram separados os hogares que pertencem ao primeiro e segundo quartil de renda por um lado e os dois quartis de mais alta renda pelo outro. Aqui chamaremos primeiro grupo ao de menor renda e segundo grupo ao de maior renda.

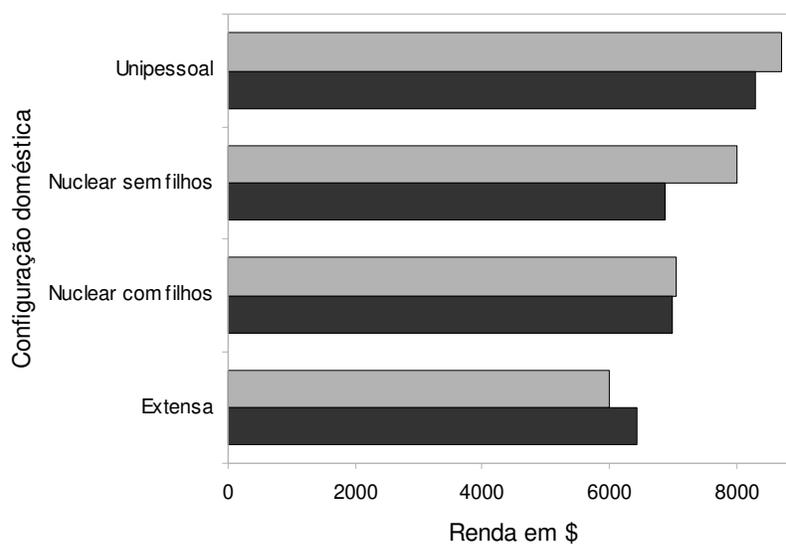
⁵¹ Considerando os hogares estendidos em que convivem irmãos de idades não muito próximas, por exemplo, esse número se reduziria ainda mais.

GRÁFICO 9 - Mediana da renda per capita do hogar (\$) segundo idade do chefe e configuração doméstica e grupos de renda per capita do hogar. Montevideú, 2001

Primeiro grupo de renda do hogar

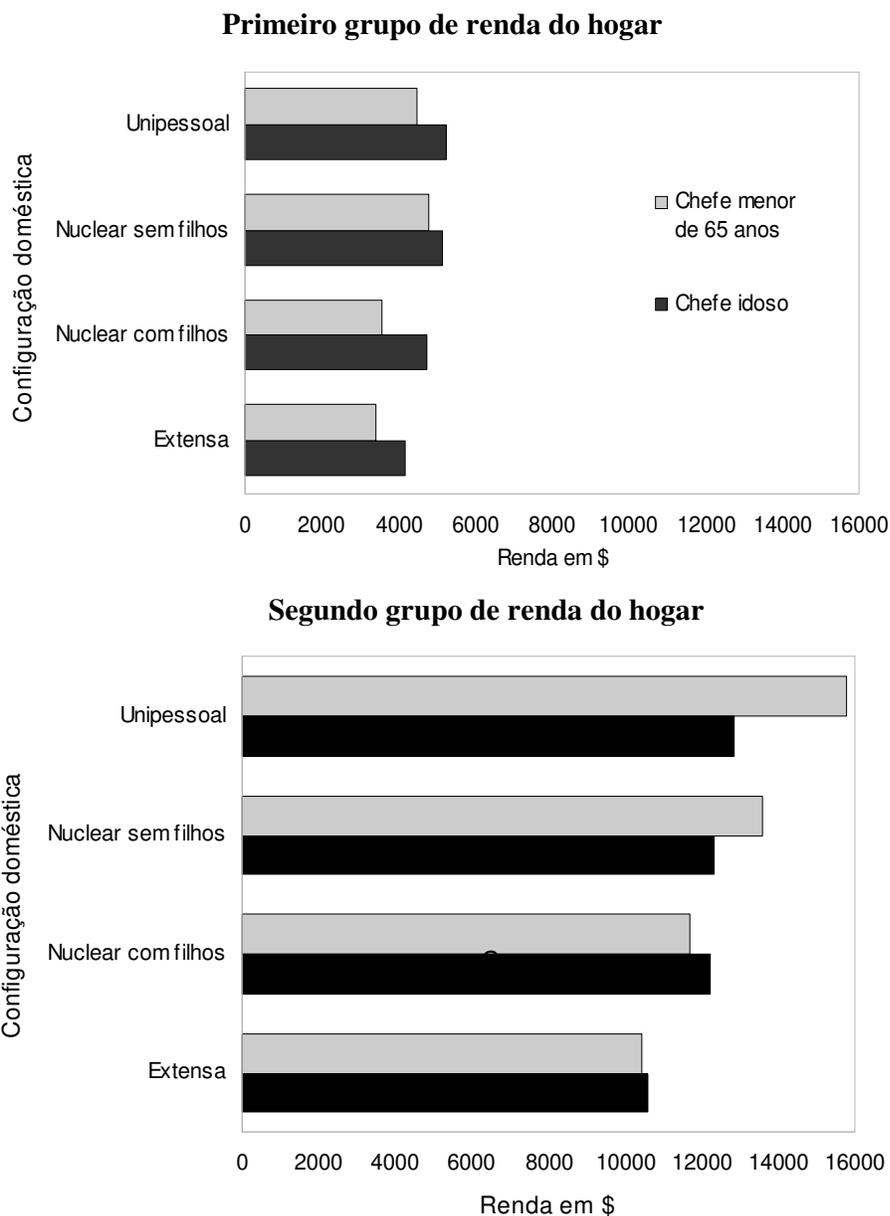


Segundo grupo de renda do hogar



FONTE: ECH 2001. Elaboração da autora.

GRÁFICO 10 - Mediana da renda per capita do hogar (\$) segundo idade do chefe e configuração doméstica e grupos de renda per capita do hogar. Montevideú, 2007



FONTE: ECH 2007.

NOTA: Elaboração da autora.

Os Gráficos 9 e 10 mostram que o valor da mediana da renda é maior nos hogares unipessoais e nos nucleares que nos estendidos. Para os hogares localizados dentro do primeiro grupo de renda pode se observar que, qualquer seja o tipo de configuração doméstica, a mediana da renda é mais alta naqueles onde a chefia é exercida por um idoso. O mesmo comportamento se observa nos hogares estendidos do segundo grupo de renda. Porém, para os hogares

unipessoais e nucleares sem filhos do segundo grupo, a mediana da renda é mais alta em hogares sem chefia idosa.

Excetuando o caso dos hogares nucleares com filhos, onde se evidencia uma mudança no período estudado – passando a mediana de renda em 2007 a ser maior para os hogares com chefia idosa – e além das diferenças na magnitude da variação dos valores assumidos entre os hogares do segundo grupo, esse padrão é similar para 2001 e 2007. Isto coincide com a hipótese trabalhada por FILGUEIRA, que indica que os hogares com membros aposentados ou pensionistas no Uruguai apresentam menor risco de cair abaixo da linha de pobreza, devido à ampla cobertura do sistema de seguridade social – particularmente em relação ao sistema de aposentadorias e pensões (FILGUEIRA, 1999). Assim, dentro do contexto da América Latina, o Uruguai tem se destacado por apresentar baixos níveis de incidência de pobreza entre pessoas idosas e hogares com pessoas idosas (HUENCHUAN & GUZMÁN, 2007). Perante esse panorama se faz relevante pensar, como assinala PAREDES (2004:14), que:

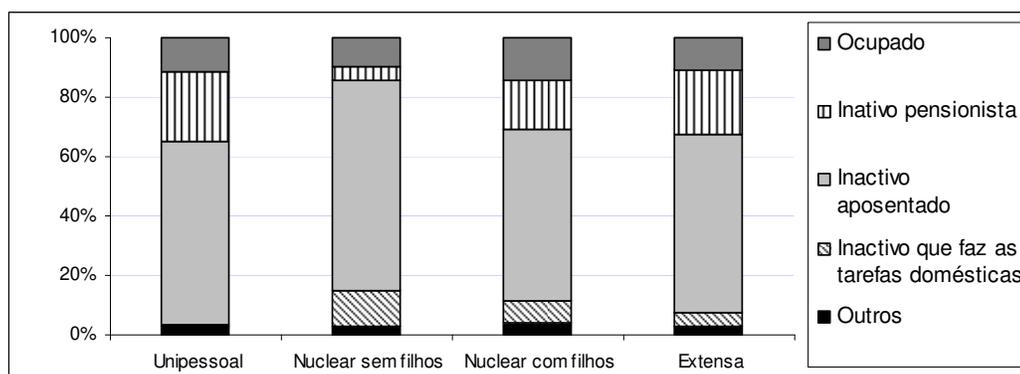
...probablemente los viejos de hoy sean los últimos privilegiados en relación a las generaciones que los suceden. De alguna manera transitaron por una sociedad más equitativa, en donde el empleo estaba asegurado y la legislación laboral se expandía ampliando la cobertura del sistema de seguridad social. Aún de viejos, estas generaciones mantienen una buena posición en tanto su jubilación está asegurada en virtud de las reformas recientes. Más incierta es la situación de la generación siguiente, que ya empezó a envejecer en un contexto bastante menos favorable e incluso se ha visto afectada por la crisis económica reciente, en el desempleo y en la caída de los salarios.

3.12 - Condição de atividade

A condição de atividade dos idosos, assim como a origem dos benefícios do sistema de seguridade social, apresenta diferenciais segundo o sexo e a idade dos indivíduos. Intervêm também os diferenciais sócio-econômicos, associados a níveis de participação no mercado laboral formal e ao acesso aos benefícios de seguridade social.

Esta secção esboça um panorama desses diferenciais, já que eles vão determinar em grande medida a possibilidade de acesso a recursos monetários nos hogares com idosos. O objetivo é avaliar em que medida e de que maneira os benefícios públicos destinados aos idosos podem atingir gerações, funcionando como um amortecedor de situações de vulnerabilidade no interior dos hogares.

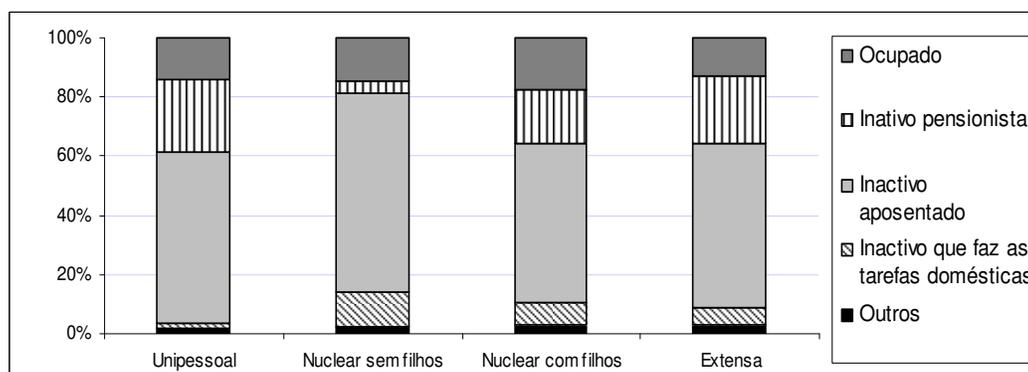
GRÁFICO 11 - Condição de atividade dos idosos segundo configuração doméstica. Montevideú, 2001



FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

NOTA: Na categoria “outros” são considerados os desocupados, os inativos rentistas e outros inativos. A distribuição em números absolutos é apresentada no Anexo B, Tabela 5.

GRÁFICO 12 – Condição de atividade dos idosos segundo configuração doméstica. Montevideú, 2007



FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

NOTA: Na categoria “outros” são considerados os desocupados, os inativos rentistas e outros inativos. A distribuição em números absolutos é apresentada no Anexo B, Tabela 5.

Tanto para 2001 como para 2007, como mostrado nos Gráficos 11 e 12, em quaisquer das configurações domésticas predominam os aposentados e em menor medida, os pensionistas. Nos hogares nucleares – especialmente em aqueles sem filhos – o peso dos inativos que realizam tarefas do hogar é relativamente maior do que o peso dos pensionistas: possivelmente são mulheres que não tiveram participação no mercado laboral e não atingiram a idade ou as condições para receber pensão de velhice. No caso dos idosos morando sozinhos, elevou-se em 2007 a proporção daqueles que se dedicavam exclusivamente às tarefas domésticas. Embora esse grupo represente menos de um 2%, indica que esses idosos estão dependendo de serviços pagos, de ajuda proveniente de outros hogares, ou de outros canais de apoio institucionais.

A porcentagem de idosos ocupados não apresenta variações significativas segundo as diferentes configurações domésticas, isto se deve ao fato de que o sexo e a idade têm uma influência muito mais clara sobre a condição de atividade dos idosos.

Na medida em que a idade aumenta, aumenta a probabilidade de acesso a uma aposentadoria ou pensão, e por isso se reduz consideravelmente a proporção de ocupados. Como assinala BERTRANOU (2006), a tendência à redução do afastamento precoce do mercado de trabalho dos idosos – evidenciado fundamentalmente nos países da área da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) – e a associação desta tendência ao paradigma do “envelhecimento ativo” tem aberto um debate em relação a quais seriam as políticas públicas mais adequadas para acompanhar esse processo. Debate que se desenvolve em um marco de pressões para a extensão do tempo em atividade e de restrição do acesso precoce à seguridade social. Um dos tópicos centrais desse debate é a questão da demarcação da idade para a aposentadoria. A esse respeito CAMARANO e PASINATO (2006:14) assinalam:

A inter-relação entre participação no mercado de trabalho e bem-estar na idade avançada apresenta uma dicotomia intrínseca. Se por um lado, essa participação sugere melhores condições de saúde e maior integração social dos idosos, por outro, no processo de desenvolvimento dos sistemas de proteção social, a idade avançada foi consensuada como um risco social a ser coberto, o que implica em uma menor participação no mercado de trabalho. Não se tem dúvida de que é necessário proteger a população que perde a capacidade de trabalhar e de gerar renda. A questão que se coloca num contexto, também, de melhorias generalizadas de condições de saúde, qual é esta idade? Sabe-se que ela deve diferir entre grupos sociais, regionais, categorias ocupacionais, etc.

Na contramão dessa tendência, o Uruguai, como mencionado anteriormente, tem flexibilizado recentemente a legislação que regulamenta o acesso às aposentadorias, fixando em 60 anos a idade mínima para a aposentadoria comum e baixando o tempo de contribuição exigido para 30 anos; sendo flexibilizadas também as condições de aposentadoria por idade avançada.

Por outro lado, como foi indicado, existem diferenças importantes entre grupos sócio-econômicos que determinam restrições e motivações diferentes ao momento de se retirar do mercado de trabalho. Estudando as percentagens de ocupação dos idosos do sexo masculino segundo diferentes quartis de renda, verifica-se que nos quartis extremos se encontram as maiores proporções de idosos ocupados⁵² (Tabela 11). Isto pode estar mostrando situações nas quais o abandono da ocupação significa uma redução importante da renda (seja o caso de

⁵² É considerado como ocupada toda pessoa que trabalhou pelo menos uma hora na semana anterior à pesquisa ou que não trabalhou por estar em período de férias, ou por doença ou acidente, conflito de trabalho ou interrupção do mesmo por causa do mal tempo, defeitos produzidos nas máquinas ou falta de matérias primas, mas tem emprego ao qual voltará com certeza, independentemente de se a pessoa é além disso aposentada (INE, 2007).

trabalhadores com acesso a uma aposentadoria abaixo do nível salarial ou de trabalhadores informais):

...la cesación del trabajo habitual conlleva una reducción del ingreso. Una forma de suplir esta pérdida es volcarse hacia una nueva actividad económica o seguir participando en la misma, aunque en menor medida. A menudo es un hecho observado que la reducción del tamaño del hogar, ya sea por la salida de los hijos o pérdida del cónyuge, trae aparejado mayores costos para el mantenimiento del mismo. En el caso de los adultos, se suma en general un aumento de los gastos en salud, lo que hace imprescindible la búsqueda de otro ingreso económico (DAMONTE, 1999: 29).

No caso dos idosos com maior renda a elevada proporção de ocupados pode estar relacionada à preferência pela permanência em empregos qualificados, que podem lhes garantir a manutenção das atividades desenvolvidas na vida laboral e altos níveis de participação social.

TABELA 11 - Distribuição (%) da condição de atividade dos idosos segundo quartis de renda per capita do hogar e sexo do chefe. Montevidéu 2001 e 2007

CONDIÇÃO DE ATIVIDADE	2001									
	1º QUARTIL		2º QUARTIL		3º QUARTIL		4º QUARTIL		TOTAL	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Ocupado	13,6	13,8	13,8	8,6	18,9	10,3	21,7	9,7	17,1	10,1
Desocupado	4,7	0,7	1,6	2,5	0,9	1,6	0,2	0,6	1,6	1,4
Inativo aposentado	70,9	40,5	81,1	56,7	79,6	59,6	75,5	61,7	77,6	57,1
Inativo pensionista	4,8	37,1	2,5	29,5	0,4	27,5	0,6	25,1	1,8	28,5
Inativo que realiza tarefas domésticas	3,0	6,3	0,4	2,0	0,0	0,6	0,2	1,0	0,7	1,8
Inativo rentista ou outro	3,1	1,6	0,6	0,7	0,2	0,4	1,8	1,9	1,2	1,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CONDIÇÃO DE ATIVIDADE	2007									
	1º QUARTIL		2º QUARTIL		3º QUARTIL		4º QUARTIL		TOTAL	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Ocupado	28,4	13,6	20,3	12,4	20,5	11,2	26,7	9,1	23,3	11,2
Desocupado	2,8	1,7	0,8	0,4	0,8	0,2	0,3	0,1	1,0	0,5
Inativo aposentado	59,8	29,2	76,4	52,4	76,7	59,1	71,2	62,4	72,5	54,0
Inativo pensionista	2,6	45,9	0,8	31,2	0,5	26,7	0,3	24,6	0,9	30,0
Inativo que realiza tarefas domésticas	3,7	7,9	0,7	3,0	0,9	2,1	0,7	2,1	1,2	3,1
Inativo rentista ou outro	2,7	1,7	1,0	0,6	0,7	0,8	1,0	1,8	1,1	1,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora.

Na Tabela 11 observa-se proporções menores de mulheres ocupadas que de homens na mesma condição. Isto reflete a menor participação de mulheres atualmente idosas no mercado de trabalho durante o curso da sua vida. O nível de participação não independe das gerações consideradas – dado o aumento da participação feminina ao longo das últimas décadas – e do nível sócio-econômico destas. A inserção crescente das mulheres no mercado laboral, junto com

as mudanças na nupcialidade e nos arranjos familiares resultará, no futuro próximo, no crescimento da cobertura dos benefícios produto do seu trabalho e contribuição, reduzindo aqueles recebidos devido à morte do cônjuge (BERTRANOU, 2006).

Da mesma forma, entre as mulheres localizadas no quartil de renda mais baixa, pouco menos da metade é pensionista, enquanto que 29% é aposentada. Para os demais quartis a proporção de aposentadas é maior que a de pensionistas. Além das pensões por sobrevivência aos cônjuges, neste grupo têm um maior peso que no resto, as pensões por velhice e deficiência. Isto mostra, por um lado, diferenciais na participação no mercado formal de trabalho e por outro o alcance das prestações não contributivas e o grau de proteção oferecido para os setores mais carentes.⁵³

Também, no quartil mais baixo, as mulheres apresentam maior proporção de ocupadas. Isto pode ser relacionado tanto à dificuldade de acesso aos benefícios da seguridade social – por falta de anos de serviço ou por emprego informal – quanto a estratégias familiares orientadas à redução da vulnerabilidade do hogar, impulsionadas perante adversidades em casos de morte, desemprego ou redução da renda de algum dos membros do hogar, etc.

3.13 - Participação da renda do idoso na renda do hogar

Procurando conhecer o peso da participação da renda do idoso na renda do hogar, calculou-se a razão da renda dos idosos chefes de hogar em relação à renda per capita do mesmo. A Tabela 12 apresenta essa razão, tendo em conta os diferentes arranjos domésticos. Nos casos em que os valores são inferiores a 1 significa que a contribuição do idoso é menor que a renda média per capita do hogar; um valor maior a 1 indica que está acima desta.

Na ECH de 2007 algumas variáveis relacionadas à renda foram classificadas como captadas pelo hogar e não por um indivíduo em particular: é o caso das cestas alimentícias recebidas pelas crianças de hogares carentes, das transferências em dinheiro entre hogares, ou dos benefícios recebidos pelo *Plan de Atención Nacional a la Emergência Social* (PANES)⁵⁴ Esse conjunto será chamado de *renda exclusiva do hogar*. O que consideramos renda do hogar é então a soma da renda de todos os indivíduos que o conformam mais a *renda exclusiva do hogar*. O peso que tem a renda do chefe idoso na média da renda do hogar é o que reflete a razão mostrada na Tabela 12.

⁵³ Também para os idosos de sexo masculino do quartil de renda mais baixo o peso relativo das pensões é maior do que para o resto dos grupos de renda – pensões por deficiência e velhice principalmente.

⁵⁴ No Anexo metodológico são apresentadas todas as variáveis consideradas como captadas pelo hogar na ECH 2007.

TABELA 12 - Razão de renda do chefe idoso em relação à renda per capita do hogar segundo grupos de renda, sexo e tipos de hogar. Montevideú 2007

CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	HOMENS		MULHERES	
	1º grupo de renda	2º grupo de renda	1º grupo de renda	2º grupo de renda
Unipessoal	0,88	0,88	0,81	0,83
Nuclear sem filhos	1,35	1,30	0,59	0,69
Nuclear com filhos	1,59	1,54	1,16	0,90
Extensa	1,83	1,66	1,37	1,05
Composta	1,93	1,30	1,38	0,71

FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

Em primeiro lugar, cabe destacar que a participação da renda dos chefes idosos homens é maior que das mulheres, qualquer seja o arranjo doméstico. Para grande parte das mulheres (especialmente aquelas do quartil de renda mais baixo) as pensões são a fonte de renda principal, enquanto para os homens é a aposentadoria, que acostuma ter, em média, valores maiores.

Para ambos os sexos em 2007 a participação na renda do hogar tende a ser maior no grupo de rendas mais baixas, sendo mais substantiva a diferença entre os grupos de renda no caso dos hogares extensos. Neles a renda do chefe idoso é maior que a média da renda per capita do hogar. Nos hogares nucleares com filhos a participação do idoso também é alta, alcançando o indicador níveis próximos à unidade. Isso faz pensar na importância da contribuição econômica do idoso para a estruturação deste tipo de configuração, já que outorga argumentos que reforçam a hipótese de que o aporte do idoso é essencial na manutenção da economia dos hogares menos favorecidos. Ao mesmo tempo está indicando uma maior participação da renda do idoso em aquelas configurações marcadas pela convivência de várias gerações.

Por outro lado, um dado que não deixa de chamar a atenção é que a razão da renda do idoso nos hogares unipessoais não alcança a unidade, e é menor para as mulheres que para os homens. Explorando as características das prestações consideradas como renda *exclusiva do hogar*, encontramos que os principais receptores dessa renda são os hogares com chefia feminina, especialmente unipessoais. Dentre aqueles com chefes homens, os mais beneficiados são os hogares onde mora só o casal de idosos. Essa renda é principalmente fornecida por pessoas externas ao hogar, e em segundo lugar, provém de ganhos. As últimas são captadas principalmente por hogares nucleares (Vide Tabelas 6 e 7 no Anexo B). O panorama anterior coincide com o assinalado por SAAD (1999), que sustenta que em termos de transferências privadas a probabilidade de receber ajuda em dinheiro ou bens é significativamente mais alta entre as mulheres idosas que entre os homens, enquanto que a probabilidade de outorgar ajuda em dinheiro é significativamente maior entre os homens que entre as mulheres. Essa questão será tratada mais detalhadamente no próximo capítulo.

3.14 - A posse do local de moradia (vivenda)

A situação jurídica da vivenda adquire especial relevância na idade avançada. A situação de posse da vivenda, que muitas vezes é o único capital ativo dos idosos, constitui também um elemento que proporciona segurança (DAMONTE, 1999). Nesse sentido a propriedade da vivenda na qual o hogar é constituído pode ser considerada como uma contribuição, que faz parte da troca de recursos entre as diferentes gerações.

Comparando as percentagens de propriedade da vivenda em hogares com e sem idosos encontramos em 2001 que em 77 % dos hogares com idosos pelo menos um dos membros do hogar era proprietário, enquanto que essa porcentagem caía para 60 % nos hogares sem idosos. A distribuição em 2007 é bastante similar (Vide Tabela 13). Isto se encontra associado ao fato dos hogares com idosos terem chegado ao final da etapa de acumulação patrimonial num contexto econômico relativamente favorável, o qual, junto com a ampla cobertura do sistema de seguridade social, os fazem menos vulneráveis à pobreza (HUENCHUAN & GUZMÁN, 2007). Assim, como mostra a Tabela 13, à medida que aumenta a renda per capita do hogar com chefia idosa, maior é a porcentagem de hogares com propriedade da vivenda. Uma tendência similar não se verifica para os hogares chefiados por menores de 65 anos.

TABELA 13 - Distribuição(%) dos hogares segundo condição de propriedade da vivenda por idade do chefe (idoso ou não) e quartis de renda per capita do hogar. Montevidéu, 2001 e 2007

2001					
CONDICÃO DE PROPRIEDADE	CHEFE IDOSO				Total
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	
Proprietários	69,8	75,2	78,4	82,8	77,2
Não proprietários	30,2	24,8	21,6	17,2	22,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CONDICÃO DE PROPRIEDADE	CHEFE MENOR DE 65 ANOS				Total
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	
Proprietários	47,5	56,3	64,1	72,4	59,4
Não proprietários	52,5	43,7	35,9	27,6	40,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2007					
CONDICÃO DE PROPRIEDADE	CHEFE IDOSO				Total
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	
Proprietários	69,7	72,4	76,8	80,5	75,5
Não proprietários	30,3	27,6	23,2	19,5	24,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CONDICÃO DE PROPRIEDADE	CHEFE MENOR DE 65 ANOS				Total
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	
Proprietários	56,3	55,4	55,9	59,8	56,8
Não proprietários	43,7	44,6	44,1	40,2	43,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

A porcentagem elevada de proprietários em hogares com chefia idosa pode significar que exista um benefício direto para as gerações mais jovens, já que essa porcentagem é alta para as configurações em que a convivência intergeracional é maior: em 77% dos hogares nucleares com filhos e em 78% dos estendidos com chefia idosa a vivenda é propriedade de algum dos membros do hogar, enquanto que o valor cai a 64% dos hogares unipessoais de idosos. Porém, uma alta porcentagem de proprietários se encontra entre os arranjos nucleares sem filhos (84%).⁵⁵

⁵⁵ Datos calculados en base a la ECH 2007.

CAPÍTULO 4 - O circuito de transferências internas e externas ao hogar

Neste capítulo são exploradas as informações da pesquisa SABE para identificar transferências intergeracionais, estudando suas características e as das pessoas que delas participam.

4.1 - Os circuitos de ajuda

A identificação de participação em intercâmbios de bens ou serviços na vida cotidiana não é simples ou facilmente mensurável, sendo necessário abstrair dessa relação para poder referenciá-la enquanto elemento distinto. Como assinala ATTÍAS DONFUT (1995, *apud* ALEXANDRE FERNANDES, 2001), quando as trocas não se inscrevem em rituais simbólicos (como estão inscritos, por exemplo, os presentes de aniversário), mas ocorrem na normalidade da vida cotidiana, dificilmente são percebidos da mesma forma por quem dá e por quem recebe. Além disso, quando se trata de doações não materiais (como no caso dos serviços ou acompanhamento) as mesmas são mais dificilmente percebidas. Entretanto, tais observações não eliminam a relevância das informações coletadas, pelo contrário, nos indica a percepção que os idosos constroem sobre os circuitos nos quais efetivamente participam.

A percepção dos idosos de estarem participando em circuitos de ajuda recíproca pode ser avaliada como geradora de efeito psicológico positivo:

...[el intercambio de apoyo trata de] un complejo sistema basado en normas y valores que premian ciertas conductas y penalizan otras y en el cual el equilibrio hacia la suma cero que caracterizaría a un intercambio balanceado es algo indeterminable, entre otras razones porque no es posible establecer el valor preciso de aquello que se intercambia. La medida en que el equilibrio en el intercambio de apoyos pueda ser un factor que influya sobre la calidad de los vínculos y fortalezca las redes con que cuentan las personas mayores depende de la equivalencia del intercambio, sea éste de apoyos tangibles o intangibles, expresados a través de actos recíprocos o generados por la misma persona que da el apoyo (GUZMAN, HUENCHUAN, MONTES DE OCA, 2003:51).

As informações levantadas pela pesquisa SABE indicam que a maior parte dos idosos que moram com outras pessoas identificam-se como fornecedores e ao mesmo tempo receptores de ajuda dentro da esfera doméstica. Apenas 11% da população entrevistada não se identifica como participante de um fluxo bidirecional de trocas e, dentre estes, um terço é somente receptor, um

terço é só fornecedor e o restante não participa⁵⁶. Assim, chama a atenção que a proporção de ajuda recebida pela população idosa apresenta valores muito semelhantes à fornecida por ela.

TABELA 14 - Proporção (%) de idosos que recebem ou fornecem ajuda, por tipo de ajuda e localização da transferência. Montevidéu, 2000

DENTRO DO HOGAR*					
TIPO DE AJUDA N=265.304	FORNECIDA		RECEBIDA		TOTAL
	Si	No	Si	No	
Dinheiro	69,6	30,4	69,6	30,4	100,0
Serviços	65,6	34,4	75,8	24,2	100,0
Coisas	54,1	45,9	52,9	47,1	100,0
Cuidado de crianças	12,6	87,4	-	-	100,0
Outras	8,8	91,2	12,2	87,8	100,0

FORA DO HOGAR**					
TIPO DE AJUDA N=334.316	FORNECIDA		RECEBIDA		TOTAL
	Si	No	Si	No	
Dinheiro	14,5	85,5	18,1	81,9	100,0
Serviços	6,4	93,6	14,6	85,4	100,0
Coisas	10,0	90,0	15,6	84,4	100,0
Cuidado de crianças	14,0	86,0	-	-	100,0
Companhia	11,9	88,1	31,5	68,5	100,0
Outras	12,0	88,0	5,8	94,2	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora

* Hogares pluripessoais.

** Todos os hogares.

Como ilustra a Tabela 14, a reciprocidade⁵⁷ das transferências se faz mais presente dentro do hogar que fora do mesmo. Do total da população idosa entrevistada, 70% declara fornecer ajuda em dinheiro para alguns dos membros do hogar, e uma porcentagem similar declara recebê-la. As transferências de bens, (entendidos como objetos que possam ser de necessidade para a pessoa receptora, como comida, roupas, etc.) envolvem praticamente a metade da população idosa – 54% declara fornecê-la e 53% recebê-la dentro do hogar. Em relação às transferências de serviços (entendidos como a realização de tarefas domésticas, ajuda para o transporte, etc.) é maior o percentual de idosos que declara recebê-las que fornecê-la⁵⁸ (76% e 66% respectivamente), enquanto 13% manifesta fornecer ajuda cuidando crianças dentro do hogar.

Em se tratando das transferências estabelecidas com não residentes do hogar (filhos, irmãos, outros parentes ou amigos), 15% dos idosos declara fornecer ajuda monetária e 14% cuida de crianças. São os idosos que moram com o cônjuge (sem filhos) os que declaram prestar maior atenção às crianças não conviventes – que são majoritariamente netos –, e em segundo lugar aqueles que moram com filhos ou sós (vide Tabela 9 do Anexo B).

⁵⁶ Esses dados apresentam-se na Tabela 8 do Anexo B.

⁵⁷ Existe reciprocidade quando a pessoa participa tanto do fornecimento quanto da recepção de ajuda.

⁵⁸ É importante destacar que a formulação desta questão pode estar induzindo a maior identificação do recebimento de ajuda, e não da possibilidade de fornecer ajuda, pois os exemplos citados evocam necessidades características de pessoas com limitações físicas prevalentes nas idades mais avançadas, como dificuldade para andar, por exemplo.

Dentre as ajudas recebidas destaca-se que 32% dos idosos declara receber companhia e 18% ajuda em dinheiro.

4.2 - Transferências entre membros do mesmo hogar

Ao focalizar as transferências entre os moradores do mesmo hogar, verificam-se diferenciais relevantes entre os sexos quanto às formas de ajuda. A maioria da população de 65 anos e mais se declara como fornecedora e receptora de ajuda material (dinheiro ou bens) e de cuidados (apoio instrumental: serviços ou cuidado de crianças), assim como de outras ajudas⁵⁹.

Em consonância com a literatura internacional sobre trocas e os resultados anteriormente apresentados, as mulheres aparecem como fornecedoras de cuidados em maior proporção que os homens, e estes como fornecedores de ajuda em dinheiro⁶⁰. Como mostra a Tabela 15, 23% das idosas declara fornecer exclusivamente cuidados, contra 4% dos homens. Por outro lado, 24% da população idosa masculina só fornece ajuda material, contra 16 % das idosas. Em relação à ajuda recebida, pode se ver que maior proporção de homens que de mulheres declaram receber somente cuidados.

Essa distribuição está fortemente associada com a tradicional repartição de papéis dentro da esfera doméstica, onde a mulher assume papel de cuidadora. Além disso, essa distribuição se vincula ao fato das mulheres terem níveis de educação mais baixos que os homens e receberem quantias de renda extrafamiliar⁶¹ menores que estes (SAAD, 2003).

A Tabela 15 mostra que aproximadamente 7% da população idosa não é receptora de ajudas no hogar, entanto uma percentagem similar não fornece ajuda de nenhum tipo, a pesar de morarem com outras pessoas. É interessante assinalar que a proporção de mulheres que não participam em alguma das direções das transferências de ajuda é pouco maior à dos homens, mas é maior a percentagem de homes que não participam de nenhum circuito de ajuda no hogar. Em contrapartida temos que perto de 83% dos idosos montevidEOS participam de circuitos de transferências materiais ou de cuidados no interior dos hogares.

⁵⁹ No questionário as ajudas que não correspondem às 4 primeiras categorias nomeadas, são classificadas como “outras”.

⁶⁰ Vide SAAD 2003.

⁶¹ O termo renda extrafamiliar se refere à renda do individuo que não provêm de outro membro da família. Nele esta inclusa a renda por aposentadoria, pensão, salário, etc.(SAAD, 2003).

TABELA 15 - Distribuição (%) dos idosos segundo tipo de ajuda fornecida e recebida no hogar*, por sexo. Montevidéu, 2000

TIPO DE AJUDA	FORNECIDA					
	MULHER	%	HOMEM	%	TOTAL	%
Só ajuda material	24922	15,8	25216	23,5	50138	18,9
Só cuidados	20360	12,9	4320	4,0	24680	9,3
Ajuda material, cuidados e outras	100812	63,8	70780	66,0	171592	64,7
Não fornece ajuda	11902	7,5	6992	6,5	18894	7,1
TOTAL	157996	100,0	107308	100,0	265304	100,0

TIPO DE AJUDA	RECEBIDA					
	MULHER	%	HOMEM	%	TOTAL	%
Só ajuda material	27564	17,4	8560	8,0	36124	13,6
Só cuidados	7274	4,6	13726	12,8	21000	7,9
Ajuda material, cuidados e outras	111362	70,5	77798	72,5	189160	71,3
Não recebe ajuda	11796	7,5	7224	6,7	19020	7,2
TOTAL	157996	100,0	107308	100,0	265304	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora.

* Hogares pluripessoais.

Ao considerar as configurações domésticas na leitura dos tipos de transferências que ocorrem no hogar encontra-se que o fornecimento de dinheiro entre homens de hogares extensos é muito expressivo (90%), enquanto as mulheres predominantemente declaram fornecer serviços. Também a percentagem de mulheres que se ocupam do cuidado de crianças é alta.

Esses achados coincidem com o apontado no capítulo anterior, onde foi verificado que a contribuição em dinheiro dos homens nos hogares extensos – especialmente os de renda mais baixa – constituíam uma parte muito importante da renda total. A pesquisa SABE indica que nessa configuração os homens fornecem em boa medida, além de dinheiro, bens.

Os resultados apresentados anteriormente indicavam que nesse tipo de hogares havia uma alta convivência de idosos com seus netos. As informações trazidas na Tabela 16 acrescentam que em boa medida esses idosos participam do cuidado das crianças, o que reflete o esquema de proteção dos idosos às gerações mais jovens, não só em termos materiais, senão também em termos instrumentais. Principalmente são as mulheres as que se encarregam desses cuidados.

TABELA 16 - Proporção (%) de idosos que declaram fornecer ajuda no hogar* por tipo de ajuda, sexo e configuração doméstica. Montevideu, 2000

TIPO DE AJUDA	MULHER			HOMEM		
	Nuclear sem filhos	Nuclear com filhos	Extensa	Nuclear sem filhos	Nuclear com filhos	Extensa
Fornecer dinheiro	57,2	66,8	56,8	83,2	89,4	90,0
Não fornece dinheiro	42,8	33,2	43,2	16,8	10,6	10,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Fornecer serviços	78,5	73,5	61,8	64,7	68,6	56,0
Não fornece serviços	21,5	26,5	38,2	35,3	31,4	44,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Fornecer bens	58,3	65,4	47,9	49,3	51,6	61,9
Não fornece bens	41,7	34,6	52,1	50,7	48,4	38,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Cuida crianças	1,2	2,3	30,6	0,4	2,8	23,7
Não cuida crianças	98,8	97,7	69,4	99,6	97,2	76,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Fornecer outras ajudas	3,5	6,1	9,6	5,4	10,5	13,7
Não fornece outras ajudas	96,5	93,9	90,4	94,6	89,5	86,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora.

* Hogares pluripessoais

Como já apontado, a idade influi tanto na capacidade de fornecer como na necessidade de alguns tipos de ajuda, especialmente aquelas referentes a cuidados.

Na medida em que aumenta a idade cresce a proporção de idosos que ajudam exclusivamente com doações materiais (dinheiro ou bens) e, mais suavemente, a proporção daqueles que não fornecem ajuda alguma (Tabela 17). Em contrapartida, diminui a proporção daqueles que fornecem ajuda material associada a cuidados e outras formas de apoio. Isso pode se relacionar tanto com a perda de capacidade para proporcionar cuidados, como com o aumento da possibilidade de acesso a benefícios por idade, dentre aqueles que não tiveram acesso à aposentadoria mas que recebem pensões por velhice.

No sentido inverso, o percentual de idosos que recebem ajuda material tende a cair conforme cresce a idade e a aumentar a proporção daqueles que recebem cuidados, enquanto a proporção dos que recebem simultaneamente cuidados e ajuda material se mantém sem modificações substantivas entre as diferentes faixas de idade consideradas.

Os resultados estão de acordo com as evidências sobre a estreita relação entre o aumento da idade e o desenvolvimento de algumas deficiências que dificultam a realização de atividades instrumentais ou básicas na vida diária (MENÉNDEZ et al, 2005).

TABELA 17 - Distribuição (%) dos idosos segundo tipo de ajuda que fornecem ou recebem no hogar* por grupos etários. Montevideu, 2000

CLASE DE AJUDA	FORNECIDA			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Só ajuda material	17,7	14,5	18,2	28,0
Só cuidados	9,3	7,2	14,2	9,4
Ajuda material, cuidados e outras	67,7	71,7	60,5	54,1
Não fornece ajuda	5,3	6,6	7,1	8,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
CLASE DE AJUDA	RECEBIDA			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Só ajuda material	14,5	14,9	11,9	11,0
Só cuidados	7,5	5,1	10,7	10,3
Ajuda material, cuidados e outras	72,8	70,8	71,6	69,0
Não recebe ajuda	5,1	9,3	5,8	9,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora.

*Hogares pluripessoais.

Amostra: N=265.304 (expandido); N=899 (sem expandir)

4.3 - Renda, formas de convivência e as transferências intergeracionais

Até aqui foi dada atenção especial às transferências que envolvem população idosa e moradores dos mesmos hogares. A análise seguinte inclui detalhamento de transferências segundo o local em que ocorrem, ou seja, se dentro ou fora dos hogares de residência dos idosos, buscando explorar as especificidades em cada caso.

O local em que se produzem com maior frequência as transferências de ajuda é no interior do hogar. Porém, uma porção significativa dos idosos participa de transferências nas duas direções simultaneamente, qualquer que seja o tipo de arranjo doméstico em que estejam inseridos. Como mostrado a Tabela 18, 85% dos idosos manifesta ser provedor de algum tipo de ajuda, seja fora ou dentro do hogar em que moram, sendo que 88 % declaram recebê-la. Quando se trata de transferências externas, aquelas que envolvem os filhos são as mais significativas (especialmente entre os idosos que moram em hogares nucleares sem filhos), seguidas pelas transferências com irmãos. O 32% dos idosos declaram fornecer ajuda a filhos fora do hogar e 38% receber ajuda destes; as transferências com irmãos que não moram no mesmo hogar são realizadas por 13% dos idosos, e aquelas que envolvem outros familiares ou amigos por um 6% (Vide Tabela 10 do Anexo B).

Os idosos dos hogares nucleares sem filhos, nucleares com filhos e extensos, 50%, 41% e 32%, respectivamente, fornecem algum tipo de ajuda fora do hogar. No caso dos hogares unipessoais as transferências externas – as únicas possíveis para essa configuração – também atingem uma proporção elevada (49%), sendo as transferências para os filhos as mais frequentes,

seguidas pelas transferências para outros parentes e amigos, ficando as transferências com irmãos no último lugar.

TABELA 18 - Distribuição (%) dos idosos segundo tipo de ajuda fornecida, ou recebida, por tipo de configuração doméstica do hogar. Montevidéu, 2000

CLASE DE AJUDA	AJUDA FORNECIDA					
	UNIPESSOAL	NUCLEAR SEM FILHOS	NUCLEAR COM FILHOS	EXTENSA	COMPOSTA	TOTAL
Dentro e fora do hogar	-	46,2	39,7	32,1	36,1	30,7
Só dentro do hogar	-	46,4	52,9	61,2	56,2	43,0
Só fora do hogar	48,8	3,6	1,1	0,4	2,7	11,4
Não fornece ajuda	51,2	3,8	6,3	6,3	4,9	14,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CLASE DE AJUDA	AJUDA RECEBIDA					
	UNIPESSOAL	NUCLEAR SEM FILHOS	NUCLEAR COM FILHOS	EXTENSA	COMPOSTA	TOTAL
Dentro e fora do hogar	-	47,5	42,9	36,2	42,7	33,1
Só dentro do hogar	-	48,2	44,9	56,8	50,9	40,3
Só fora do hogar	57,8	2,0	2,3	2,9	3,9	14,0
Não recebe ajuda	42,2	2,3	9,9	4,1	2,5	12,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora.

Como visto no capítulo anterior, a análise efetuada à luz de variáveis de renda como indicadores de níveis sócio-econômicos, permite observar que estes incidem diferencialmente nas formas de convivência e, conseqüentemente, nas formas em que são articuladas as transferências.

A análise dos dados da pesquisa SABE é feita utilizando unicamente a renda individual do idoso para a demarcação de diferentes grupos de renda, já que a pesquisa não fornece informações detalhadas da renda de todos os integrantes do hogar, da forma como as *Encuestas Contínuas de Hogares* fazem.

São considerados aqui três grupos de renda, de acordo ao valor do salário mínimo nacional do ano da pesquisa (2000). O primeiro grupo tem uma renda menor a dois salários mínimos nacionais, o segundo entre 2 e 5 salários e o terceiro mais de 5. Embora a renda individual percebida não seja uma boa medida das condições sócio-econômicas do hogar onde reside o idoso, essa medida pode servir como indicador da autonomia financeira do mesmo.

A Tabela 19 indica que na medida em que aumenta a renda do idoso, aumenta a probabilidade deste fornecer ajuda. Da mesma forma, quanto maior a renda do idoso as transferências tendem a se estender da esfera interna do hogar, para a externa: os idosos com renda mais baixa apresentam maior concentração da ajuda no hogar em que moram. Nos hogares unipessoais a proporção de ajuda se eleva consideravelmente no grupo que recebe mais de cinco salários mínimos, sendo mais da metade desse grupo que fornece ajuda.

TABELA 19 - Distribuição (%) dos idosos segundo local da ajuda fornecida, por grupos de renda do idoso. Montevidéu, 2000

HOGARES PLURIPESOAIS					
DIREÇÃO DA AJUDA FORNECIDA	GRUPOS DE RENDA				
	< 2 SM	2 ≤ SM ≤ 5	> 5 SM	Não informado	Total
Ajuda dentro e fora do hogar	32,2	38,6	41,1	46,8	38,7
Ajuda só dentro do hogar	58,8	55,1	53,4	44,0	54,1
Ajuda só fora do hogar	0,8	2,4	2,3	0,6	1,7
Não ajuda	8,2	4,0	3,2	8,6	5,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

HOGARES UNIPESOAIS					
DIREÇÃO DA AJUDA FORNECIDA	GRUPOS DE RENDA				
	< 2 SM	2 ≤ SM ≤ 5	> 5 SM	Não informado	Total
Ajuda	45,2	45,4	54,1	53,7	48,8
Não ajuda	54,8	54,6	45,9	46,3	51,2
TOTAL	100	100	100	100	100

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora.

4.4 - A Frequência das transferências

A frequência com a qual se produzem as transferências é uma dimensão relevante nos estudos que envolvem população idosa, já que o conhecimento dessa grandeza pode ser utilizado para avaliar a efetividade das transferências na melhora da qualidade de vida dos participantes (GUZMAN; HUENCHUAN; MONTES DE OCA, 2003).

Para conhecer um pouco mais sobre a contribuição dos idosos nos circuitos de transferências intergeracionais, aqui a atenção será centrada na frequência da ajuda que eles fornecem.

TABELA 20 - Distribuição (%) dos idosos que fornecem ajuda dentro do hogar segundo frequência da ajuda por tipo de configuração doméstica. Montevidéu, 2000

FREQUÊNCIA DA AJUDA DENTRO DO HOGAR	NUCLEAR SEM FILHOS	NUCLEAR COM FILHOS	EXTENSA	COMPOSTA	TOTAL
Ajuda diária	91,4	92,4	86,3	88,2	89,5
Ajuda semanal	0,6	1,3	3,0	3,8	1,9
Ajuda mensal	8,0	6,2	10,1	8,1	8,4
Ajuda anual o cada dois anos	0,0	0,0	0,5	0,0	0,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora.

TABELA 21 - Distribuição (%) dos idosos que fornecem ajuda fora do hogar segundo frequência da ajuda por tipo de configuração doméstica. Montevideu, 2000

FREQUENCIA DA AJUDA FORA DO HOGAR	UNIPESSOAL	NUCLEAR COM FILHOS	NUCLEAR SEM FILHOS	EXTENSA	COMPOSTA	TOTAL
Ajuda diária	36,4	39,8	40,7	32,6	39,8	37,4
Ajuda semanal	34,4	28,5	42,8	27,9	37,6	32,6
Ajuda mensal	18,5	21,8	11,0	27,4	19,1	20,4
Ajuda anual o cada dois anos	3,7	6,4	3,4	3,4	0,0	4,3
Ignorado	7,1	3,5	2,0	8,7	3,5	5,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora.

A maior parte da ajuda que a população idosa declara fornecer dentro do hogar é oferecida diariamente (Tabela 20). Nos hogares nucleares a proporção de idosos que declara oferecer ajuda com essa frequência para ao menos uma pessoa representa aproximadamente 92% dessa população. Já nos hogares extensos o peso da ajuda diária é levemente menor. Em relação à ajuda para outros hogares encontramos que o 60% dos idosos declaram fornecer ajuda diária ou semanalmente para ao menos uma pessoa. É também dentro dos hogares extensos que a ajuda mensal se faz mais frequente que nas outras configurações. Muito provavelmente seja o caso de transferências associadas a cobranças ou pagamentos com periodicidade mensal (ligadas ao recebimento de salário ou aposentadoria do fornecedor, pagamento de contas de serviços do receptor, etc.) (Tabela 21).

Isso indica que as ajudas estão, em grande medida, presentes no cotidiano da população idosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar é preciso reconhecer as limitações do presente estudo, de caráter basicamente exploratório e descritivo. Mais do que responder as questões propostas, a análise dos dados disponíveis suscitou novas e relevantes questões sobre as condições de vida do idoso em sua relação com a família e o hogar. Os resultados alcançados permitiram maior aproximação do conhecimento sobre as trocas de recursos dentro do hogar, assim como das estratégias que as famílias desenvolvem perante condições econômicas desfavoráveis. Ao mesmo tempo nos introduz no discernimento de diferentes formas de envelhecer, caracterizadas por diferenças de gênero, geração e por situações sócio-econômicas e culturais diversas.

Por esse caminho, tentamos conhecer em que medida os idosos, beneficiários de um sistema de previdência social com alta cobertura que os coloca em situação econômica relativamente favorecida em relação aos grupos mais jovens, participam de dinâmicas de redistribuição desses benefícios ao interior de hogares onde convivem com varias gerações. Adentrar no conhecimento desse cenário desemboca no desafio de pensar nas condições dos jovens de hoje em relação aos cenários futuros de velhice.

Quanto às mudanças observadas, embora os resultados não indiquem serem muito acentuadas – principalmente devido ao curto período coberto – os dados permitem distinguir algumas tendências que parecem de maior alcance. Entre elas destaca-se o aumento dos hogares de idosos morando sozinhos, especialmente de mulheres pertencentes aos grupos de renda mais altos. A perspectiva do ciclo de vida familiar parece fértil para a explicação desse fenômeno, mas não dá conta dele completamente, ao tempo que o peso da desigualdade econômica (medida através de diferenciais de renda dos hogares) é um fator chave para compreendê-la.

A outra face dessa tendência está conformada por altas proporções de idosos dos grupos de menor renda morando em hogares estendidos, nos quais existem importantes intercâmbios de bens e serviços. Como observado, são nestes espaços de vivência onde o peso da renda do idoso é mais elevado, funcionando, provavelmente, como amortecedor perante situações de vulnerabilidade tanto para o idoso como para os outros membros. É importante lembrar que muitos desses membros são crianças, já que é elevada a porcentagem de hogares estendidos nos que convivem netos com avôs chefes de hogar.

Porém, a tendência no período estudado é a diminuição dos arranjos estendidos, inclusive para os grupos que, por algumas características, podem ser identificados como mais vulneráveis: os idosos com idade mais avançada e aqueles com renda mais baixa. É no caso em que ambas situações se superpõem – menor renda e idade mais avançada – onde não se observa uma

redução importante no peso relativo dos arranjos do tipo extensos. Este resultado indica a persistência do importante papel protetor dos membros do hogar perante condições de maior vulnerabilidade.

O aumento da chefia feminina do hogar aparece como outra das tendências do período estudado. O aumento dos hogares unipessoais explica parte dessa tendência, mas não em sua totalidade. As mudanças nos arranjos domésticos e nos padrões culturais da atribuição do “papel” de chefe- o qual implica em mudanças na distribuição de poderes e responsabilidades entre os membros no interior do hogar, de acordo com o sexo e geração – parecem se encontrar na raiz deste processo.

Nesse marco, a dinâmica das transferências que envolvem população idosa constitui um fluxo bidirecional que expressa-se principalmente no seio dos hogares, mas as transferências que envolvem outros hogares também são substantivas, especialmente entre os idosos que moram sós ou com o cônjuge.

Finalmente, podemos apontar que essas tendências e suas implicações ratificam a importância da troca intergeracional, especialmente naqueles hogares com menores recursos econômicos, onde o papel do idoso parece ser componente central na dinâmica das estratégias familiares e de reprodução social, permitindo que o relativo bem-estar econômico desse grupo com mais idade seja compartilhado com as gerações mais jovens.

Essas constatações nos colocam perante o desafio de continuar aprofundando no conhecimento desses processos - considerando os diversos contextos nacionais e internacionais - que refletem e conduzem transformações sócio-demográficas e econômicas de importância vital para a qualidade de vida da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, F. La familia en los estudios de población en América Latina: estado del conocimiento y necesidades de investigación. *Papeles de Población*, Toluca, México: Centro de Investigación y Estudios Avanzados de la Población (UAEM), n.37, pp. 9-51, 2003.

ALEXANDRE FERNANDES, A. Velhice, Solidariedades Familiares e Política Social. Itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n 6, pp. 39-52, 2001.

ARRIAGADA, I. Estructuras familiares, trabajo e bienestar en América Latina. In: ARRIAGADA, I.; ARANDA, V. (comp.) Cambio de las familias en el marco de las transformaciones globales: necesidad de políticas públicas eficaces, *Serie Seminarios y Conferencias*, Santiago de Chile, CEPAL, v.42, 2004.

ATTIAS-DONFUT; ARBER *The Myth of Generational Conflict. The family and the state in ageing societies*. New York: Routledge, 2000.

BALSA, A. I.; ROSSI, M.; TRIUNFO, P. Horizontal inequity in access to health care in four South American cities. *Documento de Trabajo*. Montevideo: Departamento de Economía, Universidad de la República, n 15/09, 2009.

BERQUÓ E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: UMA AGENDA PARA O FINAL DO SÉCULO, Brasília, 1996. *Anais...* Brasília: MPAS/SAS, pp. 16-34.

BERRIEL, F.; PAREDES, M. PÉREZ, R. Sedimentos y transformaciones en la construcción social de la vejez. In: LÓPEZ, A. (coord.) *Proyecto género y generaciones. Reproducción biológica y social de la población uruguaya*. Tomo1. Montevideo, Uruguay: UNFPA, Ediciones Trilce, pp.19-124, 2006.

BERTRANOU. *Envejecimiento, empleo y protección social en América Latina*. Santiago de Chile: OIT, 2006.

BERGE. On the study of households: some methodological considerations on the use of household data. *International Sociology* Vol. 4 n°2 pp.115-130, 1989.

BILAC, E. *Estructuras familiares e padrões de residência*, Campinas: Nepo/Unicamp, 2003 (mimeo).

BUCHELI; FORTEZA; ROSSI I. Seguridad social y género en Uruguay: un análisis de las diferencias de acceso a la jubilación. *Documento de Trabajo*, Montevideo: Departamento de Economía, Universidad de la República, n 4/ 06, 2006.

BUCHELI; CENI; GONZÁLEZ. Transferencias intergeneracionales en Uruguay. *Revista de Economía*, v. 142, pp. 37-68, 2007a.

_____ El sistema NTA: método de estimación para Uruguay . *Documento de trabajo*, Montevideo: Departamento de Economía, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, n 03/07, 2007b.

BUSQUETS, J. M. Análisis comparativo de la reforma de la seguridad social en Uruguay. In: Mancebo, M. E; Narbono, P.; Ramos, C.(Comp). *La reforma del Estado y las políticas públicas en la democracia restaurada (1985-2000)*. Montevideo: Colección Política Viva, Banda Oriental e Instituto de Ciencia Política, 2002.

CABELLA, W. *El cambio familiar en Uruguay: una breve reseña de las tendencias recientes*. Montevideo: UNFPA. Serie Divulgación, 2007.

CAMARANO A.A. (Coord). Como vai o idoso brasileiro? *Texto para discussão*, Rio de Janeiro: IPEA, n 681, 1999.

CAMARANO, A. A. et al. Cómo vive o idoso brasileiro? Em CAMARANO, A. A. (Org). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*, Rio de Janeiro: IPEA, 1999

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: problema para quem? *Revista Bahia Análise & Dados*, Salvador, BA: v.10, n.4 , 2001.

CAMARANO, A. A., EL GHAOURI, S. K Família com idosos: ninhos vazios? *Texto para Discussão*, Rio de Janeiro: IPEA, n 950, 2003.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M.T. Envelhecimento, Condições de Vida e Política Previdenciária. Como ficam as mulheres? In: XI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 2002, v.13, pp. 1-30.

CAMARANO, A. A. et al. Famílias: Espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO A.A. (org). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M.T. Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina. In: II CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE POPULAÇÃO, *Anais...*Guadalajara, México. 2006.

CELADE *El envejecimiento y las personas de edad. Indicadores sociodemográficos para América Latina y el Caribe*. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2009.

CHACKIEL, J. El envejecimiento de la población latinoamericana: ¿hacia una relación de dependencia favorable? *Serie Población y Desarrollo*, Santiago de Chile: CEPAL, n4, 2000.

CHESNAIS, J.C. *El proceso de envejecimiento de la población*, Santiago de Chile: CELADE, 1990.

DAMONTE, A. M. *Uruguay: Envejecimiento Demográfico y Salud. Características generales de la población adulta mayor. Estudio analítico de datos secundarios*, Montevideo: CEPAL, 1999.

_____ La Transición de la Mortalidad en el Uruguay, 1908-1963. *Documento de trabajo*, Montevideo: Programa de Población, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, n 16, 1994.

DAY, A. T. Kinship Networks and Informal Support in the Later Years. In: GREBENIK, E.; HOHN, C. MACKENSEN, R. *Later phases of the family cycle: demographic aspects*. Oxford: Claredon Press, 1989/1996.

DE MARCO, E. *Informe de avances Uruguay*. Montevideo: Programa Nacional del Idoso. Ministerio de Salud Pública, Dirección General de la Salud: División Salud de la Población, 2005. Disponible em: <<http://www.eclac.org/celade/noticias/paginas/3/20633/URUGUAY2.pdf>>. Acessado em 30 jul. 2009.

DEL VALLE, A. H. Regímenes de Bienestar: Relaciones entre el caso asiático y la realidad latinoamericana. *Nómadas, revista crítica de ciencias sociales y jurídicas*, 19, 2008.3. pp. 1-27, 2008.

DEL VALLE, A. H. Los estudios sobre regímenes de bienestar en América Latina. The studies about welfare regimen in Latin America. *Revista A-MÉRICA* v. 2, n. 3, pp. 1-28, 2009.

ELDER, J. Families and lives: Some developments in life-course studies. *Journal of Family History*, vol. 12, n 13, 1987.

FERREIRA-COIMBRA, N.; FORTEZA, A. *Protección social en Uruguay 1990-2002*, Santiago: OIT, 2004.

FILGUEIRA, C.; FUENTES, A. *Sobre revoluciones ocultas: la familia en el Uruguay*. Montevideo: CEPAL, 1996.

FILGUEIRA, C.; PERI, A. América Latina: los rostros de la pobreza y sus causas determinantes. *Serie Población y desarrollo*. Santiago de Chile: CEPAL, n 54, 2004.

FILGUEIRA, F. Tipos de welfare y reformas sociales en América Latina: Eficiencia, residualismo y ciudadanía estratificada. In: MELO, MARCUS ANDRÉ (Org). *Reforma do Estado e Mudança Institucional no Brasil*. Recife: Editora Massangana, pp.73-110, 1999.

FURTADO, M. Las transferencias intergeneracionales en Uruguay, *Notas de Población*, Santiago de Chile: CEPAL-CELADE, 80, PP. 99- 126, 2005.

GEE, E. M. Misconceptions and misapprehensions about population ageing. *International Journal of epidemiology*, 31. pp.750-753, 2002.

GEE, E. M; GUTMAN, G.M. *The overselling of Population Aging. Apocalyptic Demography, Intergenerational Challenges and Social Policy*. Canada: Oxford University Press, 2000.

GOLDANI, A. M. A Demografia “formal” da família: Técnicas e dados censitários In: IV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Caxambu, 1984. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984 v.3, p. 1.257- 96.

_____ *Mulheres e envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero.* In: CAMARANO, A. A. Org. **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros.** Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

GONZALEZ DE LA ROCHA, M.; ESCOBAR A.; MARTINEZ, M. Estrategias vs. conflicto: reflexiones para el estudio del grupo domestico en época de crisis. In: DE LA PEÑA, et al (Eds.) **Crisis, conflicto y sobrevivencia: Estudios sobre la sociedad urbana en Mexico.** Guadalajara: Universidad de Guadalajara e Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, 1990.

GUZMÁN, J.; HUENCHUAN, S.; MONTES DE OCA, V. Redes de apoyo social de las personas mayores: marco conceptual. *Notas de Población*, Santiago de Chile: CEPAL, n.77, p.35-70, 2003.

HUENCHUAN, S.; PAREDES, M. *Escenarios futuros en políticas de vejez en Uruguay: continuidades y rupturas.* Montevideo: Trilce, 2006.

HUENCHUAN, S.; GUZMÁN, J. Seguridad Económica y Pobreza en la Vejez: Tensiones, Expresiones y Desafíos para Políticas. *Notas de Población*, Santiago de Chile: Naciones Unidas, n 83, pp. 99- 126. 2007.

IBGE *Pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003 Primeiros resultados*, 2003. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>

_____ *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Síntese de Indicadores 2004*, 2004. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>

INE *Metodologías, Encuesta Contínua de Hogares 1998*, Uruguay, 1998

_____ *Siglo XX. Las variables estadísticas relevantes. I Área sociodemográfica*, Uruguay, 2002.

_____ *Censo 2004- Fase1. Síntesis de resultados*, Uruguai: 2005

_____ *Metodologías, Encuesta Nacional de Hogares Ampliada, 2006*, Uruguai: 2006.

Disponível em:

<www.ine.gub.uy/biblioteca/metodologias/ech/metodologia%20enha%202006.pdf> Acessado em 08 jul. 2009.

_____ *Manual del entrevistador, Encuesta Continua de Hogares 2007*, Uruguay, 2007.

_____ *Manual del entrevistador: Uso del Tiempo y trabajo no remunerado en Uruguay*, Uruguay, 2007.

_____ *Folleto Uso del Tiempo y trabajo no remunerado en Uruguay*, Uruguai: 2008.

_____ *Uruguay en cifras*. Uruguai: 2009. Disponível em: <www.ine.gub.uy> Acessado em 30 jul. 2009.

JELIN, E. La tensión entre el respeto a la privacidad y las responsabilidades del estado. In: FASSLER, C. et al (Orgs). **Género, familia y políticas sociales: Modelos para armar**, Uruguai: Trilce, 1997.

KAZTMAN R.; QUEIROZ RIBEIRO, L.C. Metr6poles e sociabilidade: os impactos das transformações socioterritoriais das grandes cidades na coesão social dos países da América Latina. *Cadernos Metr6pole* n20 pp. 241-261, 2008.

LILLARD, L. A.; WILLIS, R. J. Motives for Intergenerational Transfers: Evidence from Malaysia. *Demography*, v. 34, 1997.

LIMA AZEVEDO, E. Mulheres idosas beneficiarias da Seguridade Social: que limites? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO VII: GÊNERO E PRECONCEITOS, Florianópolis-SC: Editora Mulheres, pp. 1-27, 2006.

MENÉNDEZ, J. et al. Enfermedades crónicas y limitación funcional en adultos mayores: estudio comparativo en siete ciudades de América Latina y el Caribe. *Rev Panam Salud Publica*, 17(5/6):pp.353-61, 2005.

MIDAGLIA, C. Las políticas sociales del gobierno de izquierda en Uruguay Una aproximación a sus características y resultados. In: QUIROGA, Y.; CANZANI, A.; ENSIGNIA, J. (Comp). *Consenso progresista: Las políticas sociales de los gobiernos progresistas del Cono Sur*. Fundación Friedrich Ebert, pp.149-188, 2009.

OLIVEIRA, M. C. F. A. Algumas Notas Sobre O Ciclo Vital Como Perspectiva de Análise. In: III ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Vitória: *Anais...* v.2. pp.617-42, 1982.

PALLONI, A.; PELÁEZ, Y. M. *SABE - Survey on health and well-being of elders: preliminary report*, Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde (OPS), 2002.

PARDO, I.; PERI, A. Demografía doméstica: entre las ollas y las ocho horas. In: VARELA PETITO (Coord). *Demografía de una sociedad en transición: la población uruguaya a inicios del sigloXXI*, Montevideo: Trilce, 2008.

PAREDES, M. Envejecimiento demográfico y relación entre generaciones en Uruguay.In: I CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN, Caxambú, 2004. *Anais...* Campinas: ABEP, 2004.

_____ Estructura de edades y envejecimiento de la población. Demografía de una sociedad en transición. Em VARELA PETITO C. Coord. *La población uruguaya a inicios del siglo XXI*. Montevideo: Trilce, 2008a.

_____ Relaciones intergeneracionales en la vejez en Uruguay: un estudio Cualitativo. In: III CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN, Córdoba 2008. *Anales...* Córdoba: ALAP, 2008b.

PELAEZ, M.; PALLONI, A.; ALBALA, C.; ALFONSO, J.C.; HAM-CHANDE,R.; HENNIS, A.; LEBRAO, M.L.; LESN-DIAZ, E.; PANTELIDES, E.; PRATS, O.: *SABE - survey on health, well-being, and aging in Latin America and the caribbean, 2000*, [Computer file].ICPSR03546-v1. Washington, DC: Pan American Health Organization/World Health Organization (PAHO/WHO).

PELLEGRINO. *Caracterización demográfica del Uruguay*.Uruguay: Programa de Población Facultad de Ciencias Sociales Universidad de la República, 2003.

PELLEGRINO E KOOLHAAS. Migración internacional: los hogares de los emigrantes. In: VARELA PETITO C. (coord.) *Demografía de una sociedad en transición: La población uruguaya a inicios del siglo XXI*, Montevideo, Trilce. 2008:

PÉREZ, E.; QUEIROZ, B. TURRA, C. Abuelos y nietos, ¿una convivencia beneficiosa para los más jóvenes? El caso de Brasil y Perú. In: II CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN, Guadalajara, México, 2006.

PEREZ DIAZ, J. La demografía y el envejecimiento de las poblaciones. In: STAAB, A.S.; HODGES, L.C. *Enfermería Gerontológica*, México D.F.: McGraw Hill, 1998.

POLLERO, R. Transición de la Fecundidad en el Uruguay. *Documento de Trabajo*, Montevideo: Unidad Multidisciplinaria, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, n.17, 1994.

RIESCO VAZQUEZ, E. La ancianidad, un producto social. In: SÁNCHEZ VERA, P. *Sociedad y población anciana*, España: Universidad de Murcia, 1993.

SAAD, P. M. Transferências de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza. In: CAMARANO, A. A. (Org.) *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

_____. Transferencias informales de apoyo de los adultos mayores en America Latina y el Caribe: estudio comparativo de encuestas SABE. *Notas de Población*, Santiago de Chile: Naciones Unidas/CEPAL, n. 77, pp. 175-217, 2003.

_____. Transferência de apoio intergeracional no Brasil e na América Latina. Em CAMARANO, A. A. (Org.) *Os novos idosos brasileiros Muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

SCHKOLNIK, S. El envejecimiento de la población de América Latina. 1950-2025. Em CHESNAIS J.C. *El proceso de envejecimiento de la población*, Santiago de Chile: CELADE, 1990.

SLOAN, F.A.; ZHANG, H.H.; WANG, J. Upstream Intergenerational Transfers. *Southern Economic Journal*, v. 69, n. 2, pp. 363-380, Oct. 2002.

SOLARI, A. El fenómeno del Envejecimiento en la población Uruguaya. *Revista Mejicana de sociología*, v. 19, n.2, Mexico, 1957.

_____. El envejecimiento de la población uruguaya treinta años después. Del envejecimiento “normal” al envejecimiento “perverso”. Montevideo: *Cuadernos del Claeh*, n. 43, 1987.

SWEET, J. Demography and the Family. *Annual Review of Sociology*, v.3, 1977.

TELLES, S. M. D. S. *Idoso: Família, Trabalho e Previdência*. Campinas, 2003. 223p. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

TURRA, C. M.; QUEIROZ, B. L. Las Transferencias intergeneracionales y la desigualdad socioeconómica en el Brasil: un análisis inicial. *Notas de Población*. Santiago de Chile: v. 80, pp. 65-98, 2006.

THERBORN, G. *Sexo e poder. A família no mundo 1900- 2000*. São Paulo: Contexto, 2006.

VARELA PETITO, C. Fecundidad. Propuestas para la formulación de políticas. In: CALVO J.J.; MIERES, P. *Importante pero urgente: Políticas de población en Uruguay*. Montevideo: UNFPA, Rumbos, 2007.

VILLA M., RIVADENEIRA L. El proceso de envejecimiento de la población de América Latina y el Caribe: una expresión de la transición demográfica. *Eúphoros*, n. 6, pp. 87-122, 2003.

YAFFÉ, J. Ideas, programa y política económica del Batllismo. Uruguay 1911-1930. *Documento de Trabajo*. Montevideo: Instituto de Economía Facultad de Ciencias Económicas y de Administración, Universidad de la República, n 7, 2000.

ZAVALA DE COSÍO, M. E. Dos modelos de transición demográfica en América Latina. *Perfiles Latinoamericanos*, México DF: Facultad Latinoamericana de ciencias sociales, v.4, n.6. pp. 29-47, 1995.

ANEXO A - METODOLOGIA

As bases de dados utilizadas

ECH 2001 e ECH 2007

As bases de dados utilizadas, correspondentes ao departamento de Montevidéu, constam de 30.794 casos –pessoas – (correspondentes a 18.478 hogares no ano 2001) e de 57.520 casos (20.674 hogares) em 2007. Expandidas as bases estas representam em 2001 a 1.218.136 pessoas e 1.206.047 em 2007 (403626 e 438023 hogares respectivamente).

A pesquisa SABE Montevidéu

A base de dados tem 1.450 casos, que correspondem á população de 60 anos e mais; expandidos representam a 424.384 pessoas.

Da construção das variáveis

Das variáveis de configuração do hogar e relações de parentesco

A fim de criar uma classificação dos arranjos domésticos comparável entre 2001 e 2007 optou-se por utilizar as categorias da variável de “relação de parentesco” tal como é relevada pela ECH 2001, embora esta variável seja menos detalhada que na ECH 2007. Foi testado e comprobado que isto não produz distorções significativas na categorização escolhida. O seguinte Quadro ilustra quais são as combinações das relações de parentesco que foram utilizadas para definir cada tipo de configuração.

QUADRO 1a - Categorização dos arranjos domésticos a partir da variável “relación de parentesco”

	Jefe	Esposo o compañero	Hijos	Padres o Suegros	Otro pariente	No pariente	Servicio doméstico
Unipessoal	1	0	0	0	0	0	0
Nuclear sem filhos	1	1	0	0	0	0	0
Nuclear com filhos (biparental)	1	1	1	0	0	0	0
Nuclear com filhos (monoparental)	1	0	1	0	0	0	0
Nuclear com filhos (chefe filho: mono o biparental)	1	0	0	1	0	0	0
Extensa (núcleo com ou sem filhos e outros parentes)	1	1	0/1	0	1	0	0
Extensa (chefe, filhos, com ou sem pais o filhos e com outros parentes)	1	0	1	0/1	1	0	0
Extensa (chefe, filhos e pais ou sogros com o sin otros parentes)	1	0	1	1	0/1	0	0
Extensa (nuclear com chefe filho e otros parentes)	1	0	0	1	1	0	0
Extensa (chefe e otros parentes)	1	0	0	0	1	0	0
Composta (chefe com o sin núcleo, com o sin otros parentes e não parentes)	1	0/1	0/1	0/1	0/1	1	0
Composta (chefe com o sin núcleo, com o sin otros parentes ou não parentes, com serviço doméstico)	1	0/1	0/1	0/1	0/1	0/1	1

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora.

Da variável situação conjugal

Com a finalidade de conhecer a situação conjugal dos idosos foi elaborada uma tipologia que dá ênfase nas condições de convivência. O questionário da ECH 2007 recolhe diversas informações relacionadas ao estado civil, à convivência com o cônjuge e ao estado conjugal. Baseando-se no cruzamento dessas informações foi criado um conjunto de categorias, posteriormente reagrupadas na tipologia exibida na análise. A organização das mesmas mostra-se no Quadro 2a embaixo.

QUADRO 2a - Categorização da situação conjugal partindo das variáveis “estado civil actual”, “tipo de unión” e “conyugue o pareja en el hogar”*, ano 2007

Cónyuge o pareja en el hogar (e37)	Tipo de unión (e39)	Estado civil actual (e40)	Categorías generadas (I)	Categorías generadas (II)
Si	Casamiento civil	-----▶	Casado (en convivencia)	Casados en convivencia; Uniones libres
		Divorciado	Divorciado en unión libre	
		Casado (incluye separado que aún no se divorció)	Casado en unión libre	
	Unión libre	Viudo	Viudo en unión libre	
		Soltero	Soltero en unión libre	
		Separado de unión libre	Separado de unión libre y en unión libre	
		Casado (incluye separado y aún no se divorció)	Casado (no conviviente)	
No	-----▶	Viudo	Viudo	Viudos
		Soltero	Soltero	Solteros
		Divorciado	Divorciado	Divorciados;
		Separado de unión libre	Separado de unión libre	Separados de uniones libres

FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

Das variáveis sobre renda mensal do hogar

As variáveis com as que foram levantadas as informações sobre a renda dos hogares nas ECH tem sido modificadas e enriquecidas pelo INE de 2001 para 2007. Para o ano 2001 a base de dados possui uma variável agregada que mede a renda total corrente das pessoas. A somatória dessa renda corresponde a outra variável agregada que descreve a renda total do hogar. Para 2007 realizamos o cálculo de uma variável que estima a renda total do hogar (seguindo como modelo uma variável agregada que o INE construiu para o ano 2006). Este inclui a somatória da renda de todos os membros do hogar, mas a renda correspondente a prestações do hogar, que não são adjudicadas a um membro em particular: é o caso de alguns benefícios recebidos por prestações de políticas sociais dirigidas ao hogar. Por considerar a informação correspondente aos benefícios de importância para enriquecer a análise – já que se refere à população de baixos recursos – optamos por incluí-la no cálculo de renda dos hogares em 2007. Além disso, consideramos as informações de renda da ECH 2007 mais confiáveis pelo fato da amostra ser maior. Assim, as variáveis de renda dos hogares, tal como foram calculadas neste trabalho não são diretamente comparáveis entre 2001 e 2007. A informação fornecida por cada uma das variáveis agregadas que foram utilizadas estão detalhadas nos Quadros 3 e 4.

QUADRO 3a - Variáveis atribuídas à renda do hogar, 2007

<p>Políticas sociales Canastas alimentarias y comedor adjudicadas a los menores de 14 años Ingreso ciudadano Apoyo alimentario Panes</p> <p>Transferencias Dinero recibido de algún otro familiar u otro hogar en el país. Ayuda en especie recibida de algún otro familiar u otro hogar en el país. Colaboración económica recibida de algún familiar en el exterior. Cuota mutual si es paga por alguna persona familiar de otro hogar u otro Cuota de emergencia móvil si es paga por alguna persona familiar de otro hogar.</p> <p>Otros ingresos Ingreso por viviendas alquiladas en el país o extranjero: ingresos por arrendamiento, medianería, pastoreo, ganado a capitalización. Intereses recibidos Utilidades y dividendos de algún negocio en el que no trabaja, acciones, bonos, letras. Indemnización por despido</p>

FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

QUADRO 4a - Variáveis atribuídas à renda das pessoas, 2001 e 2007

<i>Trabajadores dependientes (ocupación principal y secundaria)</i>	2001	2007		2001	2007
Ingreso por sueldo o jornales líquidos.	X	X	Retiro de productos para consumo propio (trabajador agropecuario)	-	X
Comisiones, incentivos, horas extras, habilitaciones.	X	X	Ingreso por medianería o parceria	-	X
Viáticos no sujetos a rendición.	X	X	Por pastoreo	-	X
Propinas	X	X	Por ganado a capitalización	-	X
Aguinaldo	X	X	Ingresos por transferencias y políticas sociales.		
Salario vacacional	X	X	Ingresos por jubilaciones	X	X
Pagos atrasados	-	X	Pensiones	X	X
Boletos de transporte.	X	X	Seguro de desempleo	X	X
Alimentos o bebidas recibidas	X	X	Compensaciones por accidente, maternidad o enfermedad	X	X
Ticket alimentación	-	X	Becas, subsidios, donaciones	X	X
Vivienda o alojamiento recibidas	-	X	Asignaciones familiares	X	X
Cuotas mutuales recibidas no declaradas en el sueldo	X	X	Hogar constituido	X	X
Otro tipo de retribución en especie recibida (transporte, vestimenta, servicios de guardería, becas de estudio, etc.)	-	X	Pensión alimenticia recibida, o alguna contribución por divorcio o separación	X	X
Otro tipo de complemento recibido pagado por el empleador (complemento al seguro de desempleo, etc.)	-	X	Ayudas familiares o de otros hogares	X	X
Derecho al pastoreo			Canastas y comedor (para mayores de 14 años)	-	X
Derecho a cultivo para propio consumo	-	X	Otros ingresos		
Monto de cuota/s mutual/es pagada por empleador	-	X	Alquileres	X	-
Monto de cuota emergencia móvil pagada por empleador	X	X	Arrendamiento de terrenos o campos	X	-
Ingresos del trabajador no dependiente (negocio propio)	-	X	Intereses provenientes de cuentas bancarias o préstamos a terceros	X	-
Retiros realizados para gastos del hogar			Utilidades o dividendos provenientes de participación de negocios en los cuales no trabaja, acciones, bonos o letras	X	-
Distribución de utilidades	X	X	Indemnización por despido	X	-
Retiro de productos para consumo propio (trabajador no agropecuario)	X	X	Otros ingresos corrientes	X	-

FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

Sobre a distribuição segundo quartis de renda

A renda per capita mensal é calculada como o quociente entre a somatória da renda do hogar e o número de pessoas que moram nele. Para gerar as distribuições segundo quartis de renda per capita do hogar se realizou o seguinte processo, para o ano 2007: o primeiro quartil inclui hogares com renda per capita menor de \$4.100 (em pesos uruguaios). Esse valor corresponde ao limite máximo de renda percebida por 25% dos hogares montevideanos nesse ano. No segundo quartil foram incluídos aqueles hogares com renda per capita de entre \$4101 e \$7300 o que corresponde à mediana da renda per capita dos hogares⁶²; no terceiro aqueles de entre \$7301 e \$12629, e no quarto aqueles com mais de \$12630. Em 2001 o primeiro quartil corresponde aos hogares com renda per capita menor a \$2615; o segundo àqueles de entre \$2616 e \$4387; o terceiro a aqueles entre \$4388 e \$7386 e o quarto a aqueles com rendimento mensal per capita maior de \$7387.

⁶² A mediana é o valor de uma variável que separa 50% das observações que apresentam valores menores, e 50% acima.

Em 2007 no primeiro quartil ficaram colocados os hogares com renda per capita inferior a aproximadamente 1,3 Salários Mínimos Nacionais, no segundo aqueles de entre 1,4 e 2,3; no terceiro aqueles entre 2,4 e 4, e no quarto aqueles com mais de 4,1 SMN. Em 2001 no primeiro quartil foram colocados aqueles hogares com renda per capita menor a 2,4 SMN, no segundo aqueles entre 2,5 e 4; no terceiro aqueles entre 4,1 e 6,8 e no quarto aqueles de mais de 6,9 SMN.

Na reagrupação dos variáveis de renda percebida pelos idosos usaram-se os valores dos salários mínimos, tanto nas bases da ECH como na da SABE. Isso para evitar, que pela SABE ter maior representação de idosos com renda muito alta, a media ficasse muito por encima dos valores obtidos através da ECH. Os valores do Salário Mínimo Nacional considerados foram: \$ 1.060,00 em 2000; 1.092,00 em 2001 e \$ 3.244,00 (jan.) e 3.075,00 (jul.) em 2007⁶³.

Do cruzamento de dados

Pelo fato de se trabalhar com dados de uma amostra, o número de casos nem sempre permitiu realizar todos os cruzamentos que poderiam ter relevância sobre as questões aqui tratadas. Como é sabido, realizar uma análise que pretenda generalizar suas conclusões com um número reduzido de casos pode conduzir a raciocínios que distorcem significativamente a realidade. Assim, cruzamentos com múltiplas variáveis simultâneas (por exemplo, renda per capita, sexo e tipos de configuração doméstica) não foram realizados.

Um número mínimo de casos nos dados amostrais não expandidos foi mantido como critério para a utilização das tabelas na análise (mais de 30). Nos casos em que não era atingido um número satisfatório de casos em todas as categorias optou-se por reduzir o número de categorias das variáveis (por exemplo, renda per capita foi utilizada com quatro ou duas categorias a depender do caso), ou desconsiderar as categorias na análise.

⁶³ Dados do INE, tomados da página web do instituto.

ANEXO B – TABELAS

TABELA 1 - Distribuição dos arranjos domésticos em hogares com ou sem idosos, Montevideo, anos 2001 e 2007

CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	Total dos hogares		Hogares sem idosos		Hogares com idosos	
	2001	2007	2001	2007	2001	2007
Unipessoal	71.841	102.238	31.394	50.958	40.447	51.280
Nuclear sem filhos	65.259	75.285	29.963	40.737	35.296	34.548
Nuclear com filhos	184.555	190.194	155.822	163.989	28.733	26.205
Extensa	71.445	58.996	31.185	28.440	40.260	30.556
Composta	10.526	11.310	6.168	7.141	4.358	4.169
TOTAL	403.626	438.023	254.532	291.265	149.094	146.758

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora

TABELA 2 - Proporção (%) de hogares com e sem idosos, segundo configuração doméstica, Montevideo, 2001 e 2007

HOGARES	2001					
	Unipessoal	Nuclear sem filhos	Nuclear com filhos	Extensa	Composta	Total
Sem idosos	43,7	45,9	84,4	43,6	58,6	63,1
Com idosos	56,3	54,1	15,6	56,4	41,4	36,9
TOTAL	100	100	100,0	100,0	100,0	100,0
TOTAL (n)	71.841	65.259	184.555	71.445	10.526	403.626
HOGARES	2007					
	Unipessoal	Nuclear sem filhos	Nuclear com filhos	Extensa	Composta	TOTAL
Sem idosos	49,8	54,1	86,2	48,2	63,1	66,5
Com idosos	50,2	45,9	13,8	51,8	36,9	33,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
TOTAL (n)	102.238	75.285	190.194	58.996	11.310	438.023

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora

TABELA 3 – Distribuição (%) da população idosa segundo configuração doméstica por grupos etários quinquenais. Montevideo, 2001 e 2007

CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2001				2007			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 y más
Unipessoal	18,0	18,1	23,5	26,0	20,6	24,7	31,3	33,3
Nuclear sem filhos	33,6	37,0	28,1	21,3	34,5	37,1	32,6	22,3
Nuclear com filhos	23,5	17,3	15,5	15,2	23,1	16,6	13,5	14,4
Extensa	23,3	25,4	30,7	34,8	19,7	18,9	20,0	26,7
Composta	1,6	2,3	2,2	2,7	2,1	2,7	2,6	3,3
TOTAL	100,0							

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora.

TABELA 4 - Distribuição da população idosa segundo grupos de idade, configuração doméstica e quartis de renda do hogar. Montevidéu, 2001 e 2007

CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2001							
	1º QUARTIL				2º QUARTIL			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	875	971	435	546	2.615	2.424	1.830	2.755
Nuclear sem filhos	2.745	2.723	871	1.389	6.471	7.044	2.995	2.812
Nuclear com filhos	2.974	1.707	1.054	1.124	3.925	3.272	1.451	1.622
Extensa	4.608	4.503	2.755	3.033	4.775	4.505	4.127	4.492
Composta	407	365	124	241	265	348	304	322
TOTAL	11.609	10.269	5.239	6.333	18.051	17.593	10.707	12.003
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2001							
	3º QUARTIL				4º QUARTIL			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	2.702	2.705	2.491	3.386	4.721	4.228	3.918	3.845
Nuclear sem filhos	6.598	6.474	3.387	2.362	4.606	4.929	3.141	2.049
Nuclear com filhos	3.791	2.902	2.035	1.686	3.570	1.987	1.178	1.707
Extensa	2.789	3.353	2.761	3.597	1.971	2.150	1.708	2.954
Composta	128	422	315	419	727	536	511	810
TOTAL	16.008	15.856	10.989	11.450	15.595	13.830	10.456	11.365
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2007							
	1º QUARTIL				2º QUARTIL			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	1.437	1.202	1.227	985	2.492	3.132	3.106	3.906
Nuclear sem filhos	2.361	2.112	1.098	632	5.270	6.168	4.561	3.324
Nuclear com filhos	2.022	1.593	991	823	3.569	2.592	1.847	1.977
Extensa	3.908	3.009	2.557	2.428	3.558	3.177	2.616	4.274
Composta	409	473	420	389	368	428	339	538
TOTAL	10.137	8.389	6.293	5.257	15.257	15.497	12.469	14.019
CONFIGURAÇÃO DOMÉSTICA	2007							
	3º QUARTIL				4º QUARTIL			
	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais	65 a 69	70 a 74	75 a 79	80 e mais
Unipessoal	3.330	3.878	4.062	5.121	3.226	3.589	4.848	5.717
Nuclear sem filhos	4.815	5.251	4.355	3.583	5.152	4.240	3.785	2.982
Nuclear com filhos	3.194	2.166	1.627	2.148	2.968	1.588	1.248	1.872
Extensa	1.865	1.830	2.225	3.880	703	1.037	1.088	2.043
Composta	197	204	226	283	171	304	190	848
TOTAL	13.401	13.329	12.495	15.015	12.220	10.758	11.159	13.462

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora

TABELA 5 - Distribuição da condição de atividade do idoso segundo configuração doméstica, Montevidéu, 2001 e 2007

CONDIÇÃO DE ATIVIDADE	2001			
	Unipessoal	Nuclear sem filhos	Nuclear com filhos	Extensa
Ocupado	4.521	6.020	5.089	5.843
Desocupado	617	349	865	512
Inactivo pensionista	9.488	2.789	5.994	11.870
Inactivo aposentado	24.949	42.724	20.855	32.471
Inactivo que faz as tarefas domésticas	411	7.441	2.539	2.463
Outro inactivo	461	1.273	643	922
TOTAL	40.447	60.596	35.985	54.081
CONDIÇÃO DE ATIVIDADE	2007			
	Unipessoal	Nuclear sem filhos	Nuclear com filhos	Extensa
Ocupado	7.137	8.813	5.678	5.078
Desocupado	201	416	353	322
Inactivo pensionista	12.540	2.360	5.726	9.288
Inactivo aposentado	29.698	40.059	17.374	22.260
Inactivo que faz as tarefas domésticas	969	6.912	2.506	2.305
Outro inactivo	713	1.129	588	945
TOTAL	51.258	59.689	32.225	40.198

FONTE: ECH 2001 e 2007. Elaboração da autora

TABELA 6 - Distribuição (%) dos hogares com chefia idosa segundo recepção de “renda destinada ao hogar” por tipo de configuração doméstica e sexo, Montevidéu, 2007

RENDA DO HOGAR	Unipessoal		Nuclear sem filhos		Nuclear com filhos		Extensa	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Recebe	36,5	59,9	41,5	40,5	34,9	41,8	42,3	49,2
Não recebe	63,5	40,1	58,5	59,5	65,1	58,2	57,7	50,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

TABELA 7 - Distribuição (%) dos hogares com chefia idosa segundo origem da “renda destinada ao hogar” por tipo de configuração doméstica e sexo, Montevidéu, 2007

ORIGEM DA RENDA DO HOGAR	Unipessoal		Nuclear sem filhos		Nuclear com filhos		Extensa	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Hogares	66,4	77,6	49,9	55,4	41,8	57,5	61,5	70,6
Ganhos	25,6	16,0	38,2	36,0	38,6	21,7	17,9	7,5
Institucionais	0,0	0,2	3,1	3,2	10,5	8,2	10,7	8,2
Mais de uma	8,0	6,2	8,8	5,5	9,1	12,7	9,8	13,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ECH 2007. Elaboração da autora.

TABELA 8 - Idosos segundo participação em alguma direção do fluxo de ajudas no hogar*, Montevidéu, 2000

DIREÇÃO DA AJUDA	n	%
Recebe e fornece ajuda	236.956	89,3
Só recebe ajuda	9.328	3,5
Só fornece ajuda	9.454	3,6
Não recebe nem fornece ajuda	9.566	3,6
Total	265.304	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora.

* Hogares pluripessoais

TABELA 9 - Proporção (%) de idosos que declaram cuidar crianças de fora de seus hogares por configuração doméstica, Montevidéu, 2000

CUIDA CRANÇAS DE FORA DO HOGAR	Unipessoal	Nuclear sem filhos	Nuclear com filhos	Extensa	Composta	Total
Não	86,5	76,0	85,1	94,0	90,7	86,0
Sim	13,5	24,0	14,9	6,0	9,3	14,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora. Amostra: N= 334.316 (expandido); N= 1.133 (sem expandir)

TABELA 10 - Proporção (%) de idosos que participam de ajudas fora do hogar (recebem ou fornecem) por relação de parentesco. Montevidéu, 2000

AJUDA EXTERNAS AO HOGAR	FORNECIDA			RECEBIDA		
	Filhos	Irmãos	Outros	Filhos	Irmãos	Outros
Sim	32,2	12,6	6,1	37,5	13,1	6,2
Não	67,8	87,4	93,9	62,5	86,9	93,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SABE 2000. Elaboração da autora.